

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS  
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E TEOLOGIA  
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

**FAMÍLIA E SEXUALIDADE: O CASO DA VIDEIRA – IGREJA  
EM CÉLULAS**

Ana Dias Campos Rodrigues

GOIÂNIA

2007

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS  
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E TEOLOGIA  
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

**FAMÍLIA E SEXUALIDADE: O CASO DA VIDEIRA - IGREJA  
EM CÉLULAS**

Ana Dias Campos Rodrigues

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião – Mestrado em Ciências da Religião, da Universidade Católica de Goiás, como requisito para obtenção do Grau de Mestra

Orientadora: Dra. Carolina Teles Lemos

GOIÂNIA

2007

R696f Rodrigues, Ana Dias Campos.

Família e sexualidade : o caso da Videira – Igreja em Células. – 2007.

150 f.

Dissertação (mestrado) Universidade Católica de Goiás, Mestrado em Ciências da Religião, 2007.


“Orientadora: Profª. Dra. Carolina Teles Lemos”.

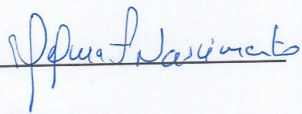
1. Sexualidade. 2. Família. 3. Gênero. 3. Videira – Igreja em Células. I. Título.

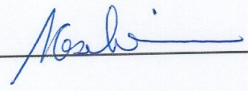
CDU: 2:392.3(043)

284(043)

DISSERTAÇÃO DO MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO DEFENDIDA  
EM 29 DE MAIO DE 2007  
E APROVADA COM A NOTA 9,0 (NOVE INTEIROS)  
PELA BANCA EXAMINADORA

1) Dra. Carolina Teles Lemos / UCG (Presidente) 

2) Dra. Telma Ferreira Nascimento / UCG (Membro) 

3) Dra. Maria da Conceição Silva / UFG (Membro) 

Dedico este trabalho a minha mãe Ana pelo cuidado e preocupação que devotou a  
mim;

Ao meu companheiro Davi com quem eu tenho uma aliança de amor;

A minha filha Débora, herdeira no Senhor. Você é muito especial, te amo sempre;

Agradeço a Deus, na pessoa de Jesus Cristo, com quem eu desejo sempre estar, pois é Ele que tem me dado uma nova história e um novo modo de ver e viver a vida olhando todas as coisas do mundo sobre novo prisma.

À Universidade Católica de Goiás pelo compromisso de transmitir conhecimento a todos aqueles que o procuram.

À minha orientadora, Professora Carolina Teles Lemos, pela paciência, pela presteza, pelo interesse, pela dedicação à orientação. Tenha certeza que aprendi muito com você.

A todos os colegas de curso, pela convivência que tivemos, foi muito bom, sentirei saudades.

À minha família pela paciência, pelo amor e dedicação a mim ofertados e pela força nos momentos em que desejava abandonar o caminho e desistir da caminhada, vocês são meu tesouro.

Ao meu grupo de amigas e amigos, pessoas da 1.<sup>a</sup> Igreja de Deus no Brasil do Jardim Vila Boa que torceram por mim durante a realização de todo este trabalho e desejavam a minha companhia em todas as programações que eu não podia estar, o amor de vocês me constrange

## RESUMO

CAMPOS RODRIGUES, Ana Dias. *Família e sexualidade: o caso da Videira – Igreja em Células*. (Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião), Goiânia: UCG - 2007.

Este trabalho nasceu do desejo de compreender quais as motivações que levam os fiéis da Videira – Igreja em Células a se absterem do sexo fora matrimônio, aderindo ao conceito da Corte e verificar qual é a oferta religiosa da referida igreja que leva os fiéis a praticarem abstinência sexual fora do matrimônio. Foi realizada uma pesquisa documental, tomando como método a fenomenologia e a análise sociológica de pesquisa. Os conceitos de família e de sexualidade foram sofrendo modificações através dos tempos. Atualmente, a família não obedece mais ao tradicional modelo da família patriarcal e a sexualidade passou a ser compreendida como algo construído socialmente, apresentando-se de maneira diversificada. A Videira – Igreja em Células, sendo fundamentalista, busca resgatar o tradicional modelo da família patriarcal com o discurso de abstinência sexual e a promoção do controle da sexualidade, afim de obter a felicidade no casamento, lutando contra o elevado índice de famílias dissociadas.

Palavras-chave: Sexualidade, família, patriarcado, família patriarcal, gênero e Videira – Igreja em Células.

## ABSTRACT

CAMPOS RODRIGUES, Ana Dias. *Family and sexuality: the case of Vineyard – Church in Cell's*. (Post-graduation program in Sciences in the Religion), Goiânia: UCG - 2007.

This work has born of the desire to understand what are the motivation that make the Vineyard – Church in Cell's followers refrain themselves to make sex check out what is the religion offer of that church that maje the followers, prácctice sexual abstinence before marriage. It was made a documentary research, using as a method the phenomenology and sociological analysis research. The family an marriage concepts have been suffering changes through the years. The family nowadays do not obey the tradicional patriarchal family model anymore, as in the past an the sexuality has been understood as something that is structured by a social way of living, presenting a diversity form. The Vineyard – Church in Cell, which is fundamentalist, desires and tries to rescue the traditional patriarchal family model with a sexual abstinence speech and a promotion of a sexuality control it's objective is to obtain the happiness in marriage struggling against the high level of dissociate families.

Key-words: Sexuality, family, patriarchate, patriarchal family, gender and Vineyard – Church in Cell.



## SUMÁRIO

<b>RESUMO</b>	<b>7</b>
<b>ABSTRACT</b>	<b>8</b>
<b>1 INTRODUÇÃO</b>	<b>10</b>
<b>2 CAPÍTULO I</b>	<b>18</b>
2.1 RELIGIÃO E PATRIARCADO	18
2.1.1 Religião	18
2.1.2 As Funções da Religião	38
2.1.3 Família Patriarcal	43
<b>3 CAPÍTULO II</b>	<b>60</b>
3.1 A VIDEIRA COM SUA PROPOSTA DE FAMÍLIA PATRIARCAL	60
3.1.1 A Videira	60
3.1.2 A Proposta da Família Patriarcal	66
3.1.3 Sexualidade como Forma de Acesso à Família Patriarcal	74
<b>4 CAPÍTULO III</b>	<b>104</b>
4.1 A TEOLOGIA FEMINISTA, O AMOR ROMÂNTICO E O CONTROLE DA SEXUALIDADE	104
4.1.1 As Críticas da Teologia Feminista ao Patriarcado	104
4.1.2 O Discurso Tradicional num Contexto de Família em Transformação	114
4.1.3 A Luta da Videira – Igreja em Células por Manutenção Frente às Mudanças Sociais e Tantas Ofertas Religiosas	131
<b>5 CONCLUSÃO</b>	<b>140</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>144</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Historicamente a religião tem sido um elemento estruturante da cultura e é por ela estruturada. Por esse motivo consideramos relevante seu estudo. No que se refere à fé, o aspecto sexual tem grande importância, fazendo com que algumas pessoas religiosas escolham uma forma de vida diferente quanto à prática sexual.

A sexualidade é um tema a ser analisado à luz da religião, visto que o homem também é um ser religioso.

No grupo religioso Videira – Igreja em Células, a preocupação com o desenvolvimento social e sexual, principalmente dos jovens e adolescentes, tem levado-o a tratar de assuntos relacionados à sexualidade de diversas formas, sendo que uma delas é o surgimento de literatura religiosa onde se busca falar de assuntos como gravidez, métodos contraceptivos, namoro, relacionamentos e comportamento em geral.

Dentre esses ensinamentos, há a idéia de que o sexo só pode ser saudável e feliz se for realizado dentro do casamento com a pessoa amada, para isso o texto chave encontra-se na carta aos Hebreus, capítulo 13, verso 4: “Honrado seja entre todos o matrimônio e o leito sem mácula; pois aos devassos e adúlteros, Deus os julgará”. Isso significa, segundo o referido grupo, reconhecer que nada existe de desonroso nas relações do matrimônio e que sua intimidade física não produz qualquer contaminação, quando corretamente praticada (DAVIDSON, 1997, p. 1378).

Cada confissão religiosa possui um conjunto de conceitos básicos, uma doutrina para se fundamentar. Segundo Lemos (2001, p. 630), “entre as diversas instituições sociais que intervêm no comportamento reprodutivo e sexual, a Igreja é

a única que dispõe de uma doutrina explícita sobre a legitimação”, seja dos meios anticoncepcionais ou de abstinências, pelo celibato ou mesmo para seguir o ensinamento doutrinal de praticar o sexo apenas após o casamento.

Para os líderes da Videira – Igreja em Células, a abstinência sexual fora do matrimônio é condição para que haja felicidade nas bodas. Isto porque a prática ‘ilícita’ do sexo, além de trazer possibilidade de Doenças Sexualmente Transmissíveis - DST, pode acarretar danos ao espírito, haja vista que o corpo é o templo do Espírito Santo. O lugar de habitação de Deus deve ser limpo e a prática de sexo fora do matrimônio é considerada impura. Os fiéis da Videira – Igreja em Células, ao receber tal discurso, aderem à prática da corte com o desejo de buscar a felicidade prometida no matrimônio.

Relacionar-se sexualmente depende da escolha de cada pessoa, sendo ela quem detém a responsabilidade de seu corpo, podendo praticar ou não o sexo. Mas por que abster-se no lugar do prazer? Deschner (1989) considerou que, segundo algumas pessoas, existiam forças inimigas que apareceram e fizeram com que se iniciasse uma guerra entre os sexos ou contra a sexualidade em geral. Prova disso é que um devoto, quando sentia desejo de satisfação religiosa e auto-indulgência, fazia penitência para obter êxito, saúde e vida eterna.

O desejo e a busca por um resultado auspicioso leva o Ser Humano a fazer perguntas existenciais, como por exemplo: De onde vim, para onde vou? Qual o sentido da minha vida? E do mundo, da história? Qual a utilidade do meu existir? Perguntas como estas são consideradas de cunho religioso, mesmo que inconfessadamente (MASSIMI E MAHFOUD, 1999, p. 11). Perguntas sobre sexualidade ocorrem nesse mesmo âmbito.

Segundo Erthal (1989, p. 27), Kierkegaard em o desespero de si, no desejo de responder a estas perguntas, reflete a teoria de três estágios na vida humana, mesmo não sendo todos os indivíduos que passam por eles, mas são opções que cada um realiza no decorrer da sua existência.

Os três estágios são: o estético, que tem o prazer como objeto principal da vida onde o indivíduo coloca-se ao sabor dos impulsos, imperando a dor e o tédio. Sendo o tédio uma ameaça constante neste estágio busca-se um segundo, o ético, que está ligado ao dever, às regras e às exigências a que o indivíduo está exposto. Aqui o mais importante não é a quantidade de dever e sim a intensidade sentida pelo indivíduo, sendo a liberdade limitada pelo social. Com a idéia de pecado esta etapa fracassa, imperando o arrependimento e surgindo assim o terceiro estágio, que é o religioso, onde a escolha do indivíduo independe de critérios pulsivos, racionais ou de regras universais, porém depende da fé, onde o ser religioso não é mais preso ao seu eu, mas ao nós, transparecendo a si mesmo, e ao olhar para si ou para o mundo, vê a Deus. Assim sendo, é na religiosidade que o indivíduo vai atingir uma relação com o Absoluto e encontra a existência que tanto almeja.

A partir do que foi exposto sentiu-se o desejo de estudar quais são as motivações oferecidas pela Videira – Igreja em Células e por que os fiéis aderem a elas quanto a abstinência sexual fora do matrimônio.

A análise de nossa pesquisa está inserida em um contexto amplo, verificando a inter-relação entre as concepções de sexualidade e de família na referida expressão religiosa.

Em uma perspectiva socioantropológica, considera-se a família, a sexualidade e a religião como redes de relações que envolvem variados aspectos,

tais como a reprodução biológica e social, encontros sexuais e sociabilidade, crenças e rituais (HEILBORN, 2005, p. 9).

Um fator que merece destaque no processo de socialização é que o processo de individualização se constrói na base da dependência e da interdependência. A família, os grupos religiosos e o indivíduo, com o intuito de possibilitar melhores formas de relações, se unem em um processo de negociação, a fim de apresentarem propostas de valores que facilitem a convivência. Isto inclui a construção de identidade pessoal “compreendida pela socialização em sexualidade, práticas e valores sexuais, conjugabilidade, crenças, adesão e/ou conversão religiosa” (HEILBORN, 2005, p. 11).

É relevante mencionar os dois modelos de família que são apresentados na literatura antropológica e sociológica que servem para interpretar as sociedades moderno-contemporâneas: o modelo tradicional da família patriarcal e o modelo família conjugal moderna (ALVES, 2005, p. 19).

A família tem mudado muito a partir das últimas décadas. Em uma mesma casa vê-se filhos de diferentes pais, ou seja, a mulher que já foi casada e teve filhos no primeiro casamento, hoje divorciada, casa-se com um homem que também teve um relacionamento com filhos e todos vão morar numa mesma casa. Isso sem falar naquelas casas onde se tem apenas a mãe ou somente o pai, os denominados pais solteiros. Perdeu-se o sentido de família estruturada e nomeada como modelo patriarcal, pai-mãe e filhos vivendo juntos em uma mesma casa.

Essas mudanças no que se refere às famílias chama a atenção e desperta curiosidade, pois a instituição religiosa Videira – Igreja em Células, visando manter o padrão de modelo tradicional da família patriarcal, recorreu à prática da Corte,

com o fim de que se melhore os relacionamentos familiares entre marido e esposa, pais e filhos. Assim, a união permanece 'até que a morte os separe'.

A intenção inicial era de realizar uma pesquisa de campo com entrevista, mas foram encontradas dificuldades no campo de pesquisa, pois não houve um facilitador que possibilitasse o recolhimento dos dados. Essa dificuldade se deu, principalmente, quando a pesquisadora foi questionada acerca da confissão religiosa, ou seja, perguntaram se a pesquisadora pertencia à Videira - Igreja em Células. Com a negativa, não se conseguiu falar com o pastor responsável, obtendo-se sempre a resposta de que não estava no momento, ou que estava viajando; e, ainda, quando procurado pelo celular dentro da própria instituição, não era localizado. Isso repetiu-se várias vezes.

Por fim, foi solicitado que a pesquisadora ligasse para falar com o pastor responsável pela visão da Corte. O resultado foi idêntico ao anterior. Uma vez chegaram até a marcar horário mas com o pedido de ligar para confirmar, porém não foi confirmado a reunião com o pastor presidente.

Levado ao conhecimento da orientadora, foi sugerido que, com o fim de não se perder tudo que já fora feito, o tipo de pesquisa fosse alterado, passando da pesquisa de campo para pesquisa documental.

Portanto, dadas as circunstâncias e seguindo sugestão da orientadora, nos vimos obrigadas a mudar nossa pesquisa que deveria ser de campo para a pesquisa do tipo documental. Exploramos, então, documentos de arquivos particulares de instituições de ordem privada, no caso a Videira – Igreja em Células, onde encontram-se registros, ofícios, correspondências, atas, memoriais, programas, comunicados etc., com o objetivo de obter respostas para o comportamento de abstinência do sexo fora do casamento.

A pesquisa utilizou-se da fenomenologia e da análise sociológica de pesquisa. A fenomenologia consiste em uma ciência descritiva do objeto, fato ou realidade. “Fenomenologia é a ciência que se aplica ao estudo dos fenômenos: dos objetos, dos eventos e dos fatos da realidade” (PETRELLI, 2001, p. 15). Da aparência para a essência, isso é fenomenologia. Fenômeno é tudo aquilo que aparece, se manifesta ou se revela por si mesmo.

O método fenomenológico pode seguir por dois caminhos: o filosófico e o empírico, em ambos, o ponto de partida é a realidade e o objetivo será a compreensão (MOREIRA, 2002, p. 83-125). É adequado sempre que se queira dar destaque à experiência de vida das pessoas. Tal método utiliza a redução (*epoché*) que pode ser descrita didaticamente em três etapas distintas, embora simultâneas e presentes em um único ato de conhecimento e de análise da realidade.

A primeira seria a redução à pura consciência intencional. Denomina-se Redução História ou “Teorética” (PETRELLI, 2001, p. 25). Nela se elimina qualquer preconceito, hipótese ou idéia antecedente, não direciona o evento, apenas o descreve. Tenta-se observar todos os significados sem negar a realidade, respeitando as dimensões do outro.

A segunda seria a Redução Eidética (das Essências) em que se retira todo o variável e fica apenas com o que não varia, ou seja, a essência. Procura-se nesse caso a constância, a essência universal.

A terceira e última etapa, chamada Redução ôntica ou Transcendental, baseia-se nas essências individuais de Heidegger (PETRELLI, 2001, p. 28). Nela se busca a singularidade, a individualidade. O ser como único e incomparável.

O levantamento de dados faz parte de todo tipo de pesquisa científica. Este é o primeiro passo e pode ser feito através da pesquisa documental ou pela pesquisa bibliográfica.

A pesquisa documental caracteriza-se pela coleta de dados restrita a documentos, sejam eles escritos ou não. Suas fontes documentais podem ser os arquivos públicos, particulares ou fontes estatísticas. Seus tipos de documentos são os escritos, que variam em oficiais, publicações parlamentares, documentos jurídicos, fontes estatísticas que incluem como fatores principais a negligência, forma de coleta de dados, definição dos termos, informações recolhidas dos interessados, publicações administrativas, documentos particulares que enfrentam problemas como: falsificação, apresentação errada do próprio autor e desconhecimento dos objetivos (MARCONI E LAKATOS, 2005, p. 192).

A análise dos resultados foi realizada a partir dos dados obtidos nos documentos, principalmente no livro *Corte versus Namoro Relacionamento Radical* que faz parte da indicação de leitura para as pessoas que aderem ao grupo Corte da Videira – Igreja em Células e é uma publicação da Editora Videira, da referida confissão religiosa. Coletamos também informações em Cds, DVDs e fitas de vídeo locados na Livraria da Videira. Participamos ainda de *Workshops* e Conferência da Família, atividades realizadas na Videira – Igreja em Células.

Com os objetivos: de compreender as motivações que levam os fiéis da Videira – Igreja em Células a se absterem do sexo fora do matrimônio, aderindo ao conceito da Corte e verificar qual é a oferta religiosa da Videira – Igreja em Células que leva os fiéis a praticarem abstinência sexual fora do matrimônio, este trabalho foi organizado da seguinte maneira:



O Capítulo I atém-se a definir o que é religião, suas funções, apresentando as idéias religiosas no que se refere ao aspecto familiar e da sexualidade; e, ainda, apresentar a família patriarcal, conceituando patriarcado, família, família patriarcal e sexualidade em um contexto de família patriarcal.

O Capítulo II busca apresentar a Videira com sua proposta de família patriarcal. Concentra-se em apresentar um breve histórico do surgimento da Videira – Igreja em Células, sua proposta de família patriarcal e a sexualidade como forma de acesso à família patriarcal.

Por fim, no Capítulo III serão apresentada as reflexões sobre as críticas da teologia feminista ao patriarcado; o discurso tradicional num contexto de família em transformação; e a luta da Videira – Igreja em Células em se manter frente a tantas ofertas religiosas.

## **2 CAPÍTULO I**

### **2.1 RELIGIÃO E PATRIARCADO**

#### **2.1.1 A Religião**

Mesmo com tantas mudanças na atualidade a religião não perdeu o seu lugar na sociedade, ela continua a existir pela necessidade que o ser humano tem dela. A religião dá significado ao ser humano, ou seja, o indivíduo, ao sentir-se ameaçado de anomia por não conseguir se localizar na sociedade, busca e encontra na religião esse significado. A ameaça de anomia não é apenas individual, mas também coletiva, frente aos problemas da sociedade, no que se refere a diferentes formas de existência aqui na terra e depois da morte (BERGER, 1985, p. 35).

A religião é uma criação humana que dá significado a uma cultura e dá poder àquele que deu esse significado. No encontro de duas culturas a mais fraca é extinguida pela mais forte. Assim, o que faz mudar uma tradição é outra cultura, com o surgimento de novos sujeitos, novas tecnologias com uma nova comunicação e informação, novos valores. Com uma nova tradição sobrepondo a antiga cultura a antiga tradição sofre um re-significado (SHIRLEY, 1977).

A religião chega para dar sentido à vida humana. O homem é um ser que nasce para a morte e essa angústia leva-o a buscar e a criar formas de explicar e justificar a morte. A função da Igreja é legitimar tudo isso.

A religião fundamenta-se num fato religioso, em um evento. Com o tempo o mesmo fato vai se perdendo, daí novos significados vão sendo dados e assumindo, desta forma, um novo significado.

A memória auxilia na construção da identidade. A reconstrução de dados ou de noções comuns entre sujeitos ocorre em mão dupla, passando intensamente desse para aquele. Quadros do passado não coincidem quando ocorre apego a alguma parte do pensamento. Nós recuperamos do passado aquilo que é importante para nós hoje (BERGSON, 1999, p. 13-14).

O Ser Humano esquece, perde a memória e para combater a desmemória recorre a rituais. Os rituais religiosos servem como instrumento decisivo no processo da rememória.

A memória petrificada é aquela que não tem vida, está morta, porém ela torna-se viva através da fala de alguém que a faz reviver. Na imagem petrificada o objeto não vale como objeto, mas como sentimento, uma narrativa que provoca várias emoções. O objeto como instrumento de memória tem que ser interpretado. Cada vez que este é interpretado gera uma nova interpretação (JEUDY, 1990, p. 130-132).

A Bíblia é um objeto petrificado porque cada vez que é lida, ela fala alguma coisa. Ao se fazer um sermão, o pastor ou o padre está apenas fazendo uma interpretação das palavras escritas na Bíblia. Portanto, qualquer pessoa pode tirar suas próprias conclusões das Escrituras.

No que se refere ao objeto dessa pesquisa e a confissão religiosa Videira – Igreja em Células, percebe-se que esta faz uso das Escrituras para legitimar seu discurso sobre a abstinência do sexo fora do casamento com a prática da Corte e não somente se utiliza da Bíblia, mas também de experiências ou testemunhos pessoais.

A Videira – Igreja em Células possui o discurso de que o sexo praticado fora do casamento é pecado e que ninguém deve buscar um relacionamento sem que

antes esteja pronto para se casar. Essas afirmações têm origem na visão do Pastor Naor Pedroza, considerado profeta pelos membros da referida confissão religiosa. Profeta é o portador de um carisma puramente pessoal, o qual anuncia uma doutrina religiosa ou um mandado divino. Na congregação, se o profeta tiver êxito, atrairá ajudantes, assistentes e pessoas que o acompanhe permanentemente. Já o sacerdote “é incumbido da tarefa de determinar sistematicamente a nova doutrina vitoriosa ou a velha doutrina defendida contra os ataques proféticos” (WEBER, 1991, p. 314). É aquele que possui o saber, quem sistematiza a doutrina sagrada.

O que se pode perceber na Videira – Igreja em Células é que a figura do profeta é atuante. O profeta, que também é sacerdote, revela para a igreja a visão de que um matrimônio só pode ser feliz se forem observadas algumas coisas no relacionamento, incluindo aquele existente entre a pessoa e seus genitores. Por exemplo, se a moça não for submissa aos pais, ou seja, obediente, bondosa, carinhosa etc., isso significa que ela será da mesma forma com o futuro cônjuge. O mesmo acontece com o rapaz que porventura não tem nenhum respeito com os pais, principalmente com a mãe e as mulheres da família, no caso suas irmãs, da mesma forma tratará sua esposa.

Para ilustrar as afirmações, o profeta e sacerdote retrata casos e experiências, inclusive particulares, para fins de confirmação daquilo que está sendo transferido para os ouvintes adeptos ou que estão participando do seminário da Corte.

Através do livro *Corte versus Namoro: relacionamento radical*, o autor se afirma como alguém que veio trazer algo novo, que é um relacionamento conforme a vontade de Deus. Afirma que a vontade do Senhor é que haja uma mudança radical e que Ele quer levar as pessoas a tomarem uma decisão nesse sentido.

Deus não está interessado simplesmente em restringir e cercear nossos prazeres. Na verdade, Ele quer nos mostrar o caminho excelente e nos levar a experiências amorosas em nível arrebatador no casamento (PEDROZA, 2005, p. 16).

A Videira – Igreja em Células decidiu “buscar o caminho perfeito de Deus para os relacionamentos. Deus tem nos levado a conhecer e viver um novo paradigma abençoado de relacionamento afetivo entre homem e mulher antes do casamento” (PEDROZA, 2005, p. 21).

O lugar da religião na sociedade possui uma forma dialética, pois ao mesmo tempo em que a sociedade é uma construção humana, um produto do homem, também o homem é um produto da sociedade, pois é através dos processos sociais que o indivíduo se torna uma pessoa e atinge uma personalidade levando adiante os vários projetos constituidores da vida.

Para Berger (1985, p. 16), a sociedade em seu processo dialético possui três momentos que são denominados por ele de: 1. Exteriorização – é a contínua efusão do indivíduo no mundo, seja em atividade física ou mental. Aqui a sociedade é um produto humano; 2. Objetivação – que é a conquista das atividades física e mental. A sociedade torna-se realidade *sui generis*; e, 3. Interiorização – que é a reapropriação da mesma realidade, transformando-a de estruturas do mundo objetivo em estruturas da consciência subjetiva. Neste momento o homem é um produto da sociedade.

O Ser Humano no processo de construção do mundo, por sua própria atividade, especializa seus impulsos provendo-se de estabilidade e, estando privado biologicamente de um mundo constrói um mundo humano que é chamado de cultura.

A sociedade não pode existir sem que o homem particular se reproduza. Em toda sociedade existe uma vida cotidiana e todo homem que tem lugar ocupado na

divisão social do trabalho tem uma vida cotidiana. Isso não implica em que o conteúdo e a estrutura da vida cotidiana sejam iguais em toda sociedade e para toda pessoa. A reprodução do particular é a reprodução do homem concreto. Na vida cotidiana cada homem possui suas atividades e são pouquíssimos que tem atividade em comum com outros homens.

Para Heller (1998, p. 19) o conceito de vida cotidiana é “o conjunto de atividades que caracterizam a reprodução dos homens particulares os quais acreditam na personalidade da reprodução social”.

O homem só pode reproduzir a si mesmo na medida em que desenvolve uma função na sociedade. Portanto, a auto-reprodução é um momento da reprodução da sociedade. A vida cotidiana dos homens proporciona uma imagem da reprodução da respectiva sociedade. Oferecendo, por um lado, uma imagem da socialização e por outro, a alegria e o modo de sua humanização (HELLER, 1998, p. 20).

Segundo Heller (1998, p. 160), a religião é considerada uma comunidade ideal. Possui uma ordenação unitária de valores e produz uma consciência dos outros. Por um lado, pode existir contrapeso a respeito da estrutura comunitária real da sociedade determinada; por outro lado, exerce sua função comunitária mediante o caráter ideal, ideológico. Essas ideologias são expressas mediante as regras dos usos que ordenam em maior ou menor grau a vida e o comportamento dos homens, porém não se convertem obrigatoriamente em uma instituição.

As representações coletivas religiosas impregnam todo comportamento dos indivíduos das sociedades de classe, desde a vida cotidiana até os modos de comportamento diretamente condicionados. A relação individual com a religião só pode surgir no meio social quando uma determinada religião ou um modo de

entendê-la se encontram no estado de dissolução, ou seja, quando está surgindo uma nova religião.

Segundo Heller (1998, p. 168) a religião constitui um dos organizadores e reguladores da vida cotidiana. Os pontos essenciais naturais da vida cotidiana, por exemplo, nascimento, juventude, envelhecimento, morte, acompanhavam as religiões ou pseudo-religiões mais primitivas por uma série de cerimônia. Enquanto comunidade ideal a religião organiza as cerimônias de coerção tanto na vida pacífica, como na guerra, regula a caridade, codifica e controla respeito dos deveres familiares e estende seu poder para a higiene e a vida sexual. Viver segundo uma determinada religião significa não simplesmente crer ou somente admitir os dogmas máximos, se ao mesmo tempo orientar o modo de vida segundo as exigências e as forma de determinada religião.

Naturalmente, religião não é o único fator que organiza a vida cotidiana. Os códigos morais e o direito constitucional também exercem este papel e são fortes rivais da religião. Outro rival da religião é o sistema jurídico estatal (HELLER, 1998, p. 171).

A ética religiosa não é somente uma moral constitucionária, de algum modo, os valores morais podem ser interiorizados através da intervenção da religião. A religião pode induzir a formação de um juízo político, pode proporcionar uma ideologia segundo a qual o homem assume uma atividade de aprovação do sistema econômico-social, pode também fazer reconhecer as injustiças de tal sistema etc (HELLER, 1998, p. 171).

Ao se falar de religião não se pode negar que existe o chamado fundamentalismo religioso, que pode ser considerado como tudo aquilo que venha a ser extremismo ou fanatismo religioso.

Segundo Armstrong (2001, p. 197) os primeiros a utilizar o termo fundamentalismo foram os protestantes americanos para diferenciarem-se dos protestantes liberais. O objetivo era voltar às raízes ressaltando aquilo que julgavam fundamental na tradição cristã. Não existe apenas o fundamentalismo cristão, ou seja, o cristianismo não é a única religião considerada fundamentalista, na verdade, não são apenas as grandes religiões monoteístas como o judaísmo e o islamismo que se baseiam em um fato e manifestam seus fundamentos, também existem outras religiões politeístas fundamentalistas.

Kepel (1995, p. 27) apresenta quatro fundamentos religiosos: o cristianismo através do catolicismo europeu e o protestantismo norte-americano; o islamismo Mediterrâneo; e o judaísmo. Tais religiões possuem uma história marcada por lutas política-religiosa para conquista do poder. O que se observa é que a guerra dos fundamentalistas, normalmente, é marcada por lutas sangrentas e mortes. O que faz com que essa luta ocorra é a busca pelo monopólio.

Atualmente, o extremismo religioso, em especial o fundamentalismo cristão, tem ampliado sua inserção social e cultural ao longo das últimas três décadas. Isso porque vê a sociedade descristianizada e começa então o movimento de recristianização, tudo visando o poder.

Frases que tenham como centro os conceitos de 'homens de verdade', 'mulheres de verdade', 'família cristã', ganharam estatuto de palavras de ordem e forma seguidas por movimentos, associações, congregações de homens, mulheres, jovens, crianças, em torno destas propostas, ampliando a mensagem evangélica e atingindo pela intensa utilização dos meios de comunicação, públicos cada vez mais distintos (SILVA, 2006, p. 17).

Os autores fundamentalistas tendem a escrever seus textos desenvolvendo seu raciocínio sobre o medo religioso exacerbado, as idéias de degeneração e decadência dos valores e da necessidade de combate às forças inimigas que



ameaçam romper os valores sagrados. A família e a educação ocupam foco central nesta discussão.

O fundamentalismo investe na família como um lugar privilegiado para a educação e a transmissão de valores religiosos de uma geração para a outra. Como um microcosmo de uma ordem moral universal, as relações inter-pessoais entre pais e filhos, marido e mulher são usadas como exemplos das relações ideais entre a humanidade e a divindade. A família tornou-se um núcleo tão fundamental deste pensamento religioso que quaisquer mudanças sociais, econômicas, políticas ou culturais causadoras de transformações nestes determinados padrões de família são vistos como profundamente ameaçadores dos fundamentos religiosos (SILVA, 2006, p. 18).

Desta forma, a estratégia de sobrevivência dos fundamentalistas é investir na família de acordo com padrões morais inspirados e ordenados divinamente com programas que apresentam papéis restritos para mulheres e crianças.

Segundo Silva (2006, p. 18), os fundamentalistas atacam com bastante vigor o feminismo e a emancipação da mulher. A mulher cristã tem o papel de lutar contra os males deste mundo buscando “reconduzir seus maridos ao centro dos acontecimentos, salvar os filhos, a família e a sociedade. A sexualidade, a família e o fortalecimento dos papéis tradicionais de gênero ganharam estatuto, espiritualidade e militância”.

A sacralização dos papéis de gênero baseiam-se no pensamento de que homens e mulheres são criados por Deus como pessoas diferentes, porém, que se completam. Sob o mandado divino, aos homens cabe exercer autoridade sobre mulheres e crianças. O homem deve comandar a mulher e os filhos do mesmo modo que Deus o comanda. O homem é a cabeça da mulher.

Esse poder e autoridade que vem sendo roubados pelo mundo exterior, mundano e pecador é devolvida ao homem através da verdadeira religião cristã.

Poder e privilégios são prazerosa e confortavelmente recuperados, especialmente quando se assegura às mulheres que sua felicidade e realização, sua existência inteira, reside em servir ao homem. Submissão é

comparada a um princípio universal a agir de acordo com uma cadeia de respeito à autoridade na Igreja, no trabalho, em casa e na vida são garantias de paz profunda. Mas a submissão deve ser somada à fé e, aí, significa Poder (SILVA, 2006, p. 20).

Para Silva (2006, p. 21), em uma sociedade que o papel cultural do homem 'machista' é o alcoolismo, jogos de azar, violência contra as mulheres, adultério e abandono do lar, a ideologia patriarcal das igrejas evangélicas promove encorajamento aos homens afim de serem mais responsáveis e menos violentos e as mulheres acabam por encontrar na instituição religiosa papéis de gênero bem definidos de forma convencional, o que gera alívio para sua dura condição existencial.

Dentro das igrejas o poder das mulheres é real e concreto, transparecendo as estruturas de poder masculino com o argumento de que existe uma hierarquia, a mulher é submissa ao homem que, por conseguinte, é submisso a Deus, porém, diante de Deus todos são iguais.

Em alguns momentos, a retórica e prática em torno dos valores fundamentalistas se tornam apropriadas e eficientes para determinados grupos de mulheres. Encorajam as mulheres, através da submissão e da fé que conferem poder, a 'experiências de purificação' dentro e fora de casa, como guardiãs de tudo o que é espiritualmente certo. A família, os papéis de gênero separados pela cosmogonia bíblica, todas estas informações compõem uma cosmogonia por meio de narrativas e ensinamentos religiosos que diferenciam as 'evangélicas' das outras mulheres do mundo (SILVA, 2006, p. 24).

Nesse esforço, as igrejas evangélicas tem ganhado bastante espaço na América Latina. Mesmo que o Catolicismo ainda tenha o monopólio, sendo a igreja que retém o maior número de fiéis declarados, nunca em outra época teve que dividir espaço com tantas outras expressões religiosas.

Segundo Souza (2006, p. 30), “a ortodoxia protestante tem se deparado com a ineficácia de seu poder regulador”. No Brasil, é possível perceber, por um lado,

um processo de periferização da religião, se a reivindicação frequente dos movimentos sociais é a laicização do Estado e se a fragmentação e o pluralismo religioso apresentam-se como confirmação e não como fenômenos de negação da secularização; e, por outro lado, “verifica-se grupos de jovens que fazem apologia de virgindade pautadas na moral sexual religiosa”, cuja alegação é recuperar a tradição que se perdeu.

Se o fenômeno da destradicionalização está ocorrendo, também é possível observar o fenômeno da tradicionalização, da recuperação ou reinvenção das tradições.

Numa sociedade em que existem mecanismos plurais de construção da subjetividade humana, presenciamos uma relativização do poder significativo da religião. Porém, se o processo de secularização tem contribuído para a 'periferização' da religião em relação ao 'núcleo forte' da sociedade [...], ela ainda exerce influência significativa no cotidiano das pessoas. Se, por um lado, experimentamos a crise das instituições tradicionais produtoras de sentido, por outro verificamos o esforço de 'recuperação das tradições perdidas' por parte de indivíduos, grupos e instituições religiosas. Não se trata, portanto, do processo linear que, paulatina e progressivamente excluirá a religião do campo das instituições produtoras de sentido (SOUZA, 2006, p. 31-32).

Outro aspecto relevante no estudo da religião e que deve ser lembrado é aquilo que vem a ser considerado sagrado e profano, pois a religião “é a sacralização da identidade e os mecanismos da sacralização consistem na objetivação, compromisso, ritual e mito [...]. A religião define o homem o seu espaço no universo” (MOL *apud* ERICKSON, 1996, p. 28).

Nesta altura verifica-se a necessidade de conceitualizar sagrado e profano. Sagrado é definido como um ser cheio de significado e que se manifesta de diferentes formas para cada indivíduo que crê, não importando o nome que se dê a ele. Para aquele que crê, o sagrado é um ser que gera temor, pois é aquele que cria, ou seja, o seu criador, um ser sobrenatural, dotado de atributos, pois é criador.

O homem, sendo sua criatura, manifesta esse sentimento de ser criatura e confessa-o sagrado, revelando assim uma dependência de seu criador (OTTO, 1985, p. 11-15). Já o profano pode ser compreendido como tudo aquilo que é considerado negativo, sujo, que afasta o Ser Humano de Deus.

Para o crente, Deus é tudo em sua vida e ele é nada para Deus. Portanto, este homem se diminui e se dissolve a partir do momento em que Deus se manifesta a ele.

O sagrado manifesta-se de forma diferente do profano. O sagrado pode até utilizar algo profano para se manifestar (algum objeto da natureza, uma pedra por exemplo), porém quando isso ocorre aquele objeto deixa de ser profano e passa a ter um significado especial, ou seja, torna-se sagrado. Para isso dá-se o nome de hierofania (ELIADE, 1992, p. 60).

Segundo Eliade (1992, p. 60), existem duas formas de ser-no-mundo, uma sagrada e outra profana. O homem é, por natureza *homu religiosus*, devendo ser estudado também este aspecto humano não só por investigadores da religião como também por outras ciências. “o homem religioso é sedento do ser [...] e essa sede ontológica manifesta-se de múltiplas maneiras. A mais evidente [...] é a vontade do homem religioso de situar no próprio coração do real, no centro do mundo”.

Para Berger (1985, p. 39) o sagrado também é “apreendido como algo que 'salta para fora' das rotinas normais do dia a dia, como algo extraordinário e potencialmente perigoso, embora seus perigos possam ser domesticados e sua força aproveitada para as necessidades cotidianas”. Segundo o autor, “embora o sagrado sendo apreendido como distinto do homem refere-se ao homem, relacionando-se com ele de um modo em que não o fazem os outros fenômenos não-humanos”.

Existe uma tendência de que os sentidos da ordem humanamente construída sejam projetados no universo como tal, quaisquer que forem as variações. Portanto, a religião é um “empreendimento humano pelo qual se estabelece um cosmo sagrado”. O sagrado aqui aparece como sendo um poder misterioso e temeroso, que não se confunde com o homem, porém se relaciona com ele (BERGER, 1985, p. 38).

Erickson (1991, p. 34) afirma que apresentar o objeto 'sagrado' como genericamente masculino e 'o profano' é genericamente feminino, “traz consigo a interpretação implícita da violência contra as mulheres”. Assim sendo, a religião passa a ser uma experiência masculina e não coletiva.

Nesse sentido, a Videira – Igreja em Células possui o discurso sobre sagrado. O sexo, por exemplo, aparece como sagrado, desde que seja praticado no momento certo, ou seja, dentro do matrimônio. Faz uso de textos bíblicos que confirmam sua posição com relação ao sexo. Um dos textos bíblicos frequentemente utilizado é de Hebreus 13,4: “Venerado seja entre todos o matrimônio e o leito sem mácula; porém aos que se dão à prostituição e aos adúlteros Deus os julgará”. Além dos textos das Escrituras são citadas várias experiências tanto do líder da visão quanto de pessoas que o procuram para buscar aconselhamentos sobre seus relacionamentos atuais ou do passado.

Ainda sobre religião, para Durkheim (1989, p. 31), não há religiões que sejam falsas. Todas elas são verdadeiras à sua maneira, pois “todas respondem, ainda que de maneiras diferentes, a determinadas condições da vida humana”.

A religião é coisa iminentemente social. As representações religiosas são representações coletivas que exprimem realidades coletivas; os ritos são maneiras de agir *que surgem* unicamente no seio dos grupos reunidos e que destinam a suscitar, a manter, ou a refazer certos estados mentais desses grupos. Mas então, se as categorias são de origem religiosa, devem participar da natureza comum a todos os fatos religiosos: também elas

seriam coisas sociais, produtos do pensamento coletivo (DURKHEIM, 1989, p. 38).

Segundo Durkheim (1989, p. 46), o homem é duplo, pois nele há dois seres: um individual e outro social. O ser individual possui a sua base no organismo estreitando o seu círculo de ação; e, o ser social representa em nós a mais alta realidade que possamos conhecer pela observação através da ordem intelectual e moral, ou seja, a sociedade.

Essa dualidade da nossa natureza tem como consequência, na ordem prática, a irredutibilidade do ideal moral ao móbil, e, na ordem do pensamento, a irredutibilidade da razão à experiência individual. À medida que participa da sociedade, o indivíduo vai naturalmente além de si mesmo, seja quando pensa, seja quando age.

É importante deixar de lado toda concepção geral de religião, considerando as religiões na sua realidade concreta e procurando apreender o que elas podem ter de comum, haja vista que a religião só pode ser definida em função das características presentes por toda parte onde há religião.

Uma religião é um sistema solitário de crenças seguintes e de práticas relativas a coisas sagradas, ou seja, separadas, proibidas; crenças e práticas que unem na mesma comunidade moral, chamada igreja, todos os que a ela aderem. O segundo elemento que aparece na nossa definição não é menos essencial que o primeiro; pois mostrando que a idéia de religião é inseparável da idéia de igreja, faz pressentir que a religião deve ser coisa eminentemente coletiva (DURKHEIM, 1989, p.79).

Segundo Durkheim (1989, p. 242), toda religião é uma espécie de técnica que permite ao homem enfrentar o mundo com mais confiança, além de ser disciplina espiritual. A prática religiosa não é um movimento inútil, com gestos sem eficácia, pois ela estreita os laços que unem o fiel a deus, estreita, verdadeiramente, os laços que unem o indivíduo à sociedade da qual é membro, já

que o deus é apenas a expressão figurada da sociedade. A vida social só é possível graças ao vasto simbolismo. Os emblemas materiais e as representações figuradas constituem forma particular da vida social.

Os seres sagrados são seres separados, tendo em vista que sua função é de “prevenir as misturas e as aproximações indevidas, impedir que um desses domínios invada o outro, não podem impor senão abstenções, ou seja, atos negativos”. Assim sendo, “não existe religião na qual não haja proibições, na qual elas não tenham papel considerável” (DURKHEIM, 1989, p. 363-364).

Existem duas proibições fundamentais que resumem e dominam a vida religiosa. A primeira é que a vida religiosa e a vida profana não podem coexistir no mesmo espaço; e, a segunda é que a vida religiosa e a vida profana não podem coexistir nas mesmas unidades de tempo.

Certamente, é impossível que a vida religiosa consiga um *dia* concentrar-se hermeticamente em ambientes espaciais e temporais que lhes são assim atribuídos; é inevitável que haja algum vazamento (DURKHEIM, 1989, p. 373).

Em detrimento da barreira que separa o sagrado do profano, “o homem não pode entrar em relações íntimas com as coisas sagradas senão com a condição de se despojar do que há de profano nele”. Desta forma, não há proibições que não tenham caráter ascético, em alguma medida, pois “abster-se de alguma coisa que pode ser útil ou de alguma forma de atividade que, por ser usual, deve corresponder a alguma necessidade humana, é, necessariamente, impor-se mortificações e renúncias” (DURKHEIM, 1989, p. 374-376).

As abstinências e as privações implicam sofrimentos, já que a nossa vida e nossa sensibilidade e todas as fibras de nosso ser estão apegados, ligados e são dependentes do mundo profano.

O sistema de proibições está implícito na própria noção de sagrado, pois “tudo que é sagrado é objeto de respeito e todo sentimento de respeito traduz-se, naquele que o experimenta, por movimentos de inibição” (DURKHEIM, 1989, p. 383).

Neste objeto de pesquisa fica evidente a forma de separação entre o sagrado e o profano, conforme os pensamentos de Durkheim, quando Pedroza, autor da visão da Corte declara que os fiéis devem viver uma vida de santidade separando-se do pecado, ou seja, daquilo que é considerado impuro, profano, santificando-se para Deus que está habitando em cada um através do Espírito Santo. Cita exemplos de dois casais, o primeiro

em nome do amor, da pureza, da santidade, compreendeu o amor de Deus, e ambos tiveram o compromisso de se guardarem santos e puros, um para o outro [...]. um outro casal, em nome do amor, teve relações sexuais antes do casamento [...]. O primeiro casal colheu frutos abençoados de cumplicidade, intimidade e amor. O segundo casal teve sérios problemas de relacionamento ao longo dos primeiros anos de casamento (PEDROZA, 2005, p. 89).

A visão apresentada pela Videira – Igreja em Células é que a Corte é um tipo de relacionamento santo e puro. As pessoas que não esperam o tempo certo para o casamento sofrerão por não terem esperado. A união será de sofrimento e dor, podendo até haver separações.

O discurso que prevalece dentro do pensamento da Corte como relacionamento radical e santo, dado por Deus para a Igreja é de uma família feliz, pois serão famílias saudáveis que irão glorificar a Deus. Os filhos terão um bom relacionamento com os pais, as esposas amarão os maridos e farão tudo por eles e os maridos também amarão suas esposas dando tudo que elas necessitam, ou seja, um discurso que enquadra perfeitamente ao padrão de família patriarcal. O



interessante aqui, é que os pais tendo completa autonomia sobre os filhos também poderão escolher a esposa para o filho ou marido para a filha.

Weber considera que para Paulo a dignidade da abstinência absoluta seja

um carisma puramente pessoal dos *virtuosos religiosos*, bem como a relativização da ética leiga do catolicismo. Mas é também a posição de Lutero, que viu na sexualidade intramatrimonial apenas o mal menor, para evitar a fornicação e a necessidade, por parte de Deus, de 'passar por cima' deste pecado legítimo, sendo ele a consequência da insuperabilidade absoluta criada pelo pecado original, da concupiscência [...]. No reino de Jesus [...] não haverá sexualidade alguma e toda teoria cristã oficial condenou precisamente o lado interno, emotivo, da sexualidade, como 'concupiscência' e consequência do pecado original (WEBER, 1991, p. 402).

Para Weber (1991, p. 340) carisma é

uma qualidade *extraordinária* de uma pessoa, quer seja tal qualidade real, pretensa ou presumida. 'Autoridade carismática', portanto, refere-se a um domínio sobre os homens, seja predominantemente externo ou interno, a que os governados se submetem devido à sua crença na qualidade extraordinária da *pessoa* específica.

Psicologicamente, afirma Weber (1982, p. 321), a preocupação primeira do Ser Humano em busca da salvação está ligada ao aqui e ao agora. Esta afirmativa casa-se perfeitamente com o objeto desta pesquisa em que se vê pessoas que buscam felicidade não para a vida eterna e sim para o momento em que estão vivendo na atualidade. Nenhuma preocupação com a vida eterna ou esta está sendo colocada apenas em segundo plano.

Também percebe-se que na confissão religiosa Videira – Igreja em Células aparece uma relação de poder ao se transmitir os valores sagrados. Essa visão é passada sempre de uma forma incisiva, ou seja, é a Palavra de Deus. O profeta e sacerdote afirma

A decisão é de cada um. Todos são livres para escolher. Porém, não nos esqueçamos de que colheremos os frutos dessa decisão. Mais uma vez repito que não somos legalistas. A intenção deste livro e dos seminários sobre relacionamento é compartilhar a Palavra de Deus e o caminho excelente que Ele tem para nossa juventude (PEDROZA, 2005, p. 97).

Esta afirmação confirma o conceito sobre autoridade apresentado por Weber.

o detentor do poder de mandar; jamais o exerce por direito próprio; conserva-o como depositário da 'instituição compulsória' e impessoal. Essa instituição é constituída de padrões específicos de vida de uma pluralidade de homens, definidos ou indefinidos, e, não obstante, especificados segundo regras. Seu padrão de vida conjunto é governado especificamente pelos regulamentos estatutários (WEBER, 1982, p. 339).

Segundo Weber, o tradicionalismo refere-se

às atitudes tomadas em relação ao dia habitual de trabalho e à crença na rotina diária como normas invioláveis de conduta. O domínio que tem essa base, ou seja, a devoção ao que sempre existiu, realmente, supostamente ou presumidamente, será chamado de 'autoridade tradicionalista' (WEBER, 1982, p. 340).

Desta forma, o patriarcalismo é o tipo mais importante de domínio da legitimidade, baseado na tradição. “Significa a autoridade do pai, do marido, do mais velho na casa, do parente mais idoso sobre membros da casa e do clã” (WEBER, 1982, p. 340-341). Assim,

a característica seguinte deve ser considerada como decisiva para a nossa terminologia: na autoridade legal, a submissão não se baseia na crença e dedicação à pessoas carismaticamente dotadas, como profetas e heróis, ou na tradição sagrada, ou na devoção a um senhor e amo pessoal definido por uma tradição ordenada, ou na devoção aos possíveis ocupantes de cargos e prebendas legitimados por si mesmos, através do privilégio e da concessão. A submissão a autoridade legal baseia-se antes num laço impessoal a um 'dever de ofício' funcional e definido de modo geral. O dever de ofício [...] é fixado por normas estabelecidas racionalmente, através de decretos, leis e regulamentos, de tal modo que a legitimidade da autoridade se torna a legalidade da regra geral, que é conscientemente desenvolvida, promulgada e anunciada com uma correção formal (WEBER, 1982, p. 344).

Segundo Weber (1995, p. 351) dominação tradicional “existe em virtude de crença na santidade das ordenações e dos poderes senhoriais de há muito tempo existentes” e a dominação patriarcal é o tipo mais puro da dominação tradicional. Senhor é quem manda, súditos são os que obedecem. A tradição fixa o conteúdo das ordens que são santificadas pela tradição. A violação dessas ordens por parte do senhor irá colocar em perigo a legitimidade do seu próprio domínio.

Diante das normas e da tradição é considerado impossível criar novo direito que se dá através do reconhecimento de um estatuto válido desde sempre. No entanto, fora das normas tradicionais a vontade do senhor se achará fixada pelos limites que em cada caso lhe põe. Haverá então uma divisão de domínio em uma área firmada pela tradição e outra firmada no livre arbítrio e na graça, agindo de acordo com o prazer, a simpatia e/ou antipatia com pontos de vista puramente pessoais e suscetível de se deixar influenciar também por preferências pessoais.

Existem alguns princípios que regem a base da administração e da composição dos litígios, que são: o princípio da equidade ética material, o princípio da justiça ou o princípio da utilidade prática.

As coisas ocorrem da mesma forma no quadro administrativo que consta de dependentes pessoais do senhor, de parentes, de amigos pessoais ou pessoas ligadas por algum vínculo de fidelidade.

A extensão do poder 'legítimo' de mando do servidor particular é em cada caso regulado pela discriminação do senhor, da qual ele também é completamente dependente no exercício deste poder nos cargos mais importantes ou mais altos. De fato, rege-se em grande parte pelo que os servidores podem se permitir perante a docilidade dos súditos. O que domina as relações do quadro administrativo não é o dever ou a disciplina objetivamente ligados ao cargo, mas a fidelidade pessoal do cargo do servidor (WEBER, 1995, p. 352).

Segundo Weber (1995, p. 353) existem duas formas distintas de se observar as características da modalidade de posição do quadro administrativo, a primeira é de uma estrutura de administração completamente patriarcal, onde “servidores são recrutados em completa dependência pessoal do senhor, seja sob forma puramente patrimonial ou extrapatrimonial”. A segunda característica é a estrutura estamental. Neste caso, os servidores são pessoas independentes, possui posição própria em busca de proeminência social.

A fidelidade inculcada pela educação e pelo hábito nas relações da criança com o chefe da família constitui o contraste mais típico com a posição do trabalhador ligado por contrato a uma empresa, de um lado, e com a relação religiosa emocional do membro de uma comunidade com relação a um profeta, de outro. E, efetivamente, a associação doméstica constitui uma célula reprodutora das relações tradicionais de domínio.

Em toda forma de dominação tradicional é comum a coexistência de uma esfera de atividade ligada à tradição com a da atividade livre.

Toda forma de dominação estamental baseada numa apropriação mais ou menos fixa do poder de administração encontra-se, relativamente ao patriarcalismo, mais próxima da dominação legal, pois se reveste, em virtude das garantias que cercam as competências do privilegiados, de um 'fundamento jurídico' de tipo especial [...], que falta às configurações de caráter patriarcal com suas administrações totalmente dependentes do árbitro do senhor [...]. A disciplina rígida e a falta de direito próximo do quadro administrativo do patriarcalismo situam-se tecnicamente mais próximas da disciplina do cargo da dominação legal do que a administração fragmentada pela apropriação e, por conseguinte, estereotipada das configurações estamentais (WEBER, 1995, p. 354)

Isto se aplica ao objeto desta pesquisa na medida em que os leigos ou os fiéis, se quiserem ser abençoados em seus relacionamentos, deverão submeter-se à autoridade instituída por Deus ali naquele lugar e que fala em nome de Deus. Detentor do poder, o profeta e sacerdote afirma que não está pressionando ninguém porque todos são livres, mas o que ele está apresentando é o padrão de santidade.

Cabe ressaltar que naquilo que se refere à complexidade existente no campo religioso, a realidade ocidental, inclusive o Brasil, tem sua cultura marcada pela tradição cristã, independente de qualquer que seja a opção religiosa, crenças ou ateísmo.

Segundo Sampaio (2006, p. 117), “a religião como elemento constitutivo de todas as organizações humanas foi fortemente marcada por esse processo de subjugação dos saberes indígenas e africanos aos ocidentais, brancos, masculinos, europeus e cristãos”. Essa tradição cristã chegou na América Latina e no Brasil e marcou o imaginário social e as relações de poder trazendo reflexos na economia, política, cultura e religião. Como outros saberes humanos fazem para ganhar espaço de poder, assim também o é a religião.

O fenômeno religioso constitui-se num dos aspectos fundamentais da vida das pessoas as épocas e lugares, tornando-se elemento indispensável na compreensão da sua complexidade (SAMPAIO, 2006, p. 120).

A religião tem o poder de dar rumos às pessoas que assim o buscam. Seja em maior ou menor grau de enfrentamento, cada sociedade recorre às tradições religiosas disponíveis.

A concepção de que o fenômeno religioso é parte integrante da experiência humana e da formação da cultura reflete que, independentemente de nossa posição pessoal de crença ou ateísmo, esta é uma realidade com a qual nos deparamos cotidianamente. A experiência humana de busca de sentido para sua existência defronta-se com a dimensão da transcendência e de limite. Nesse foco da existência pode-se dar a experiência com o sagrado, de forma a afirmá-lo ou a negá-lo, mas necessariamente cada pessoa tem que tomar sua própria decisão e o faz dentro de um contexto plural (SAMPAIO, 2006, p. 120-121).

A dominação patriarcal está centrada no poder masculino e que reina soberanamente, principalmente em relação à religião, incluindo o cristianismo com o mito ou história da criação e a concepção de pecado apresentada no Jardim do Éden e lançando sobre a responsabilidade de tal fato sobre a mulher.

Atualmente, grupos feministas sofrem uma crescente acusação por se colocarem contra a dominação masculina em relação ao corpo feminino, à sexualidade, ao direito, à decisão de ter ou não ter filhos e o direito ao prazer. São

acusadas de “desintegrar a família, os costumes, a doutrina, a moral, a Igreja” (GEBARA, 2006, p. 138).

Essa aversão ao feminismo pode ser justificada a partir da atitude daqueles que julgam o comportamento como não subordinação ao patriarcado que está presente nas lutas feministas.

Segundo Tomita (2006, p. 150), as religiões denominadas de patriarcais são aquelas que estão firmadas na tradição judaico-cristã e “são conhecidas por exercerem uma moral sexual rígida, principalmente em relação às mulheres, cuja sexualidade tem sido dirigida ao serviço, ao outro e à maternidade”.

O patriarcado clássico caracterizou-se por uma estrutura de poder piramidal, onde os pais possuíam o poder de posse e decisão [...] sobre as mulheres, os filhos, os servos, os escravos (TOMITA, 2006, p.150).

A religião patriarcal é aquela em que os homens são os detentores do poder e é sustentado por estruturas multiplicadoras de controle e exploração. A antropologia de Tomás de Aquino foi fundamental para “tornar o sexo masculino como normativo para a humanidade”, marcando o Cristianismo como uma religião patriarcal (TOMITA, 2006, p. 152).

### 2.1.2 As funções da Religião

A religião desempenhou uma parte estratégica no empreendimento humano da construção do mundo; representa o ponto máximo da auto-externalização do homem pela infusão dos seus próprios sentidos sobre a realidade; supõe que a ordem humana projetada na totalidade do ser; e, ainda, é a ousada tentativa de conceber o universo inteiro como humanamente significativo. Portanto, considera-se

que existe uma relação entre legitimação e religião. Legitimação “é o ‘saber’ socialmente objetivado que serve para explicar e justificar a ordem social” (BERGER, 1985, p. 41-42).

Logo, a religião “legitima as instituições infundindo-lhes um *status* ontológico de validade suprema, isto é, situando-as num quadro de referência sagrado e cósmico” (BERGER, 1985, p. 46). “A legitimação religiosa pretende relacionar a realidade humanamente definida com a realidade última, universal e sagrada” (BERGER, 1985, p. 48).

A religião mantém a realidade do mundo socialmente construído no qual os Seres Humanos existem diariamente. Portanto, a religião mantém a realidade socialmente definida legitimando as situações marginais em termos de uma realidade sagrada.

Segundo Heller (1998, p. 161), a função comunitária da religião satisfaz sempre uma necessidade social. A comunidade ideal existe porque joga um papel determinado na reprodução social e econômica da sociedade. No entanto, não é possível resolver os problemas da religião simplesmente mediante crítica filosófica. O pensamento religioso nunca pôs-se um valor em si como, pelo contrário, o tem o pensamento filosófico.

Contudo, a religião trás consigo o problema da teodicéia, que Berger (1985, p. 65-70) define como sendo uma explicação dos fenômenos em termos de legitimação religiosas, de qualquer grau de sofisticação teológica. Essas teodicéias são diferenciadas a partir do grau de racionalidade. É a atitude do masoquismo em que o indivíduo se reduz a um objeto inerte e semelhante a uma simples coisa frente a seus semelhantes. O postulado 'Ele é tudo e eu sou nada' reflete a

essência da atitude masoquista que transforma o eu em nada e o outro em realidade absoluta.

O masoquismo pela auto-renúncia radical, proporciona o meio pelo qual o sofrimento e a própria morte do indivíduo podem ser radicalmente transcendidos, a ponto de o indivíduo não só achar suportáveis essas experiências mas até as acolher cordialmente [...]. O masoquismo constitui, assim, uma curiosa convulsão tanto da socialidade do homem como de sua necessidade de sentido. Incapaz de suportar a solidão, renega o homem a sua separação, e não sendo capaz de suportar a ausência de sentido, encontra um sentido paradoxal na auto-aniquilação. 'Eu sou nada – e portanto nada me pode ferir'. Ou, ainda mais contundentemente – 'Eu morri – e portanto não morrerei'. E em seguida: 'Vem, doce sofrimento; vem, doce morte' – estas são as fórmulas de libertação masoquista (BERGER, 1985, p. 68).

A religião é um sistema simbólico em que um conjunto de elementos estruturados e articulados entre si - mitos, ritos e símbolos - funcionam como princípio e estruturação da sociedade que constrói a experiência e consegue submeter o sistema de disposições em relação ao mundo natural e ao mundo social a uma mudança de natureza, convertendo o *ethos* em um conjunto que reúne um corpo de doutrinação.

A religião está predisposta a assumir uma *função ideológica, função prática e política de absolutização do relativo e de legitimação do arbitrário*, [...]. A religião permite a legitimação de todas as propriedades características de um estilo de vida singular (BOURDIEU, 1998, p. 45-46).

Ao mesmo tempo em que a religião exerce um efeito de consagração, ela também expressa a experiência de forma lógica e compreensível, onde as pessoas sentem-se reconhecidas. Além disso, ela também traduz a problemática implícita.

Os leigos não esperam da religião apenas justificações de existir capazes de livrá-los da angústia existencial da contingência e da solidão, da miséria biológica, da doença, do sofrimento ou da morte. Contam com ela para que lhes forneça justificações de existir em uma posição social determinada (BOURDIEU, 1998, p. 48).



Segundo Bourdieu (1998, p. 58) , “a luta pelo monopólio do exercício legítimo do poder religioso sobre os leigos e da gestão de bens de salvação organiza-se necessariamente em torno da oposição entre (I) a Igreja e o profeta e sua seita (II)”

O produto da institucionalização e da burocratização da seita profética, a Igreja, apresenta inúmeras características de uma burocracia e opõe-se objetivamente à seita assim como a organização ordinária opõe-se à ação extraordinária de contestação da ordem ordinária.

Toda seita que alcança êxito tende a tornar-se Igreja, depositária e guardiã de uma ortodoxia, identificada com as suas hierarquias e seus dogmas, e por essa razão, fadada a suscitar uma nova reforma (BOURDIEU, 1998, p. 58).

O profeta dispõe de uma força cuja pretensão consiste em produzir e distribuir bens de salvação de um tipo novo e propensos a desvalorizar os antigos.

Por um lado,

depende da aptidão de seu discurso e de sua prática para mobilizar os interesses religiosos virtualmente heréticos de grupos ou classes determinados de leigos, graças ao efeito de consagração que o mero fato da simbolização e da explicitação exerce. De outro lado, tal força depende também do grau em que contribui para a subversão da ordem simbólica vigente (isto é, sacerdotal) e para a reordenação simbólica da subversão desta ordem, ou seja, para a dessacralização do sagrado (isto é, do arbitrário 'naturalizado') e para a sacralização do sacrilégio (isto é, da transgressão revolucionária) (BOURDIEU, 1998, p. 60).

Sendo assim, a estrutura das relações entre o campo religioso e o campo do poder passa da forma política para a forma consagrada.

A Igreja coopera para a manutenção da ordem política, ou seja, ela contribui para a manutenção da ordem simbólica

pela imposição e inculcação dos esquemas de percepção, pensamento e ação objetivamente conferidos às estruturas políticas [...]; ao lançar mão da autoridade propriamente religiosa de que dispõe a fim de combater [...] as tentativas proféticas ou heréticas de subversão da ordem (BOURDIEU, 1998, p. 70).

Desta forma, a contribuição mais específica da Igreja para a manutenção da ordem simbólica está na transformação de uma função prática e política relativa em absolutas e de legitimações arbitrárias.

Por estar investida de uma função de manutenção da ordem simbólica em virtude de sua posição na estrutura do campo religioso, uma instituição como a Igreja contribui sempre para a manutenção da ordem política (BOURDIEU, 1998, p. 71-72).

Faz-se necessário lembrar que o verdadeiro poder está em quem domina o imaginário que está na coletividade e para confirmar tudo isso vem a tradição, que é aquilo que dá identidade. O papel da religião está em seu poder de estabelecer e transmitir valores, na ética etc.

Oliveira (*apud* Lemos, 2000, p. 106) afirmou que a função da religião não é apenas de “fornecer sentido e legitimar a ordem social já estabelecida”. Ela também pode “motivar e justificar movimentos de ruptura ou protesto social, pois a mesma idéia de um mundo criado e organizado por Deus pode tornar-se um elemento tanto de conformismo como de inconformismo do oprimido”.

A religião é necessária porque o ser humano precisa de respostas para as questões que são absolutamente humanas. “Justamente pelo fato de surgirem perguntas sem resposta no âmbito da natureza é que se forma a religião com a noção de existir um Deus pessoal defrontando a pessoa humana” (DREWERMANN, 2004, p. 29).

Para Drewermann (2004, p. 79) a função principal da religião está na realização de três integrações, a saber: “a integração da pessoa consigo própria, em termos psíquicos, e das pessoas entre si, entre culturas diferentes, e a integração da pessoa com a natureza, em termos ecológicos”.

Segundo Terrin (1998, p. 152) a religião não possui apenas a função da salvação da alma, mas também um encargo diante da doença. “A história das religiões fala uma outra linguagem e se algumas considerações atuais, como a psicossomática e uma visão total do homem e do mundo não permitem mais trabalhar somente com bisturi e com os conhecimentos técnico-analíticos”. Esses conhecimentos, no ponto de vista do autor, se mostram frágeis, incapazes de captar a realidade profunda do homem.

O pensamento de Terrin (1998, p. 156) é que o papel da religião também deve ser uma preocupação com o aqui-e-agora e com o bem-estar da pessoa, fazendo-a gozar do sentimento de plenitude e integridade. Apóia-se no conceito de saúde da OMS (Organização Mundial de Saúde) de que “saúde é o estado de completo bem-estar físico, espiritual e social”. Na história da religião a fronteira entre magia, religião e saúde/medicina era flexível. A religião penetrava no campo da medicina quando a própria medicina avançava nas explicações para se buscar a cura ou salvação do doente.

Compreendendo a religião e suas funções e o valor que exerce na sociedade considera-se importante retratar a família patriarcal, seu contexto histórico e a influência religiosa que recebeu esta instituição social.

### 2.1.3 Família Patriarcal

A família é uma instituição social fundamental da qual todas as outras instituições dependem de sua contribuição. É uma instituição social importante e que ajuda a entender a sociedade, tornando-se indispensável sua análise.

Conforme o Dicionário Brasileiro Globo, família é um conjunto de pessoas que vivem na mesma casa; é marido, esposa e filhos; são pessoas do mesmo sangue. Como se pode perceber, esta imagem de família representa o modelo de família tradicional patriarcal ou também chamado “família nuclear burguesa” (SZYMANSKI, 2005, p. 24), ou ainda a chamada “família nuclear” (ROMANELLI, 2005, p. 74).

O que temos observado é que atualmente a família tem passado por um processo de revalorização em sua função socializadora, mais ainda, “é convidada a exercer autoridade e definir limites [...]. Espera-se uma socialização socialização mais disciplinar e menos permissiva junto a crianças e adolescentes” (CARVALHO, 2005, p. 17-18).

Nesse processo de revalorização da família há que considerar que existe um modelo familiar estruturado considerado ideal valorizado principalmente pelas instituições religiosas. A idéia de família proposta é o modelo burguês composta por pai, mãe e crianças vivendo juntos numa mesma casa. Essa imagem é apresentada desde os patriarcas, por isso também considerado modelo patriarcal.

Segundo Szymanski (2004, p. 24), é no início do século XVIII que se começa a delinear a família nuclear burguesa.

No final do século XIX, Freud refere-se à importância da família para o desenvolvimento emocional da criança, principalmente a relação mãe-filho. A apresentação da descoberta de que os primeiros anos de vida de uma criança são de fundamental importância para o desenvolvimento emocional posterior colocou a família como “*locus* potencialmente produtor de pessoas saudáveis,

emocionalmente estáveis, felizes e equilibradas, ou como o núcleo gerador de inseguranças, desequilíbrios e toda sorte de desvios de comportamento” (SZYMANSKI, 2005, p. 23).

A influência das relações interpessoais na infância e adolescência é inegável, mas é bom referir que há um modelo ideal de família apresentado pela sociedade e sem dúvida este é o da família nuclear burguesa ou, se preferir, modelo tradicional da família patriarcal.

É importante ressaltar que “a família que se afastava da estrutura do modelo, era chamada de ‘desestruturada’ ou ‘incompleta’ e consideravam-se os problemas emocionais que poderiam advir da ‘desestrutura’ ou ‘incompletude’” (SZYMANSKI, 2005, p. 23-24).

Ao longo do tempo foi surgindo a idéia de família no meio da sociedade e esse despontar deu-se de forma gradual. Somente a partir do século XVI começa a surgir nas iconografias a figura da mulher. A imagem da mulher emerge como a dama do amor cortês ou a dona-de-casa.

Três mulheres da casa já estão sentadas em torno do jogo, enquanto o homem ainda está do lado de fora, transido de frio no pátio coberto de neve. Em outras representações, a cena se torna a imagem de um interior, de uma noite de inverno em que as pessoas ficam dentro de casa: o homem, diante da lareira, ainda aquece as mãos e o pé descalço, mas, ao lado, sua mulher trabalha tranqüilamente em sua roca. Em abril, aparece o tema da corte de amor: a dama e seu amigo num jardim fechado com muros (ARIÈS, 1981, p. 132).

À medida em que se avança o século XVI, a família do senhor da terra freqüentemente é representada entre os camponeses. O homem já não aparece sozinho e sim um casal, que agora não é apenas imaginário do amor cortês. “A mulher e a família participam do trabalho e vivem perto do homem, na sala ou nos campos” (ARIÈS, 1981, p. 133). É a partir do século XVI que a criança entra em

cena nas iconografias dos meses sofrendo uma transformação muito significativa, tornando-se o retrato da família por combinar com o simbolismo da tradicional alegoria das idades da vida.

Tradicionalmente, três ou quatro idades da vida eram adotadas como referência: a forma de uma criança, de alguns adolescentes, de um casal e de um velho. Porém, estas composições vinham representadas separadamente, ou seja, ninguém havia tido a idéia de reuni-las em uma mesma família.

Segundo Ariès (1981, p. 136), a história do calendário que assimila os meses do ano às idades da existência humana representa “as idades da vida sob a forma da história de uma família”. Essas imagens de família aparecem em sua maioria representando uma família reunida. O retrato, além de revelar o progresso do individualismo, traduz também, acima de tudo, o progresso do sentimento da família.

Até o século XVIII a família permanece na arte do pintor francês, que retratava as refeições que terminavam interrompidas por uma canção ou por um conceito (ARIÈS, 1981, p. 141).

Em meados do século XVII, tanto nas pinturas francesas quanto nas pinturas holandesas, a refeição em torno da mesa com a família seria muitas vezes referidas pelos artistas. Uma gravura de F. Guérard apresenta o tema da família com uma legenda que vem dar o tom e sublinhar o espírito da pintura: “A família é colocada no mesmo plano que Deus e o Rei” (ARIÈS, 1981, p. 141).

Através da análise iconográfica pode-se concluir que o sentimento da família teve início nos séculos XV-XVI e chegou ao ápice no século XVII. A família era indivisível. Agrupava em torno dos pais os filhos, os sobrinhos ou os primos solteiros que não tinham bens próprios. A esse tipo de família dá-se o nome de

*frereche* ou *fraternitas*. “Essa tendência à indivisão da família, que aliás não durava além de duas gerações, deu origem às teorias tradicionais do século XIX sobre a grande família patriarcal” (ARIÈS, 1981, p. 143).

A *frereche* raramente ultrapassava a segunda geração. Ao morrer um irmão, a cunhada, juntamente com os sobrinhos, eram recebidos pelo cunhado, ou seja, o irmão do falecido. Ali, no refúgio da solidariedade da linhagem, recebiam sustento.

Na realidade, a família é o primeiro refúgio em que o indivíduo ameaçado se protege durante os períodos de enfraquecimento do Estado. Mas assim que as instituições políticas lhe oferecem garantias suficientes, ele se esquia da opressão da família e os laços de sangue se afrouxam. A história da linhagem é uma sucessão de contrações e distinções, cujo ritmo sofre as modificações da ordem política (DUBY *apud* ARIÈS, 1981, p. 145).

Com o passar do tempo os laços de linhagem passa a perder lugar para o sentimento de família que está ligado à casa, ao governo da casa e à vida na casa. Passando a ser reconhecido o sentimento de família, a posição da mulher na sociedade foi de uma progressiva e lenta degradação. A mulher casada perde todos os atos que fizer sem que seja autorizada pelo marido ou pela justiça, passa a não poder mais responder sobre os bens do marido louco ou ausente. Enfim, torna-se uma incapaz.

Enquanto se enfraqueciam os laços da linhagem, a autoridade de marido dentro de casa tornava-se maior e a mulher e os filhos se submetiam a ela mais estritamente. Esse movimento duplo [...] manifesta sem dúvida uma mudança nos hábitos e nas condições sociais (PELOT *apud* ARIÈS, 1981, p. 146).

O valor atribuído à família passa a ser aquele que outrora se atribuía à linhagem. A família torna-se a célula social, a base dos Estados, o fundamento do poder da monarquia. E a religião não fica fora dessa valoração social dada à família e ao casamento.

Segundo Ariès (1981, p. 146), “o sacramento do casamento poderia ter tido a função de enobrecer a união conjugal, de lhe dar um valor espiritual, bem como à

família”. O casamento era apenas para legitimar a união. Na vida leiga o homem não podia se santificar, a união sexual só deixava de ser pecado quando abençoada pelo casamento.

Ariès (1981, p. 152) afirmou que a família foi mantida e reforçada por simultâneas influências semíticas e romanas. Através da história da iconografia é possível acompanhar o sentimento da família e sua ascensão. O sentimento de família era novo, mas a família não. Ela subsistia em silêncio, isso quer dizer que não lhe era conferido o valor suficiente. Foi a importância dada à produção iconográfica a partir do século XV que produziu efeito no nascimento e desenvolvimento do sentimento da família. Desde então, a família passou a ser reconhecida como um valor e exaltada por todas as forças da emoção.

No Brasil, em meados do século XIX, uma das metas da reforma católica implantada no país era guiar o povo a uma vivência mais profunda da fé e de uma prática moral mais rígida. “A preocupação básica era preservar a estrutura familiar da influência das novas idéias liberais que começavam a se difundir com o processo de urbanização e a afirmação progressiva da burguesia no cenário nacional” (AZZI, 1987, p. 93).

Segundo Azzi (1987, p. 107), os pensamentos protestantes sobre as famílias eram mais liberais do que os da Igreja Católica. Esse tipo de pensamento e o desejo das famílias mais abertas para as mudanças sociais levaram a busca de colégios protestantes já que o movimento protestante sempre estivera marcado por forte influência liberal, nos Estados Unidos, de onde vieram as principais denominações religiosas que começaram a intensificar sua atuação na área educativa a partir do final do século XIX: Presbiterianos, Metodistas e Batistas.



As principais diferenças entre a educação protestante e os colégios católicos podem ser percebidas em quatro aspectos:

Em primeiro lugar está a ênfase no valor do corpo e da educação física, contrastando com a ótica católica da supervalorização da alma e conseqüentemente mortificação corporal; em segundo lugar, o valor da integração entre os sexos, através da educação mista, opondo-se assim à orientação católica da rígida separação sexual; em terceiro lugar, a prática democrática é incentivada mediante o estímulo à participação dos alunos na vida e nas atividades do colégio, enquanto nos colégios católicos o enfoque principal visava à ordem, à disciplina e ao respeito à autoridade; por último, a escola protestante era voltada diretamente para o mundo moderno, com a primazia do ensino técnico e do estudo das ciências físicas e naturais, enquanto a instrução católica permanecia ancorada, fundamentalmente, nos estudos clássicos e humanistas, com pouca preocupação mais imediata e prática (AZZI, 1987, p. 108).

A instituição familiar sofreu, segundo Azzi (1987, p. 116), diversas variações no que se refere aos valores, apesar de manter a estrutura hierárquica e a divisão entre vida familiar e social, com a predominância masculina.

A família patriarcal estava vinculada ao sistema de compadrio, onde se incluíam todas as pessoas que dividiam o mesmo espaço geográfico. Na família urbana apenas os parentes como avós, tios e primos, além daqueles com vínculos de sangue são contados como família.

Os positivistas, entusiasmados com o progresso, como o crescimento urbano e industrial do país, divulgavam o respeito pela dignidade feminina, apesar de que declaravam sua restrição naquilo que se refere à autonomia econômica da mulher. Esposa e Mãe era o ideal de mulher: a rainha do lar.

Com o passar do tempo, o modelo da família nuclear foi-se estendendo a quase toda sociedade, chegando ao ponto de as pessoas esquecerem sua origem burguesa e a história dos valores, crenças e normas que faziam parte do referido modelo foram sendo aceitos. “Aceitaram, como verdade estabelecida, a relação baseada na ‘... hierarquia e subordinação, poder e obediência...’ com a autoridade

masculina no topo e conseqüentes relações entre desiguais” (MATURANA *apud* SZYMANSKI, 2005, p. 24).

Isso significa que a família vem ganhando lugar de destaque na sociedade, inclusive nas políticas públicas. “A família retoma um lugar de destaque na política social. Ela é ao mesmo tempo beneficiária, parceira e pode-se dizer uma ‘miniprestadora’ de serviços de produção e inclusão social” (CARVALHO, 2005, p. 18).

No processo de revalorização da família há que se considerar que existe um modelo familiar estruturado, considerado ideal, e valorizado principalmente pelas instituições religiosas. A idéia de família proposta pela Videira - Igreja em Células é o modelo acima apresentado, nomeado de burguês no século XVIII, e é composta por pai, mãe e crianças vivendo juntos numa mesma casa.

No Brasil, as pesquisas sobre famílias têm revelado que há diversidade em sua organização, tanto na sua composição, quanto nas suas formas de sociabilidade que vigoram em seu interior.

A importância da família nuclear constituída por marido, esposa e filhos, sejam biológicos ou adotivos, não está apenas no fato de ser ela o arranjo doméstico estatisticamente preponderante, mas também no significado simbólico. É o referencial e o ideal de família para a grande maioria da população ocidental.

No que se refere à convivência doméstica, a família se constitui como grupo na prática e na representação dos integrantes. Com o fim de assegurar a manutenção do grupo, pais e filhos passam a pensar a família como uma coletividade, devendo manter a coesão visando objetivos comuns, mas há também os condicionamentos individuais que geram novas situações, trazendo “a

necessidade de conciliar projetos individuais de cada um com o que é estabelecido como metas ou projetos coletivos” (ROMANELLI, 2005, p. 75-76).

Segundo Romanelli (2005, p. 76), não há como negar que a instituição familiar tem passado por transformações, no entanto, ainda não se tem produzido um modelo claro o suficiente para ordenar a conduta dos sujeitos diante das “novas situações geradas pela reordenação familiar”.

No que se refere à estrutura de poder e autoridade na família, marido e esposa selecionam paulatinamente, organizam e constroem um repertório com as regras, preceitos e as orientações comuns aos desejos e ideais de ambos e que são aplicados na socialização dos filhos, em especial pela mãe.

A tarefa socializadora da mãe e o conjunto das relações com os filhos são mediados pela autoridade e pela afetividade. Esta tarefa vem carregada de uma clara divisão sexual e não tem nada a ver com a crença de um instinto materno, seja nas atribuições de encargos e cuidados materiais, seja na expressão de sentimentos e de emoções.

Presente nas representações do senso comum, o afeto materno pelos filhos é algo que encontra apoio na religião e é reforçado pelo saber científico, de cunho psicológico, psicanalítico e pedagógico. Como a autoridade masculina, a afetividade materna é considerada natural, já que o vínculo entre mãe e filho é naturalmente dado na reprodução biológica (ROMANELLI, 2005, p. 84).

O que transparece na relação entre mãe e filho é que a mãe, mesmo não sendo participante do universo público, por não desempenhar função fora de casa, revela maior domínio e conhecimento de temas propostos pelos filhos para uma discussão. A percepção deste variado ponto de vista do universo público permite que as mães estabeleçam diálogo com os filhos, oferecendo referenciais para enfrentarem inúmeros problemas no cotidiano.

No entanto, não se deve concluir que, com a existência do diálogo, as prescrições maternas sejam aceitas ou postas em prática pelos filhos. “A questão essencial não é se os filhos endossam e acatam as orientações maternas, mas se avaliam e aceitam a mãe como interlocutora, vale dizer, como alguém com quem possam partilhar seus problemas” (ROMANELLI, 2005, p. 86).

Desde que a criança comemora seu primeiro aniversário, os valores familiares começam a ser transferidos para os filhos. Os adultos transmitem as regras às crianças, das quais se espera apenas a obediência. Isto demonstra haver uma hierarquia entre pais e filhos, concebendo a educação como um exercício unilateral da autoridade (SARTI, 2005, p. 73).

Conforme a criança vai crescendo, ocorre também uma mudança no exercício unilateral da autoridade. As crianças podem apanhar, ao passo que os jovens já possuem condições de reação.

A noção de família apresentada por Sarti (2005, p. 85-86) gira em torno de um eixo moral, fundada num dar, receber e retribuir contínuos, tornando-se uma referência simbólica fundamental. No entanto, este dar e receber não se trata de algo imediato, mas de uma cadeia difusa de obrigações morais, tendo na crença em Deus a garantia da provisão. Assim, essa moralidade está ancorada numa ordem sobrenatural.

Neste sentido, a sexualidade também aparece como questão moral, inclusive a escolha de se ter um filho. “O ‘direito’ ao prazer sexual implica o ‘dever’ de assumir as conseqüências [...], fazendo com que a reprodução legitime moralmente a sexualidade” (SARTI, 2005, p. 76). Assim, os pais também utilizam-se de sua autoridade para controlar a prática sexual dos filhos, lançando sobre estes a

responsabilidade por uma gravidez, já que os filhos, como o casamento, são sinais de responsabilidade.

Segundo Leers (1987, p. 123), a família brasileira sempre esteve influenciada pelo conjunto do pensamento ocidental: Portugal, França, Inglaterra e Estados Unidos. As famílias da elite são as responsáveis pela ideologia da família patriarcal. Ética e Moral são termos que não se identificam por completo na história ocidental.

No sentido universal, no que se refere à ética e à moral,

as classes populares conhecem normas morais de não matar, não roubar, não mexer com a mulher do outro, respeitar os pais e muito mais. Seus desejos e votos de felicidade incluem uma série de valores: saúde, casa, emprego, dinheiro para comprar as coisas, casar bem, mulher boa, marido bom, criar bem os filhos, escola, ter muitos amigos, sossego, viver em paz com Deus, justiça e muitas outras coisas que pertencem às necessidades humanas básicas da atualidade (ANDREWS e WITHEY *apud* LEERS, 1987, p. 125).

No ocidente, uma das características das teorias morais é a

tendência de reduzir todo o materialismo histórico de normas, valores, direitos, costumes, proibições, tabus, ideais e projetos de vida a um só fundamento - a natureza humana, a razão humana, a liberdade humana, pessoa humana à procura da felicidade. Sobre esta redução geralmente fica constituída a cúpula de uma legitimação divina, seja qual for a imagem interpretativa de deus (LEERS, 1987, p. 126).

Existe uma ética que regula a conduta humana. “Se é preciso comportar-se de acordo com certas normas que regulam nossa conduta humana e cristã, só há duas alternativas: ou se cumpre com tais códigos ou a culpabilidade se faz imediatamente presente” (LÓPEZ AZPITARTE, 2005, p. 16).

Não há necessidade em colocar as diferenças existentes entre os animais e o ser humano. Essas diferenças podem ser captadas imediatamente. Mesmo considerando que tenhamos antepassados comuns são encontradas diferenças significativas em nossas estruturas biológicas.

O animal é regido por mecanismos naturais que o conduzem a obtenção de seus objetivos. Em outras palavras, os animais são guiados pelos seus instintos. Eles não possuem outra moral senão submeter-se aos seus próprios desejos.

Diferentemente dos animais, os seres humanos nascem com carências e necessidades, por estarem desprovidos daqueles recursos naturais facilitadores da sobrevivência do animal. Seja física ou psicologicamente o ser humano encontra-se com defesas frente aos agentes externos, são completamente dependentes. Precisam ser orientados para execução de determinadas tarefas, sendo conduzidos para um modo específico de ser ou de comportar-se. “Necessitamos de uma orientação para canalizar as forças anárquicas e instintivas para uma meta que não se alcança deixando-se conduzir passivamente por elas” (LÓPEZ AZPITARTE, 2005, p. 18).

Segundo López Azpitarte (2005, p. 19) a moral não é somente um conjunto de leis, normas, preceitos, obrigações ou exigências, uma espécie de couraça que serve para impedir a autonomia humana, nem tão pouco uma ameaça de culpabilidade e remorso para todos que não quiserem submeter-se a tais ordens. A função primária da ética “não se concentra nas ações concretas, mas nesse outro objetivo muito mais básico e importante: dar uma orientação estável, criar um estilo e uma maneira de viver coerente com um projeto”. Assim sendo, a *práxis* se integra e se harmoniza pela influência de tal projeto fazendo com que no campo da ética deixe de existir neutralidade.

Conforme a natureza de cada indivíduo é que vai se formando uma diversidade de valores que satisfaçam cada um. Este valor é considerado ético, pois é a resposta à urgente necessidade da condição humana.

Desta forma, o valor moral é a “qualidade inerente à conduta que a torna automaticamente humana, conforme à dignidade da pessoa e de acordo, portanto, com o sentido mais profundo de sua existência” (LÓPEZ AZPITARTE, 2005, p. 24-25).

A moral não é uma fronteira que encerra e escraviza a liberdade, algo alheio e oposto a ela, como um adversário que quisesse destruí-la. É, ao contrário, o rego por onde ela escorre, a luz que ilumina o caminho para conseguir precisamente o que se quer: modelar o que somos instintivamente, como fornecimento primário da natureza, para construir a imagem de pessoa que se projetou (LÓPEZ AZPITARTE, 2005, p. 26).

A moral é um regulador de conduta. A Igreja Católica quando instituiu a confissão e a penitência estava tentando controlar as pessoas em suas práticas 'pecaminosas' impondo-lhes sentenças pelas faltas cometidas, de maneira a agravar ou diminuir a culpa do fiel.

Segundo Leers (1987, p. 134), na sociedade brasileira a realidade da família é muito complexa e variada. “A rapidez e a desigualdade do ritmo das mudanças, a diversidade das áreas culturais, a variação regional do desenvolvimento humano no país tornam qualquer tentativa de uniformização ingênua e superficial”.

No ponto de vista da legislação brasileira, a família

não é o reflexo da forma de relacionamento do grupo familiar conforme vivenciada em todas as classes sociais. É, antes, a codificação de uma visão de mundo da classe dominante, preocupada com a legislação, em termos legais, dos laços familiares, com a regulamentação do regime dos bens (ALVES E BARSTED, 1987, p. 167).

Isto significa que a família não é o espelho da realidade das relações sociais. Ao nível do cotidiano, das práticas e dos sentimentos, “o direito sobre a família atualiza as relações de poder ao nível de suas instâncias microssociais” (FOUCAULT *apud* ALVES E BARSTED, 1987, p. 168). Por atuar tanto na esfera do

econômico quanto na esfera do ideológico, a família passa a ser uma instância produtora e reprodutora de transmissão de valores culturais.

Segundo Alves e Barsted (1987, p. 168-169), o modelo jurídico da família está expresso no Código Civil de 1916, e está alicerçado na concepção de origem romano-cristã em que a família é vista como núcleo fundamental da sociedade e através da ação do Estado é legalizada. A família nuclear composta por laços consangüíneos ou de dependência recebe o nome de família extensa. Ao se organizar adotando um modelo hierárquico em que o homem é o chefe, recebe-se o nome de família patriarcal.

A permanência do modelo familiar jurídico “fortalece a família nuclear, com laços extensos, patriarcal, fundada em uma assimetria sexual e gerencial, incentivando a procriação, o trabalho masculino e a dedicação da mulher ao lar” (ALVES E BARSTED, 1987, p. 176).

Segundo Bilac (1995, p. 44), a família possui um jogo de sobe e desce, dentre as classes dominantes e as classes populares. O estudo realizado a partir das classes dominantes irá projetar na sociedade seus valores e padrões. As configurações familiares são conceitos e categorias que são chamados a explicar a sociedade inclusiva.

Ao descer das camadas dominantes para as populares, os valores descem para o nível da economia, passando, assim, a não explicar a sociedade, mas a sociedade que irá se introjetar na família.

Ao subir novamente para as camadas médias irá para o nível dos valores, a visão de mundo e estilos de vida, entretanto, com uma alteração: “trata-se agora de considerar a *importância da família como dimensão significativa na estruturação da*



*visão de mundo destas camadas, na constituição de seus 'ethos' particulares"* (SALEM *apud* BILAC, 1995, p. 45).

Em Bilac (1995, p. 51), o retrato de família exposto nas camadas populares é de pai trabalhador, mãe dona-de-casa e filhos na escola. Nas camadas médias as famílias não parecem ser a impossibilidade de se realizar através do modelo tradicional, a partir das relações de trabalho, haja vista que esta camada da sociedade é composta de famílias que dispõem da participação social ampla necessária à sua realização, “empregos bem remunerados e razoavelmente estáveis, direitos trabalhistas definidos, acesso à escola, acesso à habitação”.

Em observação ao objeto desta pesquisa, pode-se perceber que a Videira – Igreja em Células é composta por um elevado número de pessoas bem remuneradas, ou seja, pessoas da classe média que possui vínculo empregatício definido, acesso à escola e pessoas que também possuem casa própria.

No processo da corte, algo que sempre é mencionado para que o casal possa exercer a corte é, principalmente o homem, ter condições financeiras para sustentar uma família, de modo não a sofrer privações. É estimulado o estudo, a ida para uma faculdade e não ter pressa para se relacionar para o casamento, caso não tenha esta condição de sustentar a esposa, a casa e os filhos. Cabe ao marido o sustento do lar. É claro que a mulher também pode trabalhar para ajudar o marido, se for o caso, mas é o homem que tem essa obrigação.

Pedroza (2005, p. 48), afirma que quando um jovem se relaciona de forma errada, e essa forma é o namoro, se desvia dos propósitos de Deus para suas vidas. “O tempo, que eles teriam para crescer e consolidar suas vidas nos estudos, no trabalho e na Obra de Deus, foi gasto em um Namoro sem compromisso”. Para este autor, Namorar sem uma perspectiva é apenas uma forma de gastar tempo,

levando, no futuro, os jovens à frustração de terem perdido oportunidades na sua vida, pois o namoro desvia os pensamentos das coisas importantes.

Conheço pessoas que deixaram a faculdade e o trabalho na igreja, porque queriam tempo para encontrar o(a) namorado(a). Eles quebraram os ciclos fundamentais da vida, quando deveriam se desenvolver e concluir etapas. O namoro destruiu tudo. O resultado final é que agora estão atrasados e sem condições de se casar. Agora terão de reconstruir toda a sua estrutura educacional e financeira para terem uma vida mais digna para uma possibilidade de casamento. E, muitas vezes, isso não é possível (PEDROZA, 2005, p. 49).

Segundo Pedroza (2005, p. 50), estar solteiro não é tempo para se jogar fora. Enquanto estiver solteiro deve-se aproveitar esta etapa da vida para servir na obra de Deus. “O estar solteiro é o tempo que Deus reservou para que se possa extravasar com o Senhor e aproveitar cada momento da juventude em suas vidas!”. Desta forma, a Corte contribui para que as pessoas se envolvam com o serviço da igreja até encontrar quem queira cortejar e aí sim se casar.

Segundo Beauvoir (1980, p. 28-29), é através da experiência familiar que se manifesta a hierarquia dos sexos. Essa hierarquia se firma porque a criança vê o pai cercado de um misterioso privilégio. “Ele é quem alimenta a família, é o responsável e o chefe [...]. O menino apreende a superioridade paterna através de um sentimento de rivalidade ao passo que a menina a sofre com uma admiração impotente”.

É possível perceber que tudo contribui para confirmar que existe uma hierarquia. História, literatura, canções, lendas fazem com que o homem seja exaltado. “O homem é o herói privilegiado” (BEAUVIOR, 1980, p. 31).

A imagem do masculino reflete-se no mundo sobrenatural através da religião ocidental que toma Deus como Pai, um homem. No Cristianismo, Cristo é a própria encarnação de Deus.

Quem mais sofre na vida a influência das religiões são as mulheres, em virtude do papel que a religião assume em suas vidas. Nas religiões ocidentais, Deus, Cristo, os anjos são figuras masculinas e recebem nomes masculinos. Desde a infância os espelhos pelo qual o Ser Humano se enxerga é, em primeiro lugar, a família e depois a cultura.

Este capítulo é constituído pelos conceitos de religião, suas funções e a construção do modelo tradicional da família patriarcal. É possível identificar como o modelo da família patriarcal se apresenta na sociedade. Mediante os aspectos abordados, compreendemos como se deu a construção do conceito da família patriarcal e a maneira que a religião pode atuar com sua função legitimadora. Assim, o próximo capítulo irá constituir-se da história da Igreja Protestante, a partir da reforma até os dias atuais com o surgimento do movimento do neopentecostalismo, onde se localiza a Videira – Igreja em Células e sua proposta de família patriarcal como modelo de família estabelecido por Deus e a sexualidade como forma de acesso à família patriarcal.

## 3 CAPÍTULO II

### 3.1 A VIDEIRA COM SUA PROPOSTA DE FAMÍLIA PATRIARCAL

#### 3. A Videira

O protestantismo surgiu no século XVI, com a reforma protestante. Seu intuito era reconduzir o cristianismo à pureza primitiva. A sua propagação pela Europa e América, assim como as várias interpretações doutrinárias que foram surgindo, deram origem à divisão das primeiras igrejas protestantes.

Etimologicamente, o nome Protestante vem do termo *protestatio*, que quer dizer “testemunho (*testatio*) dado perante (pro) uma autoridade” (SCHLESINGER e PORTO, 1995, p. 2126). O protestantismo é um protesto cristão em nome do Evangelho.

Os protestantes, também chamados de evangélicos, se dividem em várias denominações, que se baseiam porém em três grupos de afinidade teológica. O protestantismo histórico, criado a partir da reforma; o pentecostal, surgido no começo do século XX; e, o neopentecostal, grupo mais recente. As subdivisões decorrem do próprio princípio original do protestantismo: a interpretação pessoal das Sagradas Escrituras e a autonomia de cada grupo, uma vez que não estão sujeitas a um clero mundial específico.

Entre os precursores da reforma poderia-se incluir antepassados anteriores ao século XVI. Pedro Valdo e sua confraria, por exemplo, estavam encarregados de difundir o Evangelho em língua popular.

Segundo Samuel (1997, p. 215), “desde o século XIV, os excessos e a corrupção da igreja provocavam em seu próprio meio críticas e pedidos de reformas”. Os pedidos de reformas mais importantes foram os dos teólogos Wyclif (1320-1384) e João Huss (1370-1415). Ambos opuseram-se “aos direitos e privilégios do clero [...], principalmente o poder do papa e do clero de interpretar a Escritura. Wyclif rejeitou o dogma da transubstanciação”. João Huss teve um papel importante, pois traduziu a Bíblia para o tcheco e distingue “instituição romana, comunidade de fé fundada pelos apóstolos, e a Igreja universal, fundada por Jesus”. Tanto João Huss, quanto Wyclif foram considerados hereges e João Huss foi preso, torturado e morto na fogueira em 06 de julho de 1415.

Vários concílios reconheceram a necessidade de reformas e tentaram realizá-las, a saber: o de constança (1414-1418); o de Basiléia (1431-1449); o papa Martinho V (1417), este condenou a simonia e o acúmulo de benefícios; e em 1436, com o concílio da Basiléia, o cardeal Juliano Cesarino, proclamava a urgência de se reformar a Igreja no chefe e nos membros (SAMUEL, 1997, p. 216).

No século XVI ocorreu na Europa Ocidental uma grande revolução eclesiástica, levando a mudanças consideráveis na esfera religiosa que estivera sob o domínio da Igreja Católica durante o período medieval.

Muitos monarcas estavam insatisfeitos com o enorme poder que o papa exercia no mundo, ao mesmo tempo que muitos teólogos criticavam a doutrina e as práticas da Igreja, sua atitude para com a fé e seu feito organizacional (GAARDER, 2000, p. 194).

O maior responsável por esse conflito teológico foi o monge alemão Martinho Lutero, que é considerado o pai do protestantismo.

Conforme Delumeau (2000, p. 227), em 1505 ao voltar de casa para Erfurt foi surpreendido por um temporal muito violento e fez voto de tornar-se religioso caso

conseguisse sair daquela situação, mesmo indo contra o projeto do pai que desejava vê-lo formado em direito. Tornou-se doutor em teologia em 1512. “Acumulou as funções de pregador em seu convento, pregador paroquial e professor da Sagrada Escritura na universidade da cidade”. Seu primeiro comentário foi dos 150 Salmos, em seguida as Epístolas de São Paulo. Em 1515-1516 ensinou sobre a Epístola de Romanos, que veio a tornar-se um dos grandes textos de referência do protestantismo.

Lutero, convencido de que só a fé salva e não nossos méritos humanos, interveio publicamente. Redigiu as noventa e cinco teses que tiveram repercussão imediata. Sua intenção não era separar-se de Roma, nem empreender a reforma da Igreja.

Zwínglio e Calvino defendiam um rompimento mais radical com o catolicismo, pois julgavam vital mexer na organização da Igreja e davam menos valor ao batismo e à eucaristia do que os católicos e os luteranos, mas queriam seguir aquilo que consideravam preceitos do Novo Testamento.

O destaque da pregação de Lutero era a Palavra (Bíblia). Teve apoio de diversos príncipes eleitos e nobres governantes que estavam insatisfeitos com o poder do papa.

Pode-se dizer que a doutrina comum e fundamental sustentada pelos três grandes reformadores – Lutero, Zwínglio e Calvino – apresenta resumidamente três dimensões: a prioridade das Escrituras, a justificação pela fé e o sacerdócio universal dos fiéis.

Considerando o objeto desta pesquisa, é importante situar o início do protestantismo, em especial o pentecostalismo, na história brasileira, seu surgimento, bem como o neopentecostalismo e suas variações.

As igrejas pentecostais surgiram no Brasil por volta de 1910, com presença discreta. A partir de 1950 as igrejas pentecostais começam a florescer. São assim designadas por serem consideradas uma extensão das igrejas históricas e por sua prática de cura divina, baseado na relação benefício/remuneração que se aproxima muito do princípio do “dar para receber” (MENDONÇA, 1990, p. 46).

O neopentecostalismo é um ramo do pentecostalismo. Suas igrejas são autônomas, auto-sustentadas, fazem evangelização de massa nos meios de comunicação, “atingem principalmente as classes menos favorecidas e pregam a cura divina, a prosperidade financeira, a libertação de demônios e o poder sobrenatural da fé” (MARIANO, 1999, p. 33).

Nas últimas décadas do século XX chegou em Goiânia o movimento neopentecostal. Dentre as igrejas nascidas na capital estão a Igreja Evangélica Luz para os Povos e a Comunidade Evangélica de Goiânia. Da Comunidade Evangélica de Goiânia, que já não mais existe, nasceram dois grupos distintos: a Comunidade Apostólica Evangélica Sara a Nossa Terra, tendo como pastor presidente Robson Rodovalho, e a Igreja Apostólica Ministério Comunidade Cristã, que tem na sua liderança o apóstolo César Augusto (NOBRE, 2003, p. 47-56).

Assim, existem diferenças entre vários grupos e movimentos religiosos contemporâneos, suas pregações e formas como chamam as pessoas para se tornarem crentes e romperem com o mundo e colocarem em prática os preceitos dos dogmas e as exortações do Espírito Santo.

A Videira – Igreja em Células nasceu da Igreja Luz para os Povos, sob a liderança dos pastores Aluizio Antônio da Silva e Naor Pedroza. O início de seu

desenvolvimento deu-se através de grupos familiares. Em março de 1997, tomado por uma nova visão, o pastor Alúzio reuniu-se com um grupo de mais ou menos cinquenta fiéis na varanda da residência de um deles. Ali, resolveram criar o ministério Videira sob a visão do grupo dos doze (G-12).

Esta visão está baseada no modelo vindo da Colômbia, criado pelo pastor César Castellano, que ali alcançou grande sucesso. Com o objetivo de fazer de cada crente um ministro, os pastores Alúzio e Naor treinaram aquele pequeno rebanho. Passaram a se reunir em um salão alugado na Rua C-24, Setor Jardim América. Com o crescimento, passaram a se reunir em prédio próprio, situado na Av. T-3 com T-7 No. 1.361, Setor Bueno. Uma tenda é montada ao lado do salão para cultos com as crianças e atividades outras (NOBRE, 2003, p. 57-58).

Os objetivos da Videira – Igreja em Células são destacados para todos os membros, com o fim de atingir os alvos propostos. Constantemente são ministrados cursos e treinamentos de líderes. Investem muito nos chamados ‘Encontros’ que funcionam todos os finais de semana, com saída de pelo menos cinco ônibus para locais isolados e que são projetados em minúcias visando obter os resultados desejados quanto ao condicionamento dos crentes e ao crescimento do número de adeptos.

Em todos os Cds e DVDs produzidos pela Videira – Igreja em Células do Ministério da Palavra em que esteja acontecendo alguma programação ou pregação é encontrado o alvo da igreja: “O nosso encargo é edificar uma igreja de vencedores, onde cada membro é um ministro e cada casa uma extensão da igreja, conquistando, assim a nossa geração através de células que se multiplicam uma vez ao ano” (Pr. Alúzio). Através desse projeto de multiplicação, em dezembro de



2006 foi inaugurado um novo templo da Videira no Jardim Novo Mundo e vários outros pelo interior do estado de Goiás.

A Videira também trabalha a idéia de que os crentes devem viver de modo diferente dos considerados não crentes, o que inclui os relacionamentos. Por este motivo, trabalham com seminários visando mudança de comportamento quanto a prática sexual de seus membros. A partir destes seminários nasceu o livro *Corte versus namoro: relacionamento radical*, publicado pela editora Videira e escrito pelo pastor Naor Pedroza.

Tendo observado este aspecto na confissão religiosa Videira – Igreja em Células, sentiu-se a necessidade de investigar a maneira como se apresenta a sexualidade neste grupo, principalmente por notar que algumas pessoas religiosas tem redefinido seu comportamento quanto à prática sexual. Fazem isso visando o projeto de uma família feliz.

Existe na Videira - Igreja em Células um grupo de Corte onde as pessoas que aderem à visão participam. Também são realizados seminários e *workshops* da Corte, onde são vendidos materiais literários que falam de relacionamento santo, como é denominada a Corte, com destaque para o livro da própria editora Videira, *Corte versus Namoro: relacionamento radical*, adotado como ‘manual de Deus’ para que as pessoas sejam felizes em seus relacionamentos.

Mesmo com tantas mudanças na atualidade, a religião continua a existir pela necessidade que o Ser Humano tem dela. A religião dá significado ao ser humano, ou seja, o indivíduo, ao sentir-se ameaçado de anomia por não conseguir se localizar na sociedade, busca sentido para sua existência na religião.

Lemos (2005, p. 28) afirma que a razão principal para que as pessoas busquem a religião é a garantia da sua vida no aqui-agora. Isso porque as necessidades daqueles que recorrem à divindade está, em sua maioria, “à busca de saúde, emprego, moradia, boas relações sociais na família e, fora dela, garantia de que nenhum acidente fatal ocorra consigo ou com algum membro da família”. Essas são preocupações da vida cotidiana.

E não é apenas isso, a religião, além de oferecer aos indivíduos a possibilidade de viverem bem e por longos anos, ao fim desta oferta existe ainda a possibilidade de realização dessa promessa em outro tempo, noutra vida, a vida após a morte.

### 3.1.2 A Proposta da Família Patriarcal

Com tantas mudanças ocorrendo no mundo a família não está livre dos ataques de todas essas transformações. A família, na verdade, está em crise. Separações, desquite e divórcio estão se tornando regra em vez de exceção e estes problemas tem afetado também as famílias cristãs protestantes, aumentando o número de famílias arruinadas.

A Videira – Igreja em Células vê a necessidade de voltar a Bíblia para saber como Deus quer que as famílias vivam. “Nossa grande necessidade é ouvir de Deus, o Arquiteto, como ter um lar feliz. Afinal de contas, o Senhor é a autoridade mais qualificada no assunto, porque a família é invenção dEle” (KEMP, 2001, p. 15).

Segundo Kemp (2005, p. 16) “o casamento foi instituído por Deus para resolver o primeiro problema da raça humana: a solidão!”. Assim, Deus criou a mulher para ser auxiliadora ou ajudadora, esta é a sua função básica.

É interessante notar que a mulher foi tirada do lado de Adão, isto é, da sua costela, para revelar a sua dependência do homem. Ela não foi tirada da cabeça pois não é sua função dominá-lo; nem de seu pé pois não foi criada para ser pisada por ele, mas do seu lado, para revelar a responsabilidade e dever do marido em protegê-la e cuidar dela (KEMP, 2001, p. 17).

Deus não somente fez a mulher e a trouxe para Adão como foi Ele mesmo que fez o primeiro casamento no jardim do Éden. Segundo Kemp (2001, p. 19), tomando por base o texto de Gênesis 2,24-25, afirma a existência de quatro pilares ou alicerces que são absolutamente necessário para que haja harmonia e felicidade no casamento.

O primeiro pilar é o homem deixar pai e mãe. Esse deixar é emocional por parte dos recém-casados. “É fundamental que tanto o homem como a mulher cortem o cordão umbilical, rompam os laços de dependência emocional do seus pais”. Somente o noivo e a noiva que deixaram e se uniram, tornando-se uma só carne, realmente podem desfrutar do relacionamento sexual dentro do plano de Deus. No entanto, esse deixar não significa que os recém-casados deverão abandonar ou deixar de respeitar e honrar os pais mas que deverão mudar o foco de suas vidas. O segundo pilar é unir-se a sua mulher. “No plano original de Deus o casamento era uma instituição permanente, 'até que a morte os separe’” (KEMP, 2001, p. 19).

O terceiro pilar é tornar-se os dois uma só carne, o que significa que o casamento é uma união considerada espiritual, mental, emocional e física. Esta é uma referência ao ato sexual. “Nós casamos no cartório para cumprir a lei. Casamos na igreja perante o povo para invocar as bênçãos de Deus e para dar

testemunho público dos votos feitos. Casamos na cama através do ato conjugal” (KEMP, 2001, p. 20).

O quarto pilar é que o homem e sua mulher estavam nus e não se envergonhavam. A nudez aqui era real e não havia vergonha ou embaraço entre o casal. “Nenhuma área estava escondida, nenhum medo, nenhum acanhamento. Haverá liberdade física e emocional. É importante notar que esta intimidade era o resultado de um relacionamento sem pecado” (KEMP, 2001, p. 21).

É necessário haver um compromisso de 'até que a morte os separe'. “Se não houver o 'deixar', o 'unir-se' e o 'tornar-se' não haverá alicerce para se construir um lar feliz. O plano original de Deus não pode ser melhorado. Os quatro pilares é que seguram a casa” (KEMP, 2001, p. 22).

Kemp (2001, p. 23) considera que um dos maiores problemas enfrentados atualmente no seio familiar é a falta de compreensão, tanto do marido como da mulher, do papel que cada um desempenha no lar. Se o casal reconhecer que a família é uma invenção divina e que cada um dos cônjuges possui um papel segundo os padrões bíblicos acerca do relacionamento conjugal, a família será bem sucedida.

Para a Videira – Igreja em Células, o casamento é uma das instituições mais importantes, pois foi uma invenção de Deus quando lá no Éden Ele criou o homem e a mulher para serem os dois uma só carne, um para o outro. Alí Deus os abençoou legalizando o ato sexual dentro do matrimônio. O matrimônio é tido como sendo a imagem e semelhança de Deus.

Na 1a. Conferência da Família que aconteceu na Videira – Igreja em Células no período de 24 a 27//11/06 o Pastor Sizinando afirma que “a família está no coração de Deus. Isto é a garantia de futuras gerações sadias [...]. Precisamos falar. Precisamos dar princípios pra família [...]. A família nasceu em e com Deus” (Pr. Sizinando, CD O sonho do Éden, gravado na Conferência da família no dia 24/11/06, na sede da Videira – Igreja em Células, disponível na livraria da Igreja).

O casamento não é uma idéia do homem, é uma idéia de Deus. Deus foi aquele mesmo que disse: 'Por isso o homem deixará seu pai e sua mãe e tomará sua esposa e os dois serão uma só carne' (Pr. Graig Hill, CD Contrato ou aliança, gravado na Conferência da família no dia 25/11/06, na sede da Videira - Igreja em Células, disponível na livraria da Igreja).

Este mesmo pastor também fala da divisão de papéis socialmente pregados. Para o homem ali no Éden, a ordem era de cuidar do jardim, de administrar, de cultivar, de guardar. Esse papel também é para a família.

Nos pôs no Éden com essas funções de agricultor e de atalaia. Precisamos aprender a guardar a nossa família. Precisamos, varão, guardar nossa casa, nossos filhos. Guardar os nossos corações, não receber influências da televisão, da mídia, do rádio, da internet e achar que esse é o padrão de Deus. Nós temos que guardar a nossa casa. Deus tem confiado responsabilidade a você varão, o cultivar um coração de atalaia na sua família (Pr. Sizinando, CD O sonho do Éden, gravado na Conferência da família no dia 24/11/06, na sede da Videira - Igreja em Células, disponível na livraria da Igreja).

Essa função do homem de guardar e preservar sua família refere-se a vigiar protegendo-a do inimigo, cujo símbolo é a Serpente que tentou Eva, refere-se a função do homem de liderar sua casa. Adão não atentou para a ordem de Deus e sequer percebeu que Eva bateu o maior papo com a Serpente, permitindo assim que a mulher cometesse o pecado.

Outra coisa que percebo nesse texto, o liderar aqui já está intrínseco, porque isso requer uma atitude de liderança. Quantos homens são omissos nesse quesito? Não são líderes na sua casa. Não lideram as suas esposas, não lideram os seus filhos. O reino espiritual, irmãos, é dinâmico. Há uma dinâmica no reino espiritual. Quem não lidera é liderado, quem não comanda é comandado, quem não sai à luta perde a guerra, quem não tira

a espada e vai guerrear é derrotado (Pr. Sizinando, CD O sonho do Éden, gravado na Conferência da família no dia 24/11/06, na sede da Videira - Igreja em Células, disponível na livraria da Igreja).

A família, na visão da Videira – Igreja em Células, está sendo bombardeada e precisa se posicionar. Esse ataque é no sentido espiritual, porém o reflexo são que coisas consideradas 'mundanas' tem entrado dentro da igreja e essa postura de líder no homem, de se posicionar precisa acontecer. As mulheres também precisam se posicionar, assumindo seu papel de auxiliadora. Para as mulheres o pastor fala “auxiliadora dá uma idéia de apta, capaz, de alguém que envolve o marido, que circunda o marido, que está perto do marido, que está próximo do marido. Não deixe seu marido só, irmã. Atue, participe, viva, compartilhe, sonhe junto” (Pr. Sizinando, CD O sonho do Éden, gravado na Conferência da família no dia 24/11/06, na sede da Videira – Igreja em Células, disponível na livraria da Igreja).

Cumplicidade traduz o coração de Deus no casamento [...]. nós temos que compartilhar o sonho familiar. Não pode ser silêncio, prevalecer o silêncio dentro de casa. Tem que haver conversa, diálogo. A mulher foi dada essa missão de ser auxiliadora, aquela que ajuda, aquela que assiste o marido (Pr. Sizinando, CD O sonho do Éden, gravado na Conferência da família no dia 24/11/06, na sede da Videira - Igreja em Células, disponível na livraria da Igreja).

O plano de uma família abençoada é passado também para os solteiros ou aqueles que estão na corte. Os jovens são desafiados a buscar o padrão de Deus para suas vidas e suas famílias.

Quero fazer um apelo para os jovens que aqui estão, jovens solteiros. O Éden não é uma vivência lá na sua casa com a sua mãe, seu pai, mas hoje você está aqui e se coloca na brecha pra interceder pra que o Éden venha pra sua casa, que uma vida de prazer venha pra sua casa. Jovens que estão na corte, você que quer que isso seja verdadeiro na sua vida. Eu quero desafiar você amado [...]. Nós vamos começar essa conferência orando [...] Pra você que é solteiro e quer ter uma família segundo o coração de Deus; pra você que quer sua família, você está aqui, mas seu pai e sua mãe não são crentes, mas você quer que isso seja uma realidade na sua casa, que o Éden seja permeado lá dentro de sua casa; pra você casal que tem tido problema de relacionamento (Pr. Sizinando, CD O sonho do Éden, gravado na Conferência da família no dia 25/11/06, na sede da Videira - Igreja em Células, disponível na livraria da Igreja).

O casamento também é uma aliança que deve durar por toda a vida, enquanto um dos membros dos casais estiver vivo. Havendo qualquer problema durante a união deve-se exercitar a prática do perdão, pois, sendo o matrimônio uma aliança e não apenas um contrato, esta não pode ser quebrada. Isso quer dizer que até mesmo na prática de adultério a pessoa ofendida, considerando sua união uma aliança estabelecida por Deus, deve perdoar e procurar viver com a pessoa.

A aliança é baseada no sacrifício pessoal, mas o contrato é comparado e é baseado nessa pressão do amor próprio. Eu acredito que existem três palavras que representam aliança: é unilateral, é incondicional e não pode ser mudada [...]. Aliança, a melhor palavra que eu posso pensar na nossa língua moderna é uma promessa, um presente, algo que eu dou sem esperar nada em troca (Pr. Graig Hill, CD Contrato ou aliança, gravado na Conferência da família no dia 25/11/06, na sede da Videira - Igreja em Células, disponível na livraria da Igreja).

Continua a afirmar o Pr. Hill que a aliança está firmada no amor, no exemplo de Cristo para com o Ser Humano. Assim também deve ser a aliança do matrimônio, baseada no amor, no sacrifício pessoal, no dar sem pensar em receber nada em troca. Também não é baseada naquilo que a outra pessoa faz e sim naquilo que 'eu' disse que iria fazer. Nós temos que colocar os princípios da aliança no lugar certo isso é uma rede de proteção ao casamento (Pr. Graig Hill, CD Contrato ou aliança, gravado na Conferência da família no dia 25/11/06, na sede da Videira - Igreja em Células, disponível na livraria da Igreja).

Afirma o referido pastor que quando há o reconhecimento de que um casamento é uma aliança e não um contrato a união resiste a qualquer conflito que possa haver, pois esta é uma rede de proteção para os casais.

Muitos anos atrás todos acreditavam que casamento era uma aliança e que duraria o resto da vida. As pessoas não divorciavam, eles não casavam pela segunda vez. Quando eles se casavam eles então ficavam casados até que alguém morresse, mas na maioria das sociedades atuais ninguém acredita nisso, as muitas pessoas quando se casam é só por alguns anos aí vem o divórcio, e pra outras pessoas eles nem se casam eles somente são amasiados, vivem juntos, eles não acreditam e não percebem que há uma consequência pra isso, mas no casamento existe uma proteção quando

então entendemos que é um pacto, uma aliança (Pr. Graig Hill, CD Contrato ou aliança, gravado na Conferência da família no dia 26/11/06, na sede da Videira - Igreja em Células, disponível na livraria da Igreja).

No sermão intitulado 'Santidade no relacionamento' o Pr. Graig Hill discursa sobre as diferenças existentes em uma família que é fundamentada nos princípios cristãos e de uma família que não tem nenhuma ligação com o cristianismo. Fala dos valores que são transmitidos pelos pais aos filhos, valores esses presentes nos Evangelhos e daqueles que não chegaram a receber esses valores e o possível fim para eles (Conferência da família, 26/11/06 na sede da Videira – Igreja em Células, em CD Santidade no relacionamento, disponível na livraria da Igreja).

Neste sermão o Pr. Graig Hill fala aos filhos sobre como deve ser o seu relacionamento com seu pai e sua mãe para que seja próspero. Faz referência a um texto da Bíblia para confirmar seu discurso. A passagem é de Deuteronômio 5,16 onde o autor revela que se deve honrar pai e mãe para que tudo vá bem sobre a terra e para que tenha vida de longevidade. Este é um apelo que mexe com a alma do ouvinte, pois é exatamente esse o desejo do Ser Humano, ser próspero e viver muito.

Seja radical em andar com Jesus nos níveis mais altos da santidade, porque foi ele que disse: 'ouviste o que foi dito, não adulterarás'. Eu te digo: Radicais Livres que querem andar comigo como Enoque andou, querem me obedecer completamente, se olhar para uma mulher com intenção impura já foi pra cama com ela. Ouviste o que foi dito: 'não matarás'; mas eu te digo Radicais Livres, tira o ódio do seu coração e aprende a andar seguindo a Bíblia. São padrões de santidade muito mais elevados. O desafio da obediência é andar nas pegadas de Jesus (Pr. Naor Pedroza, VHS 3a. Conferência Radicais Livres da Videira - Igreja em Células, disponível para locação na livraria da Igreja).

Na concepção da Videira – Igreja em Células, o lugar de obedecer e de ser submisso à vontade de Deus é dentro da igreja. O membro fiel deve ir para a igreja, obedecer ao pastor, fazer tudo aquilo que lhe for proposto pela liderança.



No discurso da Videira aparece a idéia de que os relacionamentos não são para que a pessoa busque sua felicidade agradando a si mesma, mas agradando o outro, ou seja, os relacionamentos da corte são para fazer outra pessoa feliz.

Nós não nos relacionamos pra sermos felizes. Diga: eu me relaciono (eco) pra fazer da minha esposa (eco) a mulher mais feliz (eco). Entende? Relacionamento não é pra preencher nós, é pra nós nos empenharmos pra fazer do outro, aquele o qual o Senhor separou pra nós, a pessoa mais feliz dessa terra [...]. Eu casei pra fazer dela a mulher mais feliz dessa terra. Eu me casei com ela pra satisfazer o desejo dela de ser aquela princesa. Entende? Foi pra isso que eu me casei. Eu e você temos que ter esse entendimento (*Workshop Corte X Namoro*, realizado em 08.09.2006, na tenda da Videira).

O pensamento de felicidade no casamento está ligado, como no discurso apresentado acima, à satisfação do outro em detrimento da própria pessoa. O pastor apresenta sua própria experiência como exemplo para que os fiéis possam segui-lo em obediência à sua autoridade sobre a vida daqueles que fazem parte da igreja. Também faz uso de textos da Bíblia para afirmar que tudo aquilo que está falando não é apenas sua vontade, mas a vontade de Deus, por isso todos devem compreender e praticar aquilo que está sendo ordenado.

Muitos entram em um relacionamento e não compreendem o verdadeiro sentido do amor e é por isso que se frustram. Por que que muitos querem abraçar e querem beijar? É porque querem satisfazer a eles, não estão pensando no próximo. A Bíblia diz, Paulo diz, se nós avaliarmos o capítulo 13 de segunda Coríntios [...]. 'Antes pensava como menino, falava como menino, mas hoje deixei as coisas de menino' [...]. Paulo fala de amor, de repente ele fala, antes falava como menino, pensava como menino, mas hoje deixei de ser menino [...]. Paulo compreendia o verdadeiro sentido do amor. Paulo entendia o que era o amor. Por que que ele falou que hoje ele tinha deixado de ser menino? Tinha abandonado as coisas de menino? É porque ele sabia que o verdadeiro amor não pensa em si (*Workshop Corte versus Namoro*, realizado em 08.09.2006, na tenda da Videira).

### 3.1.3 Sexualidade como forma de acesso à Família Patriarcal

As discussões modernas acerca da religião buscam cada vez mais “as várias maneiras pelas quais os seres humanos projetam suas próprias experiências, desejos, medos e esperanças na religião” (EILBERG-SCHWARTZ, 1995, p. 30). Há que dizer que em uma cultura que cultiva o medo em consequência da idéia de pecado pode-se perceber a presença de um sentimento muito grande de culpa em relação à maneira de comportar-se das pessoas, principalmente aquelas envolvidas com a religião.

Ao longo da história o que tem-se observado é que alguns líderes religiosos sentiam-se motivados a transferir para seus fiéis o desejo de fazer parte do Reino de Deus. A pessoa que quisesse fazer parte desse Reino deveria massacrar seus desejos carnis. Os pensamentos que eram passados para os fiéis de formas iconográficas e também através de rituais, como danças macabras, e por mitos contados, revelavam o pecado e suas consequências eternas para aqueles que o praticavam.

As igrejas utilizavam, e ainda hoje utilizam, da narrativa do mito de Gênesis 3 sobre a queda do homem e do pecado original para dizer que todos os homens já nascem condenados a morrer e que há um inimigo que está tentando o homem todo tempo. Textos como o do Evangelho de São Mateus 26,41 também são utilizados para afirmar que a carne é fraca e precisa ser mortificada. Eis a razão pela qual deve-se estar vigiando para não correr o risco de perder a salvação.

A culpa original passa da alma de Adão para a alma de seus descendentes através da carne que foi gerada pela concupiscência (SÃO BOAVENTURA *apud*

LIMA, 1996, p. 39-40). Por Adão a culpa e o castigo foram legados ao gênero humano. O pecado original nasceu da soberba e fazendo o homem desobedecer Deus, recebendo como castigo a própria desobediência. “O homem seria condenado à rebelião da carne contra o espírito, isto é, à libido” (SANTO AGOSTINHO *apud* LIMA, 1996, p. 39).

Os pensamentos presentes nessa cultura que cultivava o medo e o pecado são de que o homem nasceu para o sofrimento, para o trabalho e para a morte. Isso gerava e gera pavor nas pessoas. Afinal de contas, viver com o constante pensamento de que a vida vai ter um fim e que depende dela que esse fim seja eterno e feliz no Reino de Deus ou eternamente infeliz em um lugar de tormentos chamado inferno, com certeza pode gerar sofrimento, pois lutar o tempo todo contra o desejo de fazer algo que possa impedi-lo de herdar os céus – o pecado – não é tarefa fácil. Exigia e exige sacrifícios.

Os sermões utilizados pelos líderes da Igreja Católica a seus fiéis, entre os séculos XIII e XVIII no ocidente, giravam em torno de que a terra não é seu lugar e que a pessoa está apenas de passagem. A vida é um teste e cabe à pessoa ser aprovada ou não.

A Igreja Católica pregava acerca das indulgências, obrigando os fiéis a cometerem horrores em nome da devoção ao Divino e do desejo de se aproximar Dele sem pecado, ou pelo menos tendo se arrependido por tê-lo cometido.

Diferentemente do catolicismo, Lutero faz uma releitura dos textos de Gálatas e elogia o casamento, opondo-se à tradição de sua época, que era contra o matrimônio. “Esse elogio da sexualidade insere-se numa admiração mais ampla da

criação que Lutero chama de 'jardim de prazer da alma' a fim de que ela possa 'passear entre as obras de Deus'" (LUTERO *apud* DELUMEAU, 2003, p. 52).

É importante ressaltar que não há uma diferença muito grande entre o discurso protestante – principalmente aquele puritano – e católico, pois ambos observam o mito de Gênesis 4, o pecado original, como sendo o responsável pela entrada do pecado no mundo, ou seja, a desobediência do homem colocou o mundo em desordem e trouxe a morte.

A teologia protestante não varreu o pessimismo sobre o homem e o mundo que era veiculado pela literatura monástica. Calvino fala aos seus ouvintes, “depois de tantos outros autores e pregadores, que o homem é tirado do lodo e da lama” (DELUMEAU, 2003, p. 53).

Ao falar sobre a sexualidade, Delumeau, citando Lutero, escreve que

ele está certamente convencido de que o ato sexual resulta de uma necessidade universal e inelutável – então por que lutar contra? 'assim como beber, comer, cuspir ou ir à privada'. E finalmente, 'é um pecado, e se Deus não o imputa aos esposos, é por pura misericórdia'. O Reformador insiste para que não nos enganemos sobre o elogio que ele fez do casamento (DELUMEAU, 2003, p. 54).

Pode-se perceber que durante muito tempo se construiu uma idéia de pecado no sexo e isso não apenas dentro das igreja católicas, mas também do protestantismo. O medo, a punição, desprezo do mundo e imagens como vermes e cinzas, faziam parte do discurso sobre pecado. A teologia protestante atingiu sua maior violência na civilização ocidental com a depreciação do homem e do mundo.

A fuga para fora do mundo é declarada inútil, já que o mal está tão presente dentro dos conventos como fora, tanto na solidão ascética como na vida em sociedade. A sexualidade é certamente pecaminosa, mas nem mais nem menos desprezível que o resto de nossas atividades [...]. tudo é mau no homem quando não há a intervenção pela fé, na sua formulação do século 16, representou portanto o resultado lógico e o ponto extremo de um

longo percurso sobre a estrada desolada do pessimismo. A afirmação incansavelmente repetida durante mais de mil anos e incessantemente difundida de que o mundo é fragilidade, vícios e vaidades e que cada homem em particular é 'esterco' e 'lixo' devia acabar por engendrar o desespero. Mas é esse desespero que salva aquele que, na sua nudez, aceita entregar-se a Deus (DELUMEAU, 2003, p. 61).

Ao longo da história houve uma tentativa de categorizar os pecados, chegando assim a dois grupos: os pecados capitais e os pecados veniais. A luxúria, que é o pecado sexual, ocupa seu lugar na lista de pecados capitais e foi bastante difundida pelos líderes da Igreja Católica. “A fornicação é um pecado mais detestável que o homicídio ou o roubo que não são substancialmente maus” (DELUMEAU, 2003, p. 403). Os pecados sexuais fora do casamento sempre foram julgados pela Igreja de forma severa.

Segundo Flandrin (*apud* DELUMEAU, 2003, p. 404), o pensamento dualista que surgiu a partir de Platão acerca de corpo e alma, trouxe também para a Igreja Cristã Católica a idéia de uma dualidade entre casamento e amor. Os sermões afirmavam que “os órgãos sexuais são dados ao homem não para o prazer, mas para a conservação da raça”.

Segundo Delumeau (2003, p. 371) foi a partir desse momento, nos séculos IV e V, que as penitências foram tomando lugar e desenvolvendo-se progressivamente. Até o século XII a confissão era apenas “um dos meios para a remissão dos pecados ao lado da oração, da esmola e dos jejuns”. Normalmente o pecador dirigia-se a um padre e fazia as confissões de seus pecados. Este lhe impunha as tarefas penitenciais e o perdão somente era obtido quando essas tarefas eram cumpridas. “São os famosos Penitenciais que aparecem no século VI... que aplicaram o princípio *contraria contrariis* e impõem o jejum ao guloso, o trabalho ao preguiçoso, a continência ao luxurioso”.

A evolução para a culpabilização, afirma Delumeau (2003, p. 374), “cruzava-se com outra que tendia, na mesma época, a fixar a teologia dos sacramentos e a aumentar por reflexo os poderes do clero”. Através da confissão o pecador arrependido e que deseja reencontrar o caminho de Deus recebe perdão pelos pecados, mas também muitas graças que vão ajudá-lo a manter-se no bom caminho.

Há que se notar que havia na Igreja o desejo de manter seus fiéis vigilantes sobre os pecados sexuais, a ponto de apresentar dezesseis categorias para esse tipo de pecado, começando por um beijo, passando pela fornicação, adultério até chegar a práticas sexuais, inclusive o homossexualismo.

A construção de culpabilidade atenuada vem do mito do pecado original narrado nas Escrituras, explorada no Novo Testamento através da Epístola aos Romanos, perpetuando-se em escritos religiosos como, por exemplo, nos de Agostinho e Lutero, entre outros. Segundo Delumeau (2003, p. 491) “o homem pode certamente esperar o perdão divino, mas ele não tem desculpa.” A culpa é em relação a algo transcendente, diante de um Ser Todo-Poderoso: Deus. É a idéia de que a pessoa nasce culpada e a concupiscência liberada pelo primeiro pecado que a leva cometer pecado em cima de pecado.

Para Delumeau (2003, p. 548-549), a doutrina cristã caminha através do seguinte pensamento: “depois do pecado original, Deus tornou-se um credor terrível apresentando ao homem uma dívida à qual ele não podia nem se furtar, nem saldar”. Por isso, olhando pelo lado do cristianismo, “a história humana é, sem dúvida, uma história do pecado, mas ela é ao mesmo tempo uma história da salvação”.

No Brasil, a história da culpa também não é diferente, haja vista que o país foi colonizado por portugueses e Portugal era estritamente cristão católico, propagando, desta forma, o cristianismo e as idéias contidas nas tradições da Igreja.

Segundo Vainfás (1997, p. 59-62), no processo colonizatório do Brasil no século XVI, o que se percebe é que ocorreu um aparente desregramento sexual dos portugueses, correndo solto o desrespeito às leis do Estado e da Igreja no cotidiano da colônia. A imagem que se construía era de uma terra onde as regras da moral não valiam. Os colonizadores deitavam-se com as mulheres – índias, negras, mulatas – de modo forçado ou não.

As regras e os condicionamentos gerais dos colonos portugueses funcionavam em próprio proveito. Porém, se agiam com irreverência não a faziam sem crises de consciência, pois eram portadores do sentimento de culpa que a Igreja insistia em espalhar entre a massa de fiéis. Criou-se uma polêmica social sobre a fornicação: era ou não pecado que o homem mantivesse relações sexuais com mulheres fora do matrimônio? O assunto era discutido em todos os lugares, todas as horas e em qualquer circunstância.

A formação de uma teologia moral visava limitar as práticas sexuais para dentro do casamento, fazendo uso inclusive de textos bíblicos como o de 1 Coríntios 7,8-9 do Apóstolo Paulo: “E aos solteiros e viúvos digo que lhes seria bom se permanecessem no estado em que também eu vivo. Caso, porém, não se dominem, que se casem; porque é melhor casar do que viver abrasado” (LIMA, 1996, p. 38).

Segundo Lima (1996, p. 68-78), na colônia o que prevaleceu foi “a valorização da família, de certas regras de parentesco, da castidade e do matrimônio”. Mas, a idéia de casamento “era das 'classes dominantes', motivado por interesses patrimoniais ou de *status*, restando o concubinato como alternativa sexual e conjugal para os demais estratos da colônia”.

Por o matrimônio sob a dependência da autoridade eclesiástica implicava em

zelar pelos oficiais; regular as dispensas nos casos cabíveis; proibir a coabitação de noivos; assegurar a bênção do pároco como requisito *sine qua non* para o matrimônio; garantir a publicidade da cerimônia com a exigência de duas testemunhas (LIMA, 1997, p. 78-79).

As cerimônias de casamento variavam conforme a região, importando mais a aliança de famílias, expressa no contrato de arras ou pagamento de dotes, ou seja, a compra da esposa pelo marido.

Conforme Lima (1997, p. 99-100), mesmo com todas as generalizações e publicidade das relações concubinárias, dos amores ilícitos, dos filhos ilegítimos, o casamento não perdeu seu valor na sociedade colonial, permanecendo como “um ideal a ser perseguido, uma garantia de respeitabilidade, segurança e ascensão a todos os que o atingissem”.

Godelier (*apud* SANTOS, 2006, p. 72) afirmou que “‘toda ordem social [...] é, ao mesmo tempo, uma ordem sexual, isto é, uma relação de ordem entre os sexos’”. É através da visão de mundo que a religião irá instituir uma ordem social e, portanto, sexual. A medida em que se legitima ou institui essa ordem adquire conteúdo sagrado.

A partir do século XVIII ou XIX, começaram a promover discursos sobre sexo. A medicina foi a primeira a dar impulso e trabalhar em favor do tema através das



'doenças dos nervos', abrindo portas para a psiquiatria investigar a etiologia das doenças mentais e o conjunto das perversões sexuais (FOUCAULT, 2005, p. 32).

Para Foucault (2005, p. 130), foi a partir daí que as portas se abriram para o discurso sobre o essencialismo sexual que está na idéia de que o sexo é uma força natural que existe antes da vida sexual e que dá forma às instituições, estando este enraizado ao saber popular das sociedades ocidentais que consideram o sexo como algo imutável, não social e transhistórico. O sexo é classificado pela medicina, psiquiatria e psicologia como sendo de propriedade do indivíduo, tanto nas questões hormonais, quanto em seu aspecto psicológico. Não há dúvida de que a questão sexual possa ser analisada em termos psicológicos, porém, dentro destas categorias etnocientíficas, a sexualidade não tem história nem determinantes sociais significativos.

A estrutura da conduta sexual pode ser modificada e suas conseqüências alteradas através dos jogos das forças sociais, tais como a ideologia, a agitação política, as reformas legais e a prática médica (WALKOWITZ *apud* RUBIN, 1989, p. 131).

Para Rubin (1989, p. 132-133), o sexo tem recebido uma história através do novo pensamento sobre a conduta sexual, criando assim uma alternativa construtivista baseada no pressuposto de que a sexualidade se constitui na sociedade, na história e que não está determinada pelo aspecto biológico pura e exclusivamente. Assim sendo, a sexualidade é uma construção humana.

Contudo, o que se tem percebido é que a sexualidade possui uma história e esta história é de repressão. A realidade é que o discurso do sexo está intimamente

ligado à etiologia das doenças mentais e também na justiça penal, com o fim de controle social que remete aos jogos de poder (FOUCAULT, 2005, p. 32).

Segundo Foucault (2005, p. 38), no final do século XVIII o direito canônico, a pastoral cristã e a lei civil que regiam as práticas sexuais, cada qual à sua maneira, fixavam “a linha divisória entre o lícito e o ilícito. Todos estavam centrados nas relações matrimoniais”.

Ao olhar para o passado e para o presente, o que se tem observado é que não há tantas mudanças nos sermões nestas passagens de séculos sobre pecado, medo e culpa, principalmente no que se refere à sexualidade. Pregadores, líderes religiosos e teólogos continuam discursando sobre o pecado original, sobre a carne, abstinências e tudo mais que se possa fazer para conquistar o Reino de Deus. Desta forma, a idéia do pecado produz medo nas pessoas e, conseqüentemente, um forte sentimento de culpa frente a Deus, por julgar-se desmerecedor da graça dada por Ele.

Sejam católicos ou protestantes, suas doutrinas estão carregadas de fatos representativos do pecado, do medo e da culpa. Nas pregações, nas literaturas, nas canções. Enfim, qualquer coisa que possa transferir este significado. Na Videira – Igreja em Células não é diferente. As idéias passadas é de que “sexo não é pecado, a não ser que seja praticado com a pessoa errada, na hora errada, ou seja, fora do casamento” (PEDROZA, 2005, p. 65). As pessoas que não esperam o tempo certo para o casamento sofrerão por não terem esperado.

Pedroza (2005, p. 102) discursa aos fiéis, afirmando que está relembando que foi Deus quem criou o sexo e deseja que seus seguidores guardem-se no

caminho da santidade, não se relacionando em bases impuras, buscando estabelecer padrões de santidade. Toma por base 2 Timóteo 2,22. Afirma que “não é filosofia de homens, teoria humana. É a Palavra de Deus, santa e cheia de bênçãos para todos nós. A vontade de Deus é boa, perfeita, e agradável”.

Podemos perceber que o medo do julgamento de Deus causa nas pessoas reações diversas, provocando o que se poderia chamar de heroísmo cristão, pois os fiéis sentem-se obrigados a se sacrificarem a fim de verem-se livres de seus pecados. O pecado é tudo aquilo que foi qualificado como impuro e que afasta o homem de seu Criador. Torna-se uma mancha na alma do homem. Não há nada maior do que o pecado original que propagou-se através dos mitos, das iconografias, dos rituais e dos símbolos.

O que se pode dizer é que tanto no passado quanto no presente o sermão culpabilizador encontrou seu lugar no medo da morte. Veio sempre associado: morte e pecado, pecado e punição, trazendo, desta forma, algo que é próprio das pessoas, ou seja, o medo que era mesmo delas, afinal, o ser humano já nasce para a morte e ninguém quer morrer.

A idéia de pecado produz ou reproduz os medos. O medo desafia a pessoa a tornar-se, a ser. O sentimento de culpa se for vivido de forma positiva traz alívio, mas também pode gerar uma desagregação, trazendo doenças psicológicas ligadas ao desânimo, à melancolia e à angústia.

Os sermões propagados sobre o medo, o pecado e a culpabilidade foram e são geradores de angústia ou melancolia, frente ao destino final, ou seja, a vida após a morte, que é um dos alicerces do cristianismo.

Nos grupos religiosos, sejam católicos ou protestantes, a preocupação com o desenvolvimento social e sexual, principalmente dos adolescentes, tem levado instituições religiosas como no caso da Videira – Igreja em Células a tratar de assuntos relacionados à sexualidade de diversas formas, sendo que uma delas é o surgimento de literatura religiosa, como por exemplo cartilhas que abordam temas como gravidez, métodos contraceptivos, namoro, relacionamentos e comportamento em geral, sendo tudo baseado nos ensinamentos da Bíblia.

Na intenção de ajudar os fiéis a manterem-se numa vida de santidade é que a Videira – Igreja em Células passou a adotar a prática do ‘cortejo’, onde a moça é galanteada por um rapaz. O casal em cortejo não pode sair e nem ficar sozinho. O tempo para o cortejo, normalmente, é curto, por isso o casal que quiser cortejar deve ter uma vida relativamente estável para casarem o quanto antes, tudo isso visando a abstenção do sexo antes do casamento.

Segundo Pedroza (2005, p. 145-153), o relacionamento baseado na corte segue alguns passos, depois que uma pessoa encontra uma outra e acredita que esta será o seu futuro cônjuge. O objetivo é trilhar alguns pontos que partem da amizade e vão para o casamento, que são: 1. responsabilidade em um relacionamento; 2. buscando uma amizade profunda; e, 3. passando pelos sinais verdes: esperar, observar e orar.

O primeiro ponto, é a responsabilidade em se relacionar, acreditando que o relacionamento provém de Deus e que tem-se um compromisso com a Igreja e também com Deus de se manter santo.

O segundo, é aprofundar a amizade, não indo direto ao romance. O objetivo é que se conheça bem a outra pessoa, pois um casamento deve ser construído com

bases sólidas, baseados no respeito mútuo, na consideração e na camaradagem de uma amizade profunda e verdadeira. Além do mais, esse tipo de relacionamento estará evitando intimidades que devem ser guardadas para depois do matrimônio.

Por fim, deve-se esperar, observar e orar para que se tenha certeza de que aquela união será abençoada, pois, assim que se conhece a pessoa em amizade e buscar a orientação de Deus melhor será tomar uma decisão. Buscar analisar a pessoa com seus pais, seus líderes e irmãos mais velhos de fé e seu caráter também faz parte desse processo.

A Videira – Igreja em Células tem o desejo de que a sua visão seja levada para outras pessoas, se espalhe até outros lugares do Brasil e exterior. A corte torna-se então uma estratégia de expansão e manutenção da igreja. É pregada a submissão e a obediência daqueles que fazem parte da igreja para se comprometerem com a visão e desta forma cumprir o propósito de se espalhar. Nada como utilizar a Bíblia, considerada a Palavra de Deus, para fazer crescer a igreja.

A Bíblia diz: 'sujeitai-vos uns aos outros no temor de Deus', não pode existir entre nós alguém que diz: 'ninguém fala na minha vida; da minha vida tomo conta eu; ninguém tem nada com isso'; não! Esse não é o espírito daqueles que vão fazer essa diferença. A submissão e a obediência estão totalmente ligadas ao poder. Preste atenção, talvez você nunca pensou nisso. Hoje em dia, nós somos uma geração que questiona Deus. Deus chega e diz: 'mulheres, sejam submissas aos seus maridos'. Você fica mal e o pasto precisa pregar horas para te convencer que isso é bênção, porque o espírito do mundo, feminismo, que escraviza muitas mulheres se levanta contra Deus, não aceita [...]. Prestem atenção, o poder para transformar uma geração está ligado à autoridade, está ligado à obediência (Pr. Naor Pedroza, VHS 3a. Conferência Radicais Livres da Videira - Igreja em Células, disponível para locação na livraria da Igreja).

A corte é um tipo de relacionamento que procura evitar problemas depois do casamento, pois tem a intenção de que o casal se conheça fora do matrimônio, isso considerando não haver toques, ou seja, carícias e beijos. Ainda, a Corte procura

incluir a família, pois os pais também terão voz ativa na relação dos filhos. A família é a base para bons relacionamentos e não se deve esquecer os conselhos dados pelos pais. A intenção da Corte é o resgate de uma boa convivência familiar entre os filhos e os pais, fazendo uso de versículos bíblicos que se referem aos filhos obedientes aos pais, como por exemplo o texto de Efésios 6,1 que diz: “Vós, filhos, sede obedientes a vossos pais no Senhor, porque isto é justo”. Esse versículo, juntamente com o texto de 1 Co 11,3 “Quero porém, que saibais que Cristo é a cabeça de todo homem, o homem a cabeça da mulher, e Deus a cabeça de Cristo” são utilizados para falar da existência de uma certa hierarquia: Deus sobre Cristo, Cristo sobre o homem e o homem sobre a mulher.

Assim, se os filhos verdadeiramente amam a Deus devem viver debaixo da autoridade paterna por causa do amor. Nesse ínterim, o texto de João 13,35 também é utilizado, pois fala da prática do amor que daria testemunho de Jesus Cristo ao mundo, pois “Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos, se tiverdes amor uns aos outros”.

Se existe amor a Deus, haverá obediência aos seus mandamentos e com isso Jesus Cristo se fará conhecido pelas pessoas. Desta forma, aquele que reconhece Jesus irá viver cada tempo e ser feliz com cada experiência, seja solteiro, casado ou viúvo. O caso é ter Deus e se resguardar até o matrimônio.

Conforme Vasconcelos (1994, p. 9), a sexualidade não envolve apenas emoções e sentimentos, ela abrange também a capacidade de pensar e “pensar constitui uma experiência humana fascinante, da qual muitos parecem excluir a sexualidade”.

A sexualidade é um tema a ser considerado simbólico, pois, por mais que se fale sobre ela nunca se dará o assunto por esgotado. É também um interesse que está sempre presente em todas as épocas e em todos os lugares.

A sexualidade humana, diferentemente dos animais, não tem o saber instintivo; ela converteu-se, é uma construção social e pessoal, atividade não dirigida pela natureza.

Esse caráter específico da sexualidade humana faz com que ela se exerça sobre um fundo de despreparo e de indeterminação [...]. Tal indeterminação torna a sexualidade muito vulnerável, terreno fértil a toda espécie de sugestões, leis, proibições. Isso explica, aliás, por que em todas as culturas ela é tão regulamentada, vigiada, comandada de fora. Explica também porque nos mostramos influenciáveis nesse campo (VASCONCELOS, 1994, p. 46).

Os sentimentos, as emoções e os desejos caminham juntos com a capacidade de pensar, raciocinar, criar e relacionar imagens e idéias. O educador que não dá lugar aos sentimentos, interessando-se apenas pelo intelecto, termina por desprezar a motivação dos alunos. Porém, “existe uma forte resistência à aceitação dessa evidência. Trata-se de uma resistência secular, relacionada com o poder dos governos, das religiões e das leis” (VASCONCELOS, 1994, p. 77-78),.

Caridade (1997, p. 20-27) considera a sexualidade não apenas como simbólica, mas também corporal e transcendente. É algo que “viaja em nós via sentidos, exige satisfação, quer expressão e transcendência”. A sexualidade está envolvida em um todo que compõe o ser humano. É algo de “biológico mas também de psíquico, existencial, cósmico, transcendente e espiritual, penetra o sexual, porque o homem se revela como tal num além de si, num apetite de mais além”. Esse mais além é o desejo de ser o outro por causa da dualidade sexual que remete o ser humano às relações. É a falta de um outro que preencha o espaço vazio “porque é só com o desejo de um outro humano que nos refazemos”.

“O amor é desejo e o desejo é falta” (SPONVILLE apud CARIDADE, 1997, p. 31). É carência, inquietação, é também um movimento que faz tender à inevitável busca de satisfação. O desejo não cessa, não silencia, é indestrutível, porque nunca é satisfeito completamente.

A vivência prazerosa e expressiva da sexualidade dos pais é a mais autêntica e eficiente educação sexual. Entretanto, a grande maioria pertence a uma geração que silenciou a própria sexualidade como forma de negá-la, de reprimi-la, o que dificultou o desenvolvimento de atitudes livres e transparentes frente à própria vivência sexual (CARIDADE, 1997, p. 41)

Para Santos (2006, p. 72), a religião forma uma ordem social e a sacraliza, justificando e legitimando esta ordem sexual vigente.

Tanto o significado e o lugar do trabalho na sociedade quanto o lugar das mulheres no mundo do trabalho dependem não apenas das condições materiais existentes num contexto histórico e sócio-econômico específico, mas também da 'visão de mundo' dominante nesse contexto (SANTOS, 2006, p. 71).

A legitimação dessa ordem de trabalho colocou a mulher numa posição de rainha do lar, levou o homem para o espaço público, enquanto que para a mulher ficou reservado o espaço privado, representadas como esposa e mãe.

É possível perceber na Videira – Igreja em Células que a hierarquia sexual está construída e é evidente na representação do homem como cabeça e a mulher como auxiliadora, cabendo ao homem o lugar de liderança, de provedor, o que o identifica como chefe da família. Veja a afirmação a seguir:

Nós temos que compartilhar o sonho familiar. Não pode ser silêncio, prevalecer o silêncio dentro da casa. Tem que haver conversa, diálogo. À mulher foi dada essa missão de ser auxiliadora, aquela que ajuda, aquela que assiste o marido [...]. evidentemente eu sei o meu papel, eu decido, sou eu que tomo a decisão, mas eu compartilho com a minha esposa (Pr. Sizinando, CD Ministério da Palavra. Conferência da Família 2006, 24/11/06, a noite).

O que tem-se percebido é que na Videira – Igreja em Células o sexo praticado dentro do matrimônio não é considerado pecado, pois Deus é quem criou



o homem para que se constituísse uma família e família é um plano de Deus para a humanidade. É uma questão de hierarquia. O pai é o cabeça do lar, a mãe cuida do lar e dos filhos, não precisa necessariamente ficar só em casa, mas deve cuidar dos filhos, ensinando do amor de Deus e de obediência, devida a Deus e aos pais, que são autoridade sobre suas vidas.

Segundo Lemos (2000, p. 869), foi somente na metade do século XX que a sexualidade se consolidou enquanto campo de pesquisa. Isso não significa que em épocas anteriores não houvesse interesse sobre o tema.

“O que ocorreu na segunda metade do século XX foi uma mudança na concepção de sexualidade, que passou a orientar os estudos desde então. A compreensão de sexualidade enquanto algo que se constrói socialmente é resultado de um processo e fruto de uma gama muito variada de estudos” (LEMOS, 2000, p. 869).

A sexualidade é um “conjunto formado pelos dados biológicos e os valores, normas e princípios construídos pelas religiões, pelas culturas, pelas ciências, pelo sistema legislativo e por outras forças ou instituições sociais sobre estes atributos biológicos e que resultam em uma diversidade de comportamentos sexuais” (LEMOS, 2000, p. 871).

Os discursos que irradiaram em torno do sexo.

No cruzamento entre confissão e saber científico, a sexualidade foi definida como, por natureza, um domínio penetrável por processos patológicos, solicitando, portanto, intervenções terapêuticas ou de normatização. Foi definida também como um campo de significados a decifrar; um lugar de processos ocultos por mecanismos específicos, com um foco de relações causais infinitas e uma palavra obscura que é ao mesmo tempo preciso desencavar e escutar (LEMOS, 2000, p. 873).

Flandrin (*apud* LEMOS, 2001, p. 630) afirmou que na luta pelo poder religioso o cristianismo elaborou um discurso sobre a sexualidade, trazendo a relação sexual para dentro do matrimônio na tentativa de se impor frente às correntes filosóficas existentes na época de seu início. Fez isso com o apoio da

idéia da lei natural, afirmando a necessidade da procriação dentro do matrimônio, idéia essa que veio mais tarde ser reforçada com o auxílio de diversas ciências e instituições com intuito de buscar na “família uma forma de controle da sociedade”.

O matrimônio, antes de tornar-se um sacramento, era um contrato civil realizado entre duas famílias, onde a noiva era o “veículo de circulação do patrimônio”. Porém, o casamento como contrato poderia ser dissolúvel a qualquer momento quando as partes o quisessem, principalmente quando a esposa não pudesse dar filhos ao marido. Era contra isso que a Igreja Católica lutava, buscando colocar o casamento como indissolúvel, público e por ela administrado, o que de fato conseguiu, elevando o matrimônio à categoria de sacramento no século XIII. A partir daquela época, a Igreja Católica lançou o discurso de que a prática do sexo deveria ser apenas no casamento e para procriação (ALMEIDA *apud* LEMOS, 2001, p. 631).

No centro da moral cristã há uma desconfiança em relação aos prazeres carnis, com o argumento de que “os prazeres carnis mantêm o espírito prisioneiro do corpo, impedindo-o de se elevar em direção a Deus” (FLANDRIN *apud* LEMOS, 2001, p. 631).

Surgiram diversas reações acerca deste discurso. Para os moralistas, teólogos e alguns fiéis, os pensamentos coincidiam com a doutrina da Igreja na época, parecendo, assim, que as pessoas aceitaram as proposições da Igreja de que o casamento tivesse por finalidade a procriação e que as “relações amorosas estão associadas à busca de um prazer excessivo” (FLANDRIN *apud* LEMOS, 2001, p. 632).

Segundo Lemos (2001, p. 633), existia também a questão das contradições e da ambiguidade do discurso pronunciado pela Igreja cristã Católica sobre a

sexualidade, já que estes discursos foram elaborados no contexto de uma relação de poder, dependendo da posição estratégica que os líderes religiosos ocupassem, afim de garantir da sociedade adesão aos valores pregados pela Igreja.

A antiga moral cristã, segundo a qual a sexualidade nos é dada somente para procriar, e qualquer outro uso seria perverter a obra de Deus, é racional, coerente, mas demasiadamente austera para ser observada FLANDRIN *apud* LEMOS, 2001, p. 633).

Muitos cristãos da época não apenas não seguiram a doutrina imposta pela Igreja, como também não aceitaram, conformando-se com um ideal de moral contrários ao da igreja.

Segundo Machado (*apud* LEMOS, 2001, p. 634), a tradição moral sexual cristã marcou a percepção da sexualidade humana de modo negativo até o século passado. Com esse início de século e com a ação de grupos feministas, essa tradição moral está passando por transformações.

Com a persistente idéia de que a sexualidade deva ser realizada apenas no matrimônio, o investimento que pode ser realizado com o fim de que se cumpra tal obrigação é na instituição da família.

Quanto a proposta de ideal de família na Videira – Igreja em Células e a prática da abstinência sexual, o discurso existirá enquanto houver interesses reais ou imaginários da clientela que assiste na determinada confissão religiosa.

Em uma conferência realizada na Videira – Igreja em Células pela liderança dos jovens, uma das palestras ministradas pelo Pr. Naor Pedroza teve como tema ‘Obediência absoluta’. Ali, o pastor inicia falando sobre o propósito da liderança do grupo de jovens, os Radicais Livres, de “marcar a nossa geração como jovens que expressem a Jesus e são usados para trazer o reino de Deus” (Pr. Naor Pedroza,

VHS 3a. Conferência Radicais Livres da Videira - Igreja em Células, disponível para locação na livraria da Igreja).

O pastor pregador faz uma alusão a Jesus como tendo executado o ato mais radical da humanidade por ter dado sua vida por todos os seres humanos, passando a ser o modelo absoluto para aqueles que querem servir a Deus. “Quando a Bíblia diz que Ele é o primogênito, é que Ele é o modelo. Ele é apenas o primeiro de uma nova raça. O propósito de Deus é uma família de filhos semelhantes a Jesus” (Pr. Naor Pedroza, VHS 3a. Conferência Radicais Livres da Videira - Igreja em Células, disponível para locação na livraria da Igreja). Nesta afirmação está implícita a idéia de família, a partir do desejo eterno de Deus de que uma porção de pessoas, consideradas herdeiras em Jesus Cristo, vão morar no céu por terem se tornado filhos de Deus através da imitação a Jesus Cristo, ou seja, sendo Jesus homem e tendo conseguido vencer as tentações aqui na terra, se o homem tornar-se semelhante a Cristo terá por herança o céu, participando assim da família eterna de Deus.

A proposta de Deus para ser semelhante a Jesus não é algo impossível, é o que afirma o pregador, porque Deus não propõe nada que seja impossível. Aí surge o apelo para se viver como Jesus e não deixar passar em branco a oportunidade que a Igreja está tendo para fazer a diferença, para levar a igreja para outros lugares, a fim de cumprir o propósito de Deus, seguindo o exemplo de seu filho, Jesus Cristo.

Há na Videira o discurso de submissão a autoridade, por acreditar que toda autoridade seja instituída por Deus. É uma hierarquia, Deus sobre seus ‘filhos’; presidente sobre uma nação; governador sobre um estado; prefeito sobre uma cidade; pastor sobre os fiéis; e, pais sobre os filhos. O maior exemplo é o de Jesus,

que viveu uma vida “plena e completa e absoluta obediência ao trono de Deus porque ele (Jesus) sabia que todas as coisas procedem do trono de Deus” (Pr. Naor Pedroza, VHS 3a. Conferência Radicais Livres da Videira - Igreja em Células, disponível para locação na livraria da Igreja).

A partir do momento em que se confessa ser um convertido a Cristo e faz parte da igreja e tem o entendimento de que foi comprado por Jesus, através de sua morte, a pessoa passa a não ter opção de vida porque pertence a um dono: Deus. Só que essa pertença está debaixo da autoridade do pastor da igreja na qual a pessoa serve. A pessoa passa a não ter direito de decisão, agora é serva e, se ama a Deus, irá cumprir os seus mandamentos. E se os mandamentos dele é para dirigir um grupo de células, a pessoa não tem opção, deve obedecê-lo; se o mandamento de Deus é que a pessoa faça um casamento casto, ou seja, se abstenha do sexo até seu matrimônio, é isso que ela deve fazer.

Nós jovens estamos vivendo dentro da geração mais arrogante e independente de Deus que já passou na face da terra. Nós somos a geração de jovens e adolescentes mais rebeldes que já viveu. Muitas vezes chegam dentro da igreja como um animal indomado que não conhece limites, que não respeita pai e mãe, que se levanta contra tudo que se chama autoridade, mas não sabem que ao se levantarem estão se levantando contra o Senhor, porque ele é autoridade absoluta e toda autoridade constituída na terra foi constituída por ele (Pr. Naor Pedroza, VHS 3a. Conferência Radicais Livres da Videira - Igreja em Células, disponível para locação na livraria da Igreja).

O sermão do pastor fala da autoridade que é instituída por Deus e que deve ser obedecida como tal. Segundo Weber,

a característica seguinte deve ser considerada como decisiva para a nossa terminologia: na autoridade legal, a submissão não se baseia na crença e dedicação à pessoas carismaticamente dotadas, como profetas e heróis, ou na tradição sagrada, ou na devoção a um senhor e amo pessoal definido por uma tradição ordenada, ou na devoção aos possíveis ocupantes de cargos e prebendas legitimados por si mesmos, através do privilégio e da concessão. A submissão à autoridade legal baseia-se antes num laço impessoal a um ‘dever de ofício’ funcional e definido de modo geral. O dever de ofício [...] é fixado por normas estabelecidas racionalmente, através de decretos, leis e regulamentos, de tal modo que a legitimidade da autoridade se torna a legalidade da regra geral, que é conscientemente

desenvolvida, promulgada e anunciada com uma correção formal (WEBER, 1991, p. 344).

Para Weber (1999, p. 175), o poder é compreendido como a probabilidade de uma pessoa ou várias impor a própria vontade contra a oposição de outros participantes em uma ação social. O poder não é buscado de maneira que se venha obter enriquecimento, pois pode ser apreciado por si mesmo estando também condicionado pela honra social.

A dominação faz parte da estrutura do poder. É um dos elementos básicos da ação social e desempenha um papel considerável influenciando todas as áreas da ação social.

A dominação e a forma como ela é exercida são o que faz nascer, de uma ação social amorfa, uma relação associativa racional, e noutros casos, em que não ocorre isto, são, não obstante, a estrutura da dominação e seu desenvolvimento que moldam a ação social e, sobretudo, constituem o primeiro impulso, o determinar, inequivocadamente, sua orientação para um 'objeto' (WEBER, 1999, p. 187).

A dominação é um caso especial do poder e os seus detentores, assim como ocorre com aqueles que detém o poder, não perseguem interesses puramente econômicos.

Weber (1999, p. 191) caracteriza, entre outros, dois tipos principais de dominação, a saber: a dominação em virtude de interesses e a dominação em virtude de autoridade. Seja qual for a forma de dominação ela pode transformar-se em uma dominação autoritária, “baseada numa relação associativa, *do poder de mando e do aparato coativo*”.

A dominação é uma situação de fato, em que a vontade manifesta do dominador ou dominadores quer influenciar, e influencia, as ações de outras pessoas (dominado ou dominados), de tal forma que estas ações realizem-se como

se os dominados tivessem feito do próprio conteúdo do mandado a máxima de suas ações ('obediência').

Segundo Weber (1999, p. 193) “toda dominação manifesta-se e funciona como administração”. Desta forma, toda administração precisa da dominação, pois é necessário que determinados poderes de mando encontrem-se nas mãos de alguém. Assim, “o poder de mando pode ter aparência muito modesta, sendo o dominador considerado o 'servidor' dos dominados e sentindo-se também como tal”.

Seja qual for o tipo de dominação, sua subsistência depende da “autojustificação mediante o apelo aos princípios de sua legitimação” (WEBER, 1999, p. 197). Sendo assim, o patriarcalismo representa a ação social em laços morais de autoridade tradicional. O patriarcalismo é o tipo mais importante de domínio da legitimidade, baseado na tradição. “Significa a autoridade do pai, do marido, do mais velho na casa, do parente mais idoso sobre membros da casa e do clã” (WEBER, 1991, p. 341) etc.

Para Weber (1999, p. 234) um dos mais importantes princípios estruturais pré-burocráticos é a estrutura patriarcal de dominação. A obediência a normas por partes dos subordinados ao poder no que se refere a dominação patriarcal está fundamentada na tradição e na crença na inviolabilidade daquilo que foi assim desde sempre. E o significado destas normas na dominação patriarcal é a

submissão pessoal ao Senhor que garante a legitimidade das regras por este estatuídas, e somente o fato e os limites de seu poder de mando têm, por sua vez, sua origem em 'normas', mas em normas não-estatuídas, sagradas pela tradição. Mas sempre prevalece na consciência dos submetidos, sobre todas as demais idéias, o fato de que este potentado concreto é o 'senhor' (WEBER, 1999, p. 234).

Na dominação patriarcal o poder paterno e a piedade filial não estão baseados primeiramente por vínculos de sangue reais, pois a concepção patriarcal

primitiva trata o poder doméstico sob o aspecto de propriedade: mulher e filhos são submetidos ao poder de um homem.

Para Bourdieu (2007, p. 17) pensar na divisão das coisas e das atividades, entre outras, a sexual, como naturais irá adquirir reconhecimento de legitimação. Isso levaria a ordem social estabelecida em que está firmada em uma imensa máquina simbólica que valida a dominação masculina.

A dominação masculina e a submissão feminina só pode ser compreendida se a atenção estiver completamente voltada para os efeitos duradouros, provocados pela ordem social, exercidos sobre a mulher e/ou homem.

A divisão sexual está inscrita, por um lado, na divisão das atividades produtivas a que nós associamos a idéia de trabalho, assim como, mais amplamente, na divisão do trabalho de manutenção do capital social e do capital simbólico, que atribui aos homens o monopólio de todas as atividades sociais, públicas, de *representação*, e em particular de todas as tocas de honra, das trocas de palavras [...], trocas de dons, trocas de mulheres, trocas de desafios e de mortes [...], por outro lado, nas disposições (os *habitus*) dos protagonistas de economia de bens simbólicos” (BOURDIEU, 2007, p. 60)

O pastor declara que a Videira é uma igreja que nasceu no meio de uma geração corrompida para fazer a diferença, para influenciar outras pessoas, para constranger outros ao amor de Deus e a andarem na contramão do curso normal que o mundo tem trilhado de exaltação ao homem. Uma geração de jovens, homens e mulheres que se sujeitam completamente a Deus e às suas autoridades.

Nós somos uma geração de Noé, como diz a Bíblia. Uma geração que era presa na sensualidade, na violência e na corrupção. A Bíblia diz que vendo os filhos de Deus que as filhas dos homens eram formosas, em Gênesis 6, tomaram para si mulheres, as que entre todas o agradavam. Também, a Bíblia fala que viu o Senhor que a maldade do homem havia se multiplicado na terra. A Bíblia fala, também, em Lucas 17 que essa geração de Noé comiam, casavam e davam-se em casamento. O deus deles era o ventre. Escravos do sexo, escravos da sensualidade, escravos da violência e da corrupção. E a nossa geração tem sido uma geração corrompida. O debate de hoje é o casamento homossexual: homem com homem, mulher com mulher. É uma distorção completa da raça, colocando sempre o homem no centro. Mas eu creio que é nesse tempo que Deus levanta um povo chamado pra obedecer. O meu desafio pra você hoje como radical livre é a obediência (Pr. Naor Pedroza, VHS 3a. - Conferência Radicais



Livres da Videira - Igreja em Células, disponível para locação na livraria da Igreja).

A literatura retrata a família brasileira como sendo o resultado da “transplantação e adaptação da família portuguesa ao nosso ambiente colonial” (SAMARA, 1986, p. 7), o que gerou um modelo característico de patriarcado, com tendências conservadoras. Portanto, a família brasileira passou a ser comumente denominada de patriarcal ou família extensa, isso porque no período colonial o retrato da família brasileira era de agregação, ou seja, ao seu núcleo era incorporado vários indivíduos que tinham algum tipo de ligação com o proprietário, sua mulher ou filhos(as) legítimos(as), vivendo todos juntos sob o mesmo teto.

A família desempenhou um papel fundamental na sociedade colonial, aparecendo também como solução para os problemas de acomodação sócio-cultural da população livre e pobre (SAMARA, 1986, p. 11).

A estrutura da família patriarcal era encontrada principalmente no ambiente rural nos primeiros séculos da nossa história. O cuidado do chefe da família era de cuidar dos negócios e preservar a linhagem e a honra familiar, exercendo autoridade sobre a mulher, filhos e demais dependentes que estavam sob sua influência. Assim, o símbolo desse tipo de organização familiar foi o da casa-grande.

Igreja, Estado e instituições econômicas e sociais acabavam sendo afetados e até mesmo controlados pela influência e supremacia de certas famílias. Desta forma, a descrição de família caracterizada pela sociedade colonial limitada ao ambiente rural passou a ser visto como o modelo válido para a sociedade brasileira, confundindo vários conceitos: a família brasileira virou sinônimo de patriarcal e família patriarcal tornou-se sinônimo de família extensa.

A família brasileira era de uma grande extensão parentesca que se desenvolvia através das misturas entre as raças e pelos casamentos entre a elite branca, o que levou à seguinte estrutura: o núcleo central composto pelo chefe da família, esposa e filhos legítimos e a camada periférica era bem menos delineada, pois a absorção de membros subsidiários, tais como, filhos ilegítimos, parentes, afilhados e serviçais, tornava esse modelo complexo (SAMARA, 1986, p. 13).

Os vizinhos e os trabalhadores livres e migrantes também eram incorporados à família patriarcal ou extensa e sob sua influência por razões econômicas, políticas ou laços de compadrio. Esse vínculo permitia uma maior participação política, social e econômica na ordem paternalista. Se para esses indivíduos

era interessante procurar a proteção de uma família, para o patriarca também era importante a sua manutenção, que significava projeção política em um tipo de sociedade em que o prestígio era medido pela quantidade de pessoas sob sua influência [...].

Esse modelo de estrutura familiar necessariamente enfatizava a estrutura do marido, relegando à esposa um papel mais restrito ao âmbito da família. As mulheres depois de casadas passavam da tutela do pai para a do marido, cuidando dos filhos e da casa no desempenho da função doméstica que lhes estava reservada (SAMARA, 1986, p. 14).

Segundo Samara (1986, p. 17-18), na família paulista o modelo patriarcal ou extensa eram somente uma das formas de organização familiar e não apresentava as mesmas características de composição se comparado às áreas de lavoura canavieira do Nordeste brasileiro do período colonial, em especial dos séculos XVIII e XIX. Esse fenômeno se dá pelo fato de que a predominância da família paulista é a chamada família nuclear com poucos integrantes.

O casamento é uma instituição valorizada pelo grupo social da elite branca que visava a manutenção da classe e a sua estabilidade social, limitando casamentos mistos do tipo de cor, nascimento, honra e riqueza, visando “preservar

a fortuna mantendo a linhagem e a pureza de sangue” (SAMARA, 1986, p. 44).

Assim, nasceram os arranjos matrimoniais, observando critérios e valores morais.

A legalização das uniões, por sua vez, dependia do consentimento paterno, cuja autoridade era legítima e incontestável, sendo de sua competência decidir e até mesmo determinar o futuro dos filhos sem consultar suas inclinações e preferências (SAMARA, 1986, p. 45).

A partir de 1765 ocorreu um aumento do número de moças brancas de Portugal já com o casamento tratado para garantir, entre a elite branca, a condição sócio-econômica e a pureza de sangue, elementos básicos para que o casamento fosse realizado.

A freqüência do celibato e das uniões ilegítimas causavam preocupação dos pais em relação ao futuro de suas filhas.

Devido às poucas opções que restavam à mulher, o casamento tinha uma função específica, especialmente numa sociedade onde sua imagem estava associada às de esposa e mãe. Representava também proteção e sobrevivência econômica, pois era da competência do marido zelar pela segurança da mulher e da prole (SAMARA, 1986, p. 51)

Existiam algumas dificuldades para que a família fosse composta: primeira, o matrimônio muitas vezes dependia da situação financeira dos noivos. O noivo tinha que apresentar garantias ao pai da pretendente que possuía condições financeiras para sustenta-la. Uma outra dificuldade para a composição da família era o alto custo das despesas matrimoniais, favorecendo, desta forma, a concubinação entre as camadas mais baixas da população. Por fim, a religião também foi um obstáculo para realização de casamentos mistos numa sociedade em que a maior parte de seus integrantes professava a fé católica. A Igreja pressionava a população para que sacramentassem as uniões entre os noivos que confessassem a fé católica, sendo desaconselhado o casamento com um infiel.

Dentro dos matrimônios foi ocorrendo a divisão de incumbências entre os sexos, colocando o poder de decisão formal nas mãos do homem como provedor da mulher e dos filhos.

Perfazendo adequadamente seus respectivos papéis, os cônjuges deveriam se completar nos matrimônios tradicionais. A incumbência básica da mulher residia no bom desempenho do governo doméstico e na assistência moral da família, fortalecendo seus laços. Percebe-se que ambos preenchiam papéis de igual importância, mas desiguais no teor da responsabilidade (SAMARA, 1986, p. 59).

No Brasil, a pedra angular da família e que se originava do casamento era o poder paterno, ou seja, o poder de decisão estava nas mãos dos homens. O marido administrava os próprios bens e os da esposa como 'cabeça-de-casal'. Assim, o homem é identificado como chefe-da-família, o provedor. Já a mulher aparece como esposa e mãe, cabendo-lhe a responsabilidade do trabalho doméstico.

Essa idéia de marido como 'cabeça-do-casal' aparece nos autores protestantes que escrevem sobre as famílias, como no caso de Kemp, pastor e escritor fundamentalista que escreve sobre casamento, criação e educação dos filhos.

Segundo Kemp (2001, p. 23) as perguntas que são feitas por homens e mulheres que levam Deus a sério são do tipo: O que posso fazer para ser o marido que o Senhor quer que eu seja? Como é que eu posso cumprir o meu papel de esposa de acordo com sua vontade Deus? As respostas a essas perguntas encontram-se em Efésios 5,22-29.

Vós, mulheres, submetei-vos a vossos maridos, como ao Senhor; porque o marido é a cabeça da mulher, como também Cristo é a cabeça da igreja, sendo ele próprio o Salvador do corpo. Mas, assim como a igreja está sujeita a Cristo, assim também as mulheres o sejam em tudo a seus maridos. Vós, maridos, amai a vossas mulheres, como também Cristo amou a igreja, e a si mesmo se entregou por ela, a fim de a santificar, tendo-a purificado com a lavagem da água, pela palavra, para apresentá-la a si mesmo igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem qualquer coisa semelhante, mas santa e irrepreensível. Assim devem os maridos amar a

suas próprias mulheres, como a seus próprios corpos. Quem ama a sua mulher, ama-se a si mesmo. Pois nunca ninguém aborreceu a sua própria carne, antes a nutre e preza, como também Cristo à igreja.

Para o referido autor, nesse texto encontram-se duas qualidades que fazem parte do papel do marido. A primeira está no verso 23 que é a liderança. Liderança aqui refere-se a poder e autoridade. No verso 25 a segunda qualidade referida pelo autor de Efésios é o amor.

Em 1 Coríntios 11,3 “Quero porém, que saibais que Cristo é a cabeça de todo homem, o homem a cabeça da mulher, e Deus a cabeça de Cristo”, também é utilizado para afirmar que o homem é a cabeça da mulher e sendo a cabeça quer dizer que ele é o líder do lar. Assim sendo, “de uma maneira simples e clara Deus estabeleceu a ordem para a família” (KEMP, 2001, p. 24).

Para Kemp (2001, p. 91) a sexualidade foi estabelecida por Deus “para procriação da raça humana no contexto do relacionamento do casamento”.

A Palavra de Deus nos dá a melhor perspectiva sobre o sexo. Não é uma perspectiva distorcida e negativa como a filosofia puritana, nem a 'nova moralidade' que deixa de lado o padrão de Deus sobre moral e sugere uma 'liberdade' completa na expressão dos desejos sexuais. Deus nos criou seres sexuais para o bem-estar do homem e da mulher, e é seu propósito que entendemos os plano dEle para nossa vida (KEMP, 2001, p. 91).

“O sexo é **restrito ao relacionamento do casamento**”, afirma Kemp (2001, p. 93) fundamentando suas afirmações em textos da Bíblia como:

Ora, quanto às coisas de que me escrevestes, bom seria que o homem não tocasse em mulher; mas, por causa da prostituição, tenha cada homem sua própria mulher e cada mulher seu próprio marido. O marido pague à mulher o que lhe é devido, e do mesmo modo a mulher ao marido. A mulher não tem autoridade sobre o seu próprio corpo, mas sim o marido; e também da mesma sorte o marido não tem autoridade sobre o seu próprio corpo, mas sim a mulher. Não vos negueis um ao outro, senão de comum acordo por algum tempo, a fim de vos aplicardes à oração e depois vos ajuntardes outra vez, para que Satanás não vos tente pela vossa incontinência (1 Coríntios 7,1-5).

Porque esta é a vontade de Deus, a saber, a vossa santificação: que vos abstenhais da prostituição, que cada um de vós saiba possuir o seu vaso em santidade e honra, não na paixão da concupiscência, como os gentios que não conhecem a Deus; ninguém iluda ou defraude nisso a seu irmão, porque o Senhor é vingador de todas estas coisas, como também antes vò-lo dissemos e testificamos. Porque Deus não nos chamou para a imundícia, mas para a santificação (1 Tessalonicenses 4,3-7).

Através de textos como estes a prática do sexo fora do casamento é considerado uma paixão carnal que Deus nunca poderá abençoar.

A sexualidade do homem e da mulher passou a ser encarada de maneira diferente através da entrada do pecado no mundo. A partir do pecado a percepção do homem e da mulher ficou distorcida, fazendo com que não conseguissem ver Deus como Ele é (KEMP, 2001, p. 92).

Outra consideração do sexo no contexto do casamento é que ele é destinado a gerar filhos. Talvez essa seja a ordem que o Ser Humano mais obedeceu. Haja vista o número de habitantes no planeta. No entanto, Kemp (2001, p. 95) não deixa de afirmar que filhos são uma bênção e que deve haver um planejamento familiar.

O sexo também é visto como um meio de comunicação, isso porque o sexo não é somente físico, mas emocional e espiritual. Porém, não deve haver o pensamento errôneo de que a comunicação deva ocorrer apenas sexualmente, o diálogo é muito importante e a comunicação sexual é apenas uma parte do todo que envolve o relacionamento conjugal.

Kemp (2001, p. 96) fala de uma moça que o procurou pouco tempo antes de se casar e contou-lhe que sempre ouviu da mãe que o sexo era sujo, que devia ser feito apenas para gerar filhos e que era uma cruz que a mulher devia carregar. A partir desta colocação o autor começa a discorrer sobre o texto de Provérbios 5,1-15 e afirma que no verso 15, “Bebe a água da tua própria cisterna, e das correntes do teu poço.” segundo a vontade de Deus, o prazer sexual encontra-se “na própria

casa, com seu próprio marido e esposa. As forças sexuais não devem ser espalhadas pelas ruas e praças da cidade”, sendo visto também como um meio de proporcionar prazer para o casal, é claro que casado.

Após discorrer sobre o texto Kemp (2001, p. 99) volta à jovem que falou com ele antes do casamento e tirou todas as dúvidas que tinha sobre o sexo e afirma: “eu quero que você saiba que, por causa daquela conversa, ela recebeu uma nova perspectiva sobre o sexo. Hoje, ela e seu marido desfrutam de um relacionamento físico bem ajustado. Eles têm um lar muito feliz, juntamente com seus dois lindos filhos”.

Neste capítulo, nossa reflexão permitiu-nos um olhar sobre a Videira – Igreja em Células, seu surgimento e suas propostas tradicionalista e fundamentalista sobre a família e a sexualidade. Sua luta para preservar suas idéias conservadoras em meio às mudanças atuais no seio familiar e quanto ao aspecto sexual.

Tendo refletido sobre a amplitude dessa discussão para o estudo da família e da sexualidade na Videira – Igreja em Células, passamos para o terceiro capítulo deste trabalho que tem por objetivo refletir sobre as críticas da teologia feminista ao patriarcado; o discurso tradicional num contexto de família em transformação; e a luta da Videira – Igreja em Células por manutenção frente a tantas ofertas religiosas.

## **4. CAPÍTULO III**

### **4.1 A TEOLOGIA FEMINISTA, O AMOR ROMÂNTICO, O CONTROLE DA SEXUALIDADE**

#### **4.1.1 As críticas da Teologia Feminista ao Patriarcado**

Durante séculos na história o que se vê são mulheres, assim como outras classes marginalizadas, negros e índios, sofrerem violação, agressão, abuso e manipulação do corpo. Atualmente, mulheres têm-se unido aos movimentos daqueles que sofrem e tem buscado construir sua própria história, haja vista que as mulheres também são protagonistas.

As mulheres que se enquadram nessa perspectiva denominam-se feministas. Entre as feministas, muitas são teólogas e a produção de seu pensamento se chama de Teologia Feminista. Segundo a teóloga feminista Pereira (1996, p. 6), o avanço do pensamento hermenêutico tem possibilitado novas formas de interpretação e considera importante para uma leitura bíblica dos evangelhos manter o olhar sobre o corpo - o corpo do oprimido, do marginalizado e até mesmo o corpo do texto, pois “entender o texto como corpo, fruto de relações sociais de gênero, entender o processo de interpretação também a partir das relações concretas dos corpos traz novas luzes para a compreensão do discurso”.

Para Pereira (1996), ao se fazer uso do corpo como critério hermenêutico, está-se oferecendo novas oportunidades de leituras que tornam-se convite e abertura de diálogo, como também novas relações vivenciais com aqueles que são



diferentes. Uma hermenêutica feminista de libertação descobre as pessoas em suas realidades com sua subjetividade, história, cultura e singularidades.

Respeito às diferenças: isto é o que se pode afirmar que uma hermenêutica feminista faz. Quem melhor do que as mulheres, que tanto sofreram os preconceitos, para ajudar no processo de abertura dos olhos de tantos que se encontram fechados?

Segundo a referida autora, cada ser possui sua história, sua realidade de vida, seu contexto econômico, social, político e religioso, mas também carrega em si potencialidades para as mudanças. A atuação de mulheres e sua participação em congressos tem permitido novos escritos e re-leituras bíblicas, trazendo também avanços no pensamento hermenêutico.

A hermenêutica feminista promove libertação, pois ela assiste o mundo a partir de um novo olhar, o olhar das mulheres, descobrindo as diferenças e refazendo o caminho de opressão e dominação “de um sexo sobre o outro, de uma classe sobre a outra, de uma etnia sobre a outra, de uma geração sobre a outra” (PEREIRA, 1996, p. 7). Desta forma, tem-se buscado reconstruir a história, através dos próprios textos da Bíblia, sob um olhar feminino.

A reconstrução de um texto irá “torná-lo libertador, procurando manter alternativas de interpretação que inviabilizem qualquer tentativa de controle do texto e sua mensagem” (PEREIRA, 1996, p. 9).

E, continua Pereira (1996), qualquer pessoa, homem ou mulher, que ler um texto a partir de suas próprias experiências tem o compromisso de desconstruir e reconstruir o sentido do texto de modo a possibilitar um lugar de integração e humanização.

Não há dúvida que o Evangelho desvenda os olhos e desamarra nós que já foram feitos, porém há necessidade de clamar e buscar nos exemplos de Jesus atitudes que coloquem em prática a fé salvadora que através dos seus atos dava vista aos cegos; lugar às pessoas marginalizadas, dentre as quais estavam presentes também as mulheres, além de crianças e escravos; liberdade aos cativos – povos presos às tradições que matam.

Afirma ainda Pereira (1996) que uma hermenêutica feminista de libertação busca, a partir da ótica feminista, trabalhar aspectos desde a opressão da mulher até textos sobre mulheres líderes e oprimidas. Não é descobrimento ou uso exclusivo das mulheres. É o fruto do encontro com diálogo e busca com desejo de mudança, através da consciência de que as mulheres também são sujeito histórico e teológico, e ainda estão inseridas num contexto social, econômico e cultural. Assim, textos estão sendo escritos por mulheres e homens. Autores que procuram trazer à luz discussões acerca das relações de Gênero, abordando também corpo e sexualidade.

Um outro exemplo de Teologia Feminista pode ser o pensamento de Richter Reimer (2004, p. 35), que reflete sobre a necessidade de mudança de paradigmas, para que haja relações mais justas e gostosas, haja vista que o contexto em que a sociedade se encontra é aquele denominado sistema patriarcal, que é caracterizado pela “construção de hierarquias de valores e normas que tomam por base as experiências de homens brancos, ricos e poderosos que dominam a casa e a sociedade”. Neste modelo de sociedade tudo aquilo que não se adapta é marginalizado, discriminado, excluído e eliminado. Estes modelos são transferidos de geração em geração, de formas orais e escritas, em casa, na escola, na igreja, na sociedade em geral.

Há necessidade de entender e modificar essa realidade levando em consideração que ambos os sujeitos já vão se modificando no processo. Para tanto, são utilizadas categoria de análise a fim de buscar entender a realidade, a vida e os paradigmas que orientam concepções e ações. Foi a partir da década de 80 que o gênero se destacou como categoria de análise. O gênero “busca abarcar todas as realidades e dimensões da vida pessoal e familiar-coletiva” (RICHTER REIMER, 2004, p. 37).

Afirma a autora que gênero não é sinônimo de sexo. Está relacionado a papéis e relações determinadas pela biologia, pelo contexto social, político, econômico, cultural e religioso. É uma construção sociocultural a partir das diferenças biológicas. O que é mais importante perceber é que as relações de gênero são construídas a partir das relações de poder.

A identidade de gênero é aprendida e desenvolvida da infância à vida adulta envolvendo tudo que diz respeito ao desenvolvimento somático, psicológico e sexual. É importante enfatizar que o estabelecimento dos papéis de gênero é um processo que legitima a subordinação das mulheres, sendo que as diferenças biológicas entre homens e mulheres tão somente contribuíram para justificar esta discriminação.

A sociedade masculina se fortalece e oprime o gênero feminino. A tendência de existir uma parte que deve ser sacrificada a escolha natural é que as mulheres o sejam por representar o profano. No entanto, é possível afirmar que “as mulheres e a proteção maternal são responsáveis pela criação de homens que sabem ser nitidamente diferentes de sua mãe e de suas irmãs” (CHODOROW apud ERICKSON, 1991, p. 72), pois são as mulheres as primeiras a fazer parte da sacralização dos filhos.

Ao excluir as mulheres “do mundo ideal como uma atividade admitida da vida social” (ERICKSON, 1991, p. 49) está se sacralizando a comunidade masculina e denegrindo o feminino, tornando os homens seres sociais e as mulheres naturais. Desta forma, a sociedade masculina que se fortalece a cada dia oprime o gênero feminino. A tendência é existir uma parte que deve ser sacrificada, a escolha natural é que as mulheres o sejam por representar o profano.

Um exemplo claro deste sacrifício é a divisão de trabalho por gênero. O que se pode perceber é que o trabalho das mulheres é sempre menos valorizado e remunerado do que o trabalho dos homens, sem contar que o preconceito em relação ao trabalho da mulher não muda, mesmo com a mudança da realidade, ou seja, mesmo quando a mulher é responsável pelo sustento familiar.

As mulheres são heteroidentificadas no campo social do mercado de trabalho como uma categoria sociolaboral secundária em relação aos homens; isso faz com que se vejam destinadas a posições muito menos favoráveis que as que, em média, ocupam os homens no trabalho, no emprego e nos postos de organizações (ESTEBAN, 2003, p. 598).

Richter Reimer (2004, p. 43) considera a importância de se entender que produção e reprodução estão ligadas na vida das mulheres, só assim, haverá mudança na situação de discriminação das mulheres. Nesta tentativa, busca remover obstáculos “que bloqueiam os caminhos para uma distribuição igualitária e justa dos benefícios gerados pelo trabalho de mulheres e de homens”. A dimensão de poder masculino é exercido sobre outras pessoas de forma autoritária e impositiva, haja vista que nesta sociedade os homens são socializados tão somente para o exercício de autoridade, enquanto que as mulheres o são para submeter-se a esta autoridade.

No contexto religioso em relação ao gênero, afirma Richter Reimer (2004), textos bíblicos legitimam a opressão da mulher, mas também existem outros que questionam e superam esta opressão. E a religião, de posse desses textos, tem oportunidade de criar novos paradigmas de relação mais justa e gostosa entre homem e mulheres.

Há necessidade de se abolir com a desigualdade, a opressão, a injustiça, os preconceitos, enfim, tudo aquilo que subjuga um ser a outro. E essa mudança deve ocorrer não só com a luta das mulheres, mas em conjunto – homens e mulheres – em busca de um mundo onde as relações são mais justas e prazerosas.

Stegemann (2004), remete seus leitores ao Novo Testamento, abordando a diferença entre os âmbitos de vida de homens e mulheres e as oportunidades de vida de mulheres determinadas pelo contexto histórico-social ao qual pertenciam. Revela a atuação das mulheres em diversos contextos – público, tribunais e associações.

Mesmo as mulheres estando excluídas, em princípio, da política e grêmios, não implica que estivessem desprovidas de qualquer influência política, haja vista que as mulheres “atuavam como conselheiras de seus maridos ou filhos, exerciam influência sobre eles, atuavam publicamente ao lado deles, participavam de discussões políticas e provavelmente até de conspirações políticas” (STEGEMANN E STEGEMANN, 2004, p. 411).

É interessante ressaltar que nos cultos as mulheres tinham perfeitamente o seu lugar, mesmo que se restrito comparado ao dos homens. O importante é que, de forma ativa ou passiva as mulheres participavam nos cultos.

A presença das mulheres em ceias sociais das famílias ou de associações era restrita em comparação com os homens, ou senão é considerada indecorosa, fazendo recair sobre si a suspeita de disponibilidade sexual.

Quanto ao aspecto da participação da mulher na economia doméstica e na divisão de papéis em termos de gênero as mulheres tinham papel fundamental na antigüidade, o que diferenciava papéis para homens e mulheres.

Segundo Stegemann (2004, p. 422), os escritos neotestamentários são textos que compartilham a convenção androcêntrica da tradição da antigüidade, por isso, “qualquer tentativa de reconstruir historicamente a participação de mulheres no movimento carismático de Jesus depende de uma base textual estreita”. É inegável a participação das mulheres no movimento de Jesus. As mulheres que o seguiam estavam numa relação contínua de seguimento a ele. As mulheres não somente participavam na vida comunitária da igreja, como também exerciam funções de liderança. Algumas são: apóstola – a única mulher citada é Júnias; cooperadoras na missão; diaconas; presbíteras; e profetisas.

É importante também resgatar no cânon bíblico a originalidade e a especificidade do texto, através de análise exegética e histórica.

Por que não dar destaque também a sujeitos e agentes que fazem parte destes conteúdos: mulheres e homens que participaram da missão, que colocaram suas vidas em perigo, que construíram comunidades, que deram sua vida, seu trabalho e seu suor para desenvolverem, também conjuntamente com Paulo, os carismas recebidos de Deus?” (RICHTER REIMER, 2003, p. 1081).

É necessário resgatar a importância das saudações, nomeações e destaques dados à mulheres e homens que contribuíram na construção da história do missionário. Também é importante destacar a perspectiva econômica dos

ministérios eclesiais visando compreender a maneira como as pessoas administravam sua casa, trabalho, comunhão e comunidade do povo de Deus.

A saudação do apóstolo Paulo em Romanos 16,1-16 “explicita nominalmente mulheres e homens” (RICHTER REIMER, 2003, p. 1082). Apesar de não se ter o número exato de pessoas, pois apenas 29 são mencionadas pelo nome, é certo que existiam comunidades de pessoas cristãs que trabalhavam em Roma e isso é importante na reconstrução histórica das origens cristãs naquela cidade.

Para Ströher (2004, p. 106), é necessário “entender a construção do discurso sobre o corpo e o controle de corpos, saberes e poderes das mulheres e como se dá a confluência desses eixos, como se articulam, se entrecruzam e como as mulheres estão ministrando suas potencialidades e exercendo seus poderes” (p. 106).

Não há dúvida que deve haver uma nova forma de olhar para as coisas, em especial as Escrituras, para que seja possível a libertação de preconceitos em relação aos papéis das mulheres e dos homens, algo que foi criado pela classe dominante com o fim de manutenção do poder.

É salutar olhar com novos olhos a história do passado e o presente para que o futuro seja ainda melhor e para que a luta de tantos, seja mulheres ou homens, que reivindicaram mudanças não tenha sido em vão. Apenas assim se conseguirá contribuir para a construção de uma nova história com novos direitos, vencendo os preconceitos.

Durante séculos a cultura patriarcal vem moldando os valores, as percepções e as crenças da sociedade ocidental. Esses valores e crenças moldados pela cultura e que são refletidos nas leis e nos costumes, atingem a forma de como é distribuído o poder e determina o valor e o *status*.

É evidente que em uma sociedade patriarcal quem sairá perdendo serão as mulheres. Mas os homens também parecem sofrer e sentir-se mal em viver no mundo patriarcal (BOLEN, 2005, p. 22).

Segundo Bolen (2005, p. 24-25), a estrutura básica do homem, ou mesmo da mulher, é “vestida ou 'corporificada' ou 'detalhada' pelo indivíduo do sexo masculino, cuja singularidade é moldada por sua família, classe social, nacionalidade, religião, pelas experiências de vida e pela época em que vive, assim como por sua aparência física e inteligência”.

No patriarcado há perdedores e vencedores, isso significa que, nesse sistema invisível e hierárquico que defende ou apóia determinados valores e dá poder, existem favoritos.

Os valores patriarcais que enfatizam a aquisição do poder, o pensamento racional e estar no controle são inconscientemente ou conscientemente adotados e praticados por mães e pais, colegas, escolas e instituições que gratificam ou punem os comportamentos dos meninos (BOLEN, 2005, p. 34).

Os homens sufocam sua individualidade e suas emoções, assumindo um comportamento que venha ser o esperado pela sociedade. Desta forma, tudo que é inaceitável aos padrões dados por outros pode ser fonte de culpa e vergonha para o homem. Quando os homens eliminam ou reprimem aqueles comportamentos que os fazem se sentir inadequados ou vergonhosos eles estão se automutilando.

Bolen (2005, p. 36) afirma que dentro de cada um e no “bojo de nossa cultura patriarcal” existem deuses que necessitam ser libertos e outros que precisam ser contidos.

O patriarcado molda a relação entre o pai e seu filho; no nível mais externo dos costumes, os valores patriarcais determinam os traços e valores que são encorajados e recompensados e, dessa maneira, estipula que arquétipos terão precedência sobre os demais, tanto no plano do homem individual como da coletividade masculina (BOLEN, 2005, p. 38).



Para que o homem alcance a autoconhecimento, ele deve tornar-se consciente das influências que afetam as suas atividades e condutas. O homem precisa entender o que vem a ser o patriarcado e como ele molda seus filhos.

Através dos mitos de uma cultura pode-se perceber os valores e os padrões de relacionamento. “Os mitos ou histórias de nossa família pessoal, transmitem à geração atual dados sobre quem somos e o que é esperado de nós” (BOLEN, 2005, p. 40-41).

A Igreja cristã com seus mitos narrados na Bíblia promove uma hierarquia de poder patriarcal. Deus, o Criador de todas as coisas, o Todo Poderoso, que se encontra no céu, governando do alto e à distância espera ser obedecido e possui o direito de fazer o que quiser.

Em uma cultura patriarcal cada homem governa sua própria família dentro de seu lar com autoridade de rei.

A direita conservadora e as seitas cristãs fundamentalistas pronunciam-se de maneira hostil à legislação ou ao serviço social que, para eles, 'enfraquecem os tradicionais valores da família', enfraquecem a posição de senhor e – dono que o homem – rei ocupa dentro de sua própria casa, segundo o modelo patriarcal de família. O patriarcado explica a atitude 'tradicional' de oposição à autonomia das mulheres com respeito ao seu corpo, aos seus bens e à escolha de engravidar, assim como a oposição aos lares abrigados por mulheres espancadas, que são um refúgio seguro ou um meio de escapar de homens que as maltratam (BOLEN, 2005, p. 50).

A religião cristã está fundada, entre outras, na doutrina do pecado original. Esse mito serve para justificar o 'ressentimento' que Deus, como Pai, sentiu contra o homem, seu filho. Serve também para subjugar a mulher, pois a julga como responsável pela entrada do pecado no mundo.

A cultura patriarcal recompensa os homens pela capacidade que esses tem de obedecer alguém que tem mais autoridade e ambição, colocando num nível

inferior os seus sentimentos de amor e interesse pelo filho, gerando hostilidade e desvalorização das qualidades da criança.

Na Bíblia, na mitologia grega e até mesmo em telas de cinema pode-se ver mitos que falam de homens que em obediência a alguma autoridade estavam dispostos a sacrificarem seus próprios filhos e também revelam como esses pais foram recompensados, revelando de forma clara o que realmente é valorizado em uma cultura patriarcal. “A pessoa deve obedecer à autoridade e fazer o que for preciso para manter a autoridade que já tem” (BOLEN, 2005, p. 63). Deus exigiu o sacrifício de Isaque, filho de Abraão tido como filho da promessa. Este, sem questionar, obedeceu a Deus e recebeu dele mais poder do que já tinha, tornando conhecido como o pai da fé.

Assim sendo, a Videira – Igreja em Células discursa sobre uma santidade que está sendo requerida por Deus e a pessoa que quer se relacionar com outra pessoa deve traçar o caminho de santidade exigido por Ele, ou seja, seguindo o caminho da obediência e da negação a si mesmo, o que exige sacrifício. “Deus tá indo pelo caminho da santidade. Deus tá indo pela porta estreita e o caminho apertado. Ande atrás dele. Seja firme com o pecado. Seja radical em andar com Deus contra o diabo, contra o mundo, contra a carne” (Pr. Naor Pedroza, VHS 3a. Conferência Radicais Livres da Videira - Igreja em Células, disponível para locação na livraria da Igreja).

#### 4.1.2 O discurso tradicional num contexto de família em transformação

A análise sobre a temática família tem-se intensificado nas últimas décadas, sendo ela uma das instituições que mais tem sofrido os reflexos da transformação

social. Diferentes abordagens têm se interessado pelo estudo e observação das mudanças ocorridas no meio familiar buscando a compreensão dessa complexidade, e a psicologia, através da terapia familiar, vem acompanhando de perto tais mudanças.

O que se observa é que a chamada família tradicional tem passado por mudanças. Hoje, cada vez mais, são encontradas famílias uniparentais, que são freqüentemente chefiadas por mulheres, bem como um aumento no número de divórcios, despertando a preocupação das instituições religiosas de uma maneira geral.

No contexto da chamada família patriarcal, quem provê o alimento, a moradia, as vestimentas são os homens, porém com tais mudanças o que ocorre é que grande parte das mulheres tem assumido o papel econômico, trazendo sobre elas uma sobrecarga.

Diante de tais mudanças, este estudo vem apresentar a família sendo refletida em uma realidade religiosa no contexto da Videira - Igreja em Células e apresentar como esta instituição trata essas alterações na família.

Em uma perspectiva socioantropológica, considera-se a família, a sexualidade e a religião como redes de relações que envolvem variados aspectos, tais como a reprodução biológica e social, encontros sexuais e sociabilidade, crenças e rituais (HEILBORN, 2005, p. 9).

É importante destacar que o processo de individualização, que se constrói na base da dependência e da interdependência, é um fator que merece destaque no processo de socialização. A família, os grupos religiosos e o indivíduo, com o intuito de possibilitar melhores formas de relações, se unem em um processo de negociação a fim de apresentarem propostas de valores que facilitem a convivência.

Isto inclui a construção de identidade pessoal “compreendida pela socialização em sexualidade, práticas e valores sexuais, conjugabilidade, crenças, adesão e/ou conversão religiosa” (HEILBORN, 2005, p. 11).

Na história do matrimônio no Brasil observa-se que as uniões pelo casamento sofreram variações ao longo do tempo. O vínculo religioso católico era indissolúvel durante o império e determinava o estado conjugal das pessoas. De acordo com a lei No. 1829, de 1870, o Estado passou a ter o registro civil e a Igreja ficou obrigada a repassar a série de informações de casamentos registrados à autoridade civil. O casamento civil, único a ter validade jurídica e civil e que é independente do religioso, foi instituído na República pela lei de 24 de janeiro de 1890. Mesmo que as uniões reconhecidas fossem apenas a civil, o casamento religioso continuou sendo valorizado pelas pessoas, principalmente nos locais onde não haviam cartórios de registro civil. O divórcio foi permitido com direito a recasamento apenas em dezembro de 1977, através da lei nº 6515.

A família, segundo Berquó (1998, p. 414-415), é “a instituição a que é atribuída a responsabilidade por tentar superar os problemas da passagem do tempo tanto para o indivíduo como para a população”. A estrutura familiar brasileira vem sendo marcada pelas mudanças e permanências nas últimas décadas. A transformação tem sido de uma família hierárquica para uma família igualitária.

A psicologia tem acompanhado as mudanças que vem ocorrendo na história da família, através da terapia familiar, por considerar que essas transformações influenciam diretamente o ciclo vital da família. Um exemplo são as mudanças no papel da mulher no meio familiar. Atualmente, a mulher tem procurado firmar sua identidade não apenas no lar, mas também em projetos pessoais e profissionais. Um outro agravante nessas mudanças tem sido o número de separações.

Segundo Giddens (1993, p. 25), atualmente a sexualidade tem sido descoberta, revelada e tem propiciado desenvolvimento de estilos de vida variados. É uma elaboração social operante dentro dos campos do poder. Em Giddens (1993, p. 36), vemos que durante o século XIX, para a maior parte dos grupos na população, a formação dos laços matrimoniais baseava-se em outras considerações além dos julgamentos de valor econômico.

Idéias de amor romântico, antes de tudo exercendo a sua principal influência sobre os grupos burgueses, forma difundida em grande parte pela ordem social. 'Ser romântico' passou a ser sinônimo de cortejar, e os 'romances' formam a primeira forma de literatura a alcançar uma população de massa. A difusão dos ideais do amor romântico foi um fator que tendeu a libertar o vínculo conjugal de laços de parentesco mais amplos e proporcionou-lhe um significado especial. Maridos e esposas eram vistos cada vez mais como colaboradores em um empreendimento emocional conjunto, este tendo primazia até mesmo sobre suas obrigações para com seus filhos (GIDDENS, 1993, p. 36).

Foi a partir do final do século XVIII e início do século XIX que o amor romântico assumiu um lugar nas relações. O significado de amor apaixonado exprimia paixão religiosa. Saindo fora da utilização antiga de paixão religiosa, o amor apaixonado passou a representar uma expressão genérica: a conexão entre amor e ligação sexual.

O amor apaixonado é especificamente perturbador das relações pessoais, em um sentido semelhante ao do carisma; arranca o indivíduo das atividades mundanas e gera uma propensão às opções radicais e aos sacrifícios. Por esta razão, encarado sob o ponto de vista da ordem e do dever sociais, ele é perigoso. Dificilmente surpreende que o amor apaixonado não tenha sido em parte alguma reconhecido como base necessária ou suficiente para o casamento, e na maior parte das culturas tem sido refratário a ele (GIDDENS, 1993, p. 48).

O elemento do amor sublime tende a predominar sobre aquele do ardor sexual. Giddens (1993, p. 51) compreende que o amor rompe com a sexualidade, ainda que a empreenda. Segundo o autor, "a 'virtude' começa a assumir um novo sentido para ambos os sexos, não mais significando apenas inocência, mas qualidades de caráter que distinguem a outra pessoa como 'especial'".

Assim, o amor romântico implicava atração instantânea, ou seja, amor à primeira vista. Desta forma, a atração imediata fazendo parte do amor romântico deve ser separada completamente das compulsões sexuais e eróticas do amor apaixonado. “O ‘primeiro olhar’ é uma atitude comunicativa, uma apreensão intuitiva das qualidades do outro. É um processo de atração por alguém que pode tornar a vida de outro alguém digamos assim, ‘completa’” (GIDDENS, 1993, p. 51).

É essa idéia de romance que surgiu no século XIX que a Videira – Igreja em Células prega a seus adeptos em pleno século XXI. O discurso é:

Eu devo olhar a moça que me encantou; aproximar-me dela para conhecê-la melhor e deixá-la me conhecer, porque assim quando nos casarmos ela não vai poder dizer que eu a enganei. Eu devo me relacionar para fazer a minha esposa feliz (fala do pastor em um Workshop da corte no dia 08/09/2006).

Na última parte do século XIX o poder patriarcal no meio doméstico estava declinando, pois o domínio direto do homem sobre a família ficou enfraquecido com a separação entre lar e local de trabalho. Desta forma, a idéia de que os filhos precisavam de treinamento emocional a longo prazo levou às mulheres o controle sobre a criação dos filhos. Assim, “o centro da família deslocou-se ‘da autoridade patriarcal para afeição maternal’” (RYAN *apud* GIDDENS, 1993, p. 53)

Na história do amor romântico, seu início coincidiu com a emergência da novela, tornando-se distinto do amor apaixonado, mesmo que possuísse alguns resíduos dele. Segundo Giddens (1993, p. 56), o amor romântico presume algum grau de auto questionamento, como por exemplo: “Como eu me sinto em relação ao outro? Como o outro se sente a meu respeito? Será que os nossos sentimentos são ‘profundos’ o bastante para suportar um envolvimento prolongado?” Estas são questões apresentadas às pessoas nos grupos da corte na Videira - Igreja em

Células, que tende a proporcionar uma trajetória de vida prolongada, conduzida para um futuro previsto, mas maleável.

É possível perceber na Videira - Igreja em Células a preocupação com a perpetuação da família patriarcal, aquela em que todas as pessoas vivem bem na mesma casa em um relacionamento carismático, sem contendas. Por isso a preocupação de que a pessoa entre num relacionamento conhecendo bem a outra para que no futuro ocorram menos separações e divórcios, principalmente no seio da igreja, onde também são percebidas todas essas questões sociais que envolvem a sociedade como um todo.

Dá-se muita ênfase em conhecer bem o parceiro ou a parceira com quem se pretende casar para depois não haver choque. A preocupação primeiro deve ser em fazer a outra pessoa feliz e não pensar em si mesmo.

Não é importante você entrar num relacionamento preocupado com você mesmo. Veja, se você é alguém. Existe uma equação que nós fazemos que fala a respeito do que é o sentido do verdadeiro amor. Se eu sou alguém que entra num relacionamento achando que estou incompleto e quero me casar pra preencher o vazio da minha vida seria a seguinte equação: eu sou uma metade procurando alguém que é inteiro que vai me satisfazer. Meio vezes um dá quanto? Diga: meio (eco). Resolveu o seu problema? Outra equação aqui: se você e seu noivo se sentem vazios e insatisfeitos e crêem que o casamento mudará isso, a sua equação meio vezes meio é quanto? Um quarto. Completou? Não. E agora, se eu sou alguém que compreendo o verdadeiro sentido do amor, abandonei as coisas de menino, compreendo que amar é fazer da pessoa com quem eu vou me casar, do meu noivo, da pessoa com quem eu tô me casando a pessoa mais feliz dessa terra, vai ser uma pessoa inteira vezes um que vai dar o que? (fala do pastor em um Workshop da corte no dia 08/09/2006).

Há o pensamento de que quando se compreende o verdadeiro significado do que é o amor terá maior possibilidade de felicidade tanto individual quanto com quem se está relacionando, porque quem casa compreendendo essa verdade sabe que está se relacionando para conhecer a outra pessoa, andando com ela e descobrindo quem ela é.

Não vai querer ficar gastando tempo agarrando, beijando, abraçando porque isso não sobra tempo com a minha língua pra conversar. Vou gastar tempo com ela conversando, porque eu quero fazer dela lá na frente a mulher mais feliz dessa terra. Olha irmãos, vai desfrutar de um casamento que vale a pena ser vivido. O pastor Naor sempre menciona e eu quero também enfatizar para os irmãos. Por que que muitos casais lá na frente, de repente a mulher assusta e até dá um grito? Talvez no primeiro momento do casamento, na primeira semana, um mês, dois meses dá um grito: 'Ah, mãe, parece que o Fulano de Tal com quem eu me casei não é o mesmo. Não é aquele homem romântico que eu me relacionei no passado, que eu namorei. Mãe, me ajuda' (fala do pastor em um Workshop da corte no dia 08/09/2006).

Conhecer não apenas a pessoa com quem se pretende casar mas também a família do(a) pretendente é o pensamento daqueles que defendem a corte. A idéia é de que quando se conhece a maneira como o rapaz ou a moça se relaciona com a família é um espelho de como será depois do casamento, por isso, deve-se gastar mais tempo conhecendo a pessoa com quem quer se relacionar do que em toques que satisfazem apenas temporariamente.

Antes, ao em vez de tá conhecendo, conversando, vendo o camarada nervoso, como que ele era perto dos pais, como que era perto da mãe e do pai, como que ele reagia diante das situações de pressão, tava gastando tempo no amasso, tava ocupando a língua com outras coisas. Ao invés de conversar, de gastar tempo de resolver problema, a língua tava ocupada com outra coisa, percebe? Aí, quando tem a primeira pressão pós casamento desespera, por quê? Nunca viu o camarada bravo (fala do pastor em um Workshop da corte no dia 08/09/2006).

O pensamento de amor romântico é também questionado sob o ponto de vista do que se vê nas telas de cinemas. As pessoas são trazidas para a realidade, segundo o palestrante da Bíblia, sobre o que venha ser o verdadeiro amor.

Porque sempre teve aquela idéia romântica do mundo de amor. Amor é aquele sentimento de Hollywood que você vê no cinema, você olha e diz: 'Nossa, Lagoa Azul, olha lá que lindo. Nove Semanas e Meia de Amor, olha lá, aquilo que é amor'. Olha que mentira. Por que você acha que Paulo falou que o verdadeiro amor tudo suporta? É porque dentro do amor que o relacionamento de duas pessoas vai ter pressão e o verdadeiro amor consiste em suportar, o amor também consiste em perdoar. Quem ama de verdade na hora das pressões vai ter uma outra disposição, ao invés de chutar o balde e falar: 'Ai, essa não é a pessoa com quem eu me casei'. Pelo contrário, você vai falar: 'O amor tudo suporta, vou perdoar'. E a Bíblia diz também que o amor tudo crê (fala do pastor em um Workshop da corte no dia 08/09/2006).



Os líderes espirituais da Videira falam da corte como um caminho alternativo para os relacionamentos. O discurso é de que os relacionamentos são da vontade de Deus e foram por Ele estabelecidos.

Os relacionamentos compulsivos impedem a exploração reflexiva da auto-identidade. Um indivíduo co-dependente é alguém “cuja identidade mais íntima está subdesenvolvida ou é desconhecida, e que mantém uma identidade falsa construída a partir de ligações de fontes externas” (KASL apud GIDDENS, 1993, p. 104).

O equilíbrio de poder que influencia os relacionamentos é estabelecido pelos limites pessoais. Esses limites pessoais são importantes para se ter um relacionamento não-viciado, porque estabelecem o que pertence a quem, neutralizando, assim, os efeitos da identificação projetiva. Se em um relacionamento os limites são claros será de grande valor para o amor confluyente e para manutenção da intimidade. Assim, “a transformação da intimidade diz respeito ao sexo e ao gênero, mas não está limitada a eles” (GIDDENS, 1993, p. 109).

O indivíduo, segundo Giddens (1993), ao crescer e começar a se relacionar, vai fazê-lo conforme foi desenvolvido seu relacionamento com os pais, principalmente na infância.

Do ponto de vista institucional, quanto mais prossegue a transformação da intimidade, mais a transição edípica tende a ficar vinculada à ‘aproximação’: capacidade dos pais e dos filhos de interagirem tendo como base uma compreensão dos direitos do outro e das emoções do outro (GIDDENS, 1993, p. 130-131).

O patriarcado permanece fortificado na ordem social e econômica. Isso faz com que as mulheres permaneçam distanciadas da semelhança dos domínios privados ou públicos, pelo fato de que as mulheres ainda são as agentes principais da criação dos filhos e das tarefas domésticas (GOLDBERG apud GIDDENS, 1993, p. 172).

A sexualidade plástica, por ele considerada como a sexualidade descentralizada, liberta das necessidades de reprodução, juntamente com a transformação da intimidade, é capaz de promover condições que provoquem uma reconciliação entre os sexos. “O sexo [...] vem primeiro, e as mãos, os olhos, a boca e o cérebro vem depois; das entranhas irradia-se o conhecimento do eu, da religião e da imortalidade” (CARPENTER *apud* GIDDENS, 1993, p. 175).

A cultura moderna é constituída de um caráter repressivo.

A sociedade moderna é patriarcal e sua ênfase no casamento monogâmico serve para desenvolver traços de caráter autoritários, sustentando, deste modo, um sistema social explorador. Por trás deste fenômeno situa-se uma transição crucial na história primitiva, a partir de uma sociedade matriarcal em que a repressão da sexualidade infantil e adolescente era desconhecida (REICH *apud* GIDDENS, 1993, p. 180).

A invenção da sexualidade é um meio de gerar poder. Esse manifestar da sexualidade como poder tornou o sexo um mistério.

Segundo Foucault (1988, p. 80-82), existe uma certa representação de poder que leva a duas conseqüências opostas: uma é a promessa de liberação e a outra a afirmação. Essa representação pode ser encontrada nas análises políticas do poder e também do sexo. Naquilo que se refere ao sexo, a relação estabelecida pelo poder pode ser negativa: o poder diz não ao sexo e aos prazeres; o poder também dita as regras no que diz respeito ao sexo. O sexo fica, primeiramente, ligado a um regime binário de lícito e ilícito, permitido e proibido. A seguir o sexo é decifrado a partir de sua relação com a lei, o que leva a seu modo de ação jurídico-discursivo. Assim, a lei que irá funcionar no que diz respeito ao sexo é a de proibição, tendo por objetivo que o sexo renuncie a si mesmo. Desta forma, a lógica da censura será de afirmar aquilo que não é permitido, impedir que se diga algo sobre ele e negar que ele existe. Isso chegaria a um poder legislador que faz com que o poder

exercido sobre o sexo seja do mesmo modo em todos os níveis. De um lado aquele que manda, do outro o sujeito que obedece.

A representação do poder permaneceu marcada pela monarquia. “Permanecemos presos a uma certa imagem do poder-lei, do poder-soberania que os teóricos do direito e a instituição monárquica tão bem traçaram” (FOUCAULT, 1988, p. 85-86).

Os discursos, como os silêncios, nem são submetidos de uma vez por todas ao poder, nem opostos a ele. É preciso admitir um jogo complexo e instável em que o discurso pode ser, ao mesmo tempo, instrumento e efeito de poder, e também obstáculo, escora, ponto de resistência e ponto de partida de uma estratégia oposta. O discurso veicula e produz poder; reforça-o mas também o mina, expõe, debilita e permite barrá-lo. Da mesma forma, o silêncio e o segredo dão guarida ao poder, fixam suas interdições; mas, também, afrouxam seus laços e dão margem a tolerâncias mais ou menos obscuras (FOUCAULT, 1988, p. 96).

O controle ou domínio da sexualidade pode servir de manobras, ponto de apoio e de articulação às mais variadas estratégias.

O sexo passou, a partir do século XVIII, a receber um dispositivo de alianças que se estrutura em torno de um determinado sistema de regras que define o que é permitido e o que é proibido, o que é prescrito e o que é ilícito. Esse dispositivo funciona em acordo com técnicas móveis apresentadas sob diversas formas de poder e seus principais objetivos são de reproduzir a trama das relações e a manutenção das leis que a governam. Por fim, está determinado para uma homeostase do corpo social, a qual é sua função manter (FOUCAULT, 1988, p. 100-101).

Historicamente, a sexualidade instalou-se a partir do dispositivo de aliança e o núcleo formador foi a prática da penitência, do exame de consciência e da direção espiritual. As questões levantadas eram do tipo adultério, relações fora do casamento etc.

A célula familiar permitiu que se desenvolvessem os principais elementos do dispositivo da sexualidade. É no espaço familiar que se fixa e constitui o suporte da sexualidade. É na família que ocorre a troca da sexualidade, ou seja, o lugar obrigatório de afetos, sentimentos e amor é dado no seio familiar. Desta forma, a família passa a ocupar, a partir do século XVIII, o lugar central na sociedade.

Uma família reorganizada, com laços mais estreitos, intensificada com relação às antigas funções que exercia no dispositivo de aliança. Os pais, os cônjuges, tornam-se, na família, os principais agentes de um dispositivo de sexualidade que no exterior se apóia nos médicos e pedagogos, mais tarde nos psiquiatras, e que no interior, vem duplicar e logo 'psicologizar' ou 'psiquiatrizar' as relações de aliança (FOUCAULT, 1988, p. 104).

Segundo Stone (*apud* GIDDENS, 1993, p. 189-190), o amor estava no centro das mudanças da organização familiar e foi importante nas outras transformações que afetam a vida íntima. Assim, como qualquer outro aspecto da vida pessoal, a sexualidade foi presa e reestruturada na expansão dos sistemas de poder. Isso porque o sexo tornou-se mercadoria.

A sexualidade é geradora de prazer e o prazer leva a produtos comercializados numa sociedade capitalista. Falar de sexo e do prazer de praticá-lo dentro de uma instituição completamente reconhecida pelo Estado, pela Igreja e principalmente por Deus, como é o casamento, é a forma que a Videira - Igreja em Células encontrou para tratar do tema.

A discussão proposta por Giddens (1993, p. 106, 109, 206, 220), é da emergência do relacionamento puro, e este não apenas quanto a sexualidade, mas nas relações pais-filhos e outras formas de parentesco e/ou amizade. A sexualidade tornou-se um meio de transcendência quando associada à reprodução.

A Videira, quando fala dos relacionamentos, leva em consideração a forma de relacionamentos com os pais. Afinal, lê-se nas Escrituras em Mateus 15,4,

“porque Deus ordenou: honra a teu pai e tua mãe e quem maldisser a teu pai ou tua mãe seja punido de morte”. Desta forma, a Videira não apenas faz a reunião da corte com os solteiros, mas também com os pais, pois acreditam que os relacionamentos familiares são a base para se conquistar novos e bons casamentos no futuro, porque a vontade de Deus é ver aqueles que o servem prósperos.

Depois desta festa de honra a meu pai, Deus me concedeu um acerto na empresa em que eu trabalhava e prosperei de maneira impressionante. Meu ministério explodiu e muitas coisas boas aconteceram com a minha família.

Creio que essas portas nas nossas vidas estejam ligadas à honra que damos aos nossos pais. Isso é algo tão sério e às vezes não acreditamos (PEDROZA, 2005, p. 119-120).

Apresentam o relacionamento da corte como o melhor relacionamento, onde não vai haver toques e, se não der certo, pode terminar tudo sem peso de consciência e se envolver com outra pessoa sem que ninguém, principalmente o diabo, que aparece como acusador, poderá fazer nada com a mente da pessoa. Um exemplo dado no *Workshop* realizado em setembro de 2006 é o de dois casais que estão se relacionando naquilo que chamam de “namoro mundano adaptado nas igrejas”, em que se pode beijar, fazer um carinho de vez em quando, só não pode fazer sexo. Acontece, então, desses casais saírem juntos por estarem na mesma igreja, onde tem momentos de comunhão:

E aconteceu esta cena [...]. Nós vamos todos tomar um lanche, comunhão. De repente a gente senta lá na mesa aí começa, támo lá, naquele momento de comunhão aí começa o diabo [...]. Imagina a cena comigo e nós lá na mesa, naquele maior papo, aí vem os flashes do diabo na mente: ‘Esse camarada pegou na sua mulher tudo. Beijou. Cê tá achando que foi só você que beijou ela? Foi não. Aí ó, tá na sua frente aí ó’. Nosso Deus! Dá pra imaginar a cena? Misericórdia (fala do pastor em um Workshop da corte no dia 08/09/2006).

A Bíblia sempre é citada para confirmar o discurso. “A Bíblia fala pra não defraudarmos o nosso irmão, porque nós estamos usando algo que não é nosso. É por isso que nós não podemos trilhar esse caminho” (fala do pastor em um

Workshop da corte no dia 08/09/2006). Por isso que é melhor o relacionamento da corte onde vai ter só conversa, onde se vai relacionar numa amizade mais profunda. É por isso que se tem que avaliar nesses dias qual que é o caminho que quer trilhar em relação a esses relacionamentos. É o do namoro adaptado ou é o da corte, também chamado de caminho de santidade, onde não haverá defraudação contra a outra pessoa e se estará preservando tanto a própria vida, quanto a do seu cônjuge. Assim, serão felizes sabendo que se guardaram um para o outro.

O discurso sobre a corte também traz a questão da autoavaliação, principalmente da mulher, porque os homens são apresentados geralmente como 'safados', mas com um detalhe, antes de se converterem a Cristo e aderirem à Corte. São apresentadas estatísticas de gravidez inesperada com a afirmação de que é nas igrejas onde se encontra o maior número de mulheres solteiras que são mães. Isso acontece porque não estão programadas para o pecado. Isso significa que os casais que se relacionam em namoro adaptado estão justamente pensando em sexo. "Por isso que nós estamos te dando a dica e é uma palavra de Deus pra você: Seja radical. O Radical Livre, no que diz respeito a corte, é alguém que é radical mesmo em trilhar esse caminho da santidade" (fala do pastor em um Workshop da corte no dia 08/09/2006).

A partir do século XVIII no Brasil passaram a ocorrer divórcios entre casais de diversas camadas sociais, sendo a resolução legalmente entendida pela Igreja e pelo Estado como separação de corpos e de bens, não podendo os cônjuges cônjuges contraírem novas núpcias.

O processo mais antigo de divórcio que se tem notícia data de 1700. Antes da proclamação da República, o julgamento desses casos era de competência do

Tribunal Eclesiástico. A Igreja Católica é que tinha alçada, resolvendo a separação dos cônjuges legitimamente durante o período colonial.

A partir de 1890 começaram a aparecer processos encaminhados ao Tribunal de Justiça Civil e foi regulamentado com o Decreto 181, de 24 de janeiro de 1890, podendo ser movidas ações litigiosas ou amigáveis.

Por causa das pressões da Igreja os laços de matrimônio continuaram indissolúveis, mesmo com a incorporação da lei na Constituição de 1981. Como também ocorria no período colonial, a separação era apenas de bens e de vida comum, e o cônjuge não podia contrair novas núpcias. Até aqui, então, Igreja e Estado julgavam processos de divórcios. A partir da República o que importava mesmo era a decisão do Estado, que resolvia questões de divisão do patrimônio e tutela dos filhos.

Quem mais movia ações de anulação de casamento e de divórcio eram as mulheres. Esse dado é significativo, considerando que o papel de esposa era uma das poucas opções reservadas às mulheres. As causas de pedidos de divórcio eram diversas.

Samara (1986, p. 70) considera que é limitado o estudo acerca das causas de divórcios nos séculos XVIII e XIX, pois as justificativas apontadas pelo requerente eram muitas vezes aquelas consideradas válidas pelos tribunais, favorecendo o encaminhamento da ação.

Os motivos que a Igreja permitia a anulação e a separação do matrimônio eram: religião, adultério, sevícias, abandono do lar, injúria grave e doença infecciosa, merecendo atenção especial aquelas que atentavam contra a moral e os

costumes, como no caso da injúria grave. Um exemplo é que uma mulher, sentindo-se difamada porque o marido a acusava de não ter-se casado virgem, ela poderia pedir a separação.

No entanto, na Justiça Civil os motivos também eram os mesmos aceitos pela Igreja para se justificar os pedidos de divórcio: adultério, sevícias ou injúria grave, abandono voluntário do lar e o mútuo consentimento dos cônjuges.

Diversas eram as alegações para pedido de divórcio e apareciam associados. Num mesmo pedido poderia haver denúncia de adultério e sevícias ou de sevícias e doença infecciosa, por exemplo. Existia também a anulação ou divórcio perpétuo desde que não houvesse união carnal entre os cônjuges.

Lembrando que eram as mulheres que mais entravam com ações nos tribunais requerendo o divórcio, ao fazerem isso traziam à tona o problema de sua opressão.

Sendo a celebração do matrimônio considerada pela Igreja um sacramento, tornava o casamento indissolúvel e mais difícil de conseguir uma concessão do divórcio perpétuo.

Na atualidade, cada vez mais pessoas que não dão certo no casamento buscam o divórcio como solução para seu relacionamento conjugal. Pinezi (*apud* SOUZA, 2006, p. 32), afirma que as mudanças ocorridas no mundo moderno na instituição familiar tem levado ao questionamento da família tradicional e dos esteriótipos atribuídos “ao papel da mulher como dona-de-casa, esposa e ao homem como provedor e autoridade maior na família”.

Este é um fenômeno presente na sociedade brasileira, e outras, e que é fácil perceber: homens e mulheres não ocupam posições iguais na sociedade e suas identidades sociais são construídas através de papéis distintos.



A sociedade espera que homem e mulher cumpram os diferentes papéis dados a cada um. Por exemplo, às mulheres está atribuída a tarefa de socialização dos filhos, mesmo que a sociedade permita que essa função seja dada a outra pessoa da família ou a alguém assalariado, isso somente se a mulher precisar trabalhar fora para ganhar seu próprio sustento, dos filhos ou complementar o salário do marido (SAFFIOTI, 1987, p. 8).

Não obstante todas estas diferenças, que tornam a *vida da mulher* mais ou menos difícil, a responsabilidade última pela casa e pelos filhos é imputada ao elemento feminino. Torna-se, pois, clara a atribuição, por parte da sociedade, do espaço doméstico à mulher. Trabalhando em troca de um salário ou não, na fábrica, no escritório, na escola, no comércio, ou a domicílio, como é o caso de muitas mulheres que costuram, fazem crochê, tricô, doces e salgados, a mulher é socialmente responsável pela manutenção da ordem na residência e pela criação e educação dos filhos (SAFFIOTI, 1987, p. 9).

A identidade social é socialmente construída. A espécie humana elabora fenômenos naturais tornando-se impossível separar natureza daquilo que foi transformada através dos processos socioculturais.

Ao se afirmar que é natural que o espaço doméstico é o lugar ocupado por mulheres e o espaço público é para os homens, rigorosamente se está naturalizando um resultado da história.

Dada a desvalorização do espaço doméstico, os poderosos têm interesse em instaurar a crença de que este papel *sempre* foi desempenhado por mulheres (SAFFIOTI, 1987, p. 11).

Os seres humanos, diferentemente de outros animais, fazem história e as gerações mais velhas transmitem esta história às gerações mais jovens. São tradições passadas de uma a outra geração.

Segundo Saffioti (1987, p. 16), “o patriarcado, sistema de relações sociais que garante a subordinação da mulher ao homem, não constitui o único princípio estruturador da sociedade brasileira”, haja vista que em nossa sociedade não se

divide em homens dominadores e mulheres subordinadas. Existem homens que dominam homens, mulheres dominando mulheres, e até mulheres dominando homens. No entanto, as relações homem-mulher são permeadas de poder. O fenômeno de subordinação da mulher ao homem perpassa por todas as camadas sociais e termina sendo legitimada por todas as grandes religiões.

Para Saffioti (1987, p. 36), na teoria a família é constituída de um homem e uma mulher que se amam e se reproduzem, dando aos filhos o material necessário para subsistir e ainda um ambiente de carinho para que a criança desenvolva sua afetividade. Porém, na prática, raras são as famílias que cumprem tal função, pois, baseada na relação de dominação e subordinação, termina por não reunir condições fundamentais para educar para o desfrute do prazer as novas gerações.

Segundo Saffioti (1987, p. 50), “o patriarcado não resume a um sistema de dominação, modelado pela ideologia machista. Mais do que isto, ele é também um sistema de exploração”. Assim, tanto a dona-de-casa quanto a trabalhadora assalariada são objeto da exploração do homem, no plano da família. Desta forma, fica evidente a dimensão do patriarcado de dominação e de exploração.

A tendência predominante na sociedade é a repetição de comportamentos. A menina tende a repetir o modelo da mãe e o menino tende a reproduzir o modelo do pai. Mesmo que haja uma consciência e até rejeição há também o reconhecimento de que, de alguma forma, se está perpetuando injustiças sociais e agindo de forma conservadora. É preciso questionar com argumentos firmes, sólidos, tendo compreensão e clareza do caminho que se deve seguir.

É preciso ter em mente que tradições que foram construídas socialmente também podem ser destruídas socialmente. Para que mudanças sociais ocorram é necessário se posicionar.

#### 4.1.3 A luta da Videira – Igreja em Células por manutenção frente às mudanças sociais e a tantas ofertas religiosas

As mudanças ocorridas na sociedade com inserção da mulher no mercado de trabalho e os chamados movimentos feministas dão margem a questionamentos a respeito dos lugares tradicionais do homem e da mulher, inclusive no campo religioso, onde mulheres são consagradas bispas, pastoras, presbíteras e diáconas, demonstrando uma ruptura com o poder concentrado no homem.

Pesquisas demonstram que o número de mulheres que tem assumido a chefia na família vem aumentando desde 1970. Isso, no mínimo, sugere maior partilha do poder intra-familiar.

Por causa destas mudanças, inclusive a mudança do papel da mulher, a família tradicional encontra-se diretamente influenciada, e isso tem gerado alterações no ciclo vital familiar. A mulher tem procurado firmar-se além do reino do lar, na execução de projetos pessoais e profissionais, sem falar nas separações matrimoniais, fazendo surgir famílias uniparitais, chefiadas, freqüentemente por mulheres. Pode-se considerar que a responsável pelo enfraquecimento das fronteiras rígidas entre as categorias sociais é a ideologia igualitarista.

O discurso da Videira – Igreja em Células sobre a posição da mulher e do homem ocorre de maneira tradicional e patriarcal em que o lugar do homem é o exterior da casa e o da mulher é o lado interno, como esposa e mãe. A mulher deve ser submissa, obedecendo ao seu marido e não dar ouvidos aos discursos feministas que escravizam muitas mulheres.

A submissão e a obediência estão diretamente ligadas ao poder. Preste atenção, talvez você nunca pensou nisso. Hoje em dia nós somos uma geração que questiona Deus. Deus chega e diz: 'Mulheres, sejam submissas aos seus maridos'. Você fica mal e o pastor tem que pregar

horas pra te convencer que isso é bênção, porque o espírito do mundo, do feminismo que escraviza muitas mulheres, que se levanta contra Deus, não aceita. Eu poderia simplesmente chegar e: 'Irmã, eu não vou explicar, está escrito na Palavra de Deus e acabou. Se Deus disse é assim, não discuta'. Obediência absoluta obedece ao primeiro comando (Pastor Naor Pedroza, VHS 3a. - Conferência Radicais Livres da Videira – Igreja em Células, disponível para locação na livraria da Igreja).

Esse discurso revela a luta da Videira – Igreja em Células contra as mudanças que vem ocorrendo na sociedade, principalmente contra os movimentos feministas que, segundo o pastor, são um dos responsáveis pela degradação da tradicional família patriarcal.

Os processos da divisão do trabalho religioso e o processo de moralização e de sistematização das práticas e crenças religiosas estão constituídos sobre a condição dos processos realizados no âmbito de interdependência e de reforço.

Para Bourdieu (1998, p. 36) “a racionalização da religião possui sua normatividade própria sobre a qual as condições econômicas podem agir apenas como 'linhas de desenvolvimento' [...], estando ligada sobretudo ao desenvolvimento de um corpo especificamente sacerdotal”.

Radin (*apud* Bourdieu, 1998, p. 37-38) afirma que o monoteísmo está ligado à aparição de “um corpo de sacerdotes solidamente organizado”. Esse corpo de sacerdotes “tem a ver diretamente com a racionalização da religião e deriva o princípio de sua legitimidade de uma teologia erigida em dogma, cuja validade e perpetuação ele garante”.

Segundo Bourdieu (1998, p. 40), as formações sociais estão divididas em diferentes pólos dispostos em divisão de auto-consumo religioso e monopolização completa da produção religiosa por especialistas. Por serem extremos, estes pólos correspondem a “tipos opostos de relações objetivas (e vividas) com os bens

religiosos”, e ainda, “tipos nitidamente distintos de sistemas simbólicos, como por exemplo os *mitos e as ideologias religiosas*”

Existem certas práticas mágicas e nestas práticas existem os seguintes traços: pessoas que buscam essa prática mágica visam objetivos concretos e específicos, parciais e imediatos; sugere coerção ou manipulação dos poderes sobrenaturais; e existe o formalismo e ritualismo do toma lá da cá (BOURDIEU, 1998, p. 45).

Toda prática ou crença dominada está fadada a aparecer como *profanadora* na medida em que, por sua própria existência e na ausência de qualquer intenção de profanação, constitui uma contestação objetiva do monopólio da gestão do sagrado e, portanto, da *legitimidade* dos detentores deste monopólio (BOURDIEU, 1998, p. 45).

Quanto a função e o funcionamento do campo religioso Bourdieu (1998, p. 57) afirma que as religiões lançam mão daquilo que denominou capital religiosos em busca do monopólio. Este capital religioso “depende do estado, em um dado momento do tempo, da estrutura das relações objetivas entre a *demanda religiosa* e a *oferta religiosa* que as diferentes instâncias são compelidas a produzir e a oferecer”.

Na divisão de trabalho religioso o profeta e o feiticeiro possuem funções distintas pelas posições diferentes que cada um ocupa. Enquanto o papel do profeta é afirmar sua pretensão ao exercício legítimo do poder religioso o papel do feiticeiro é responder de modo contínuo às demandas parciais e imediatas, ou seja, lança mão do discurso de 'cura das almas'. Contudo, cada oficial religioso, seja ele sacerdote, mago ou profeta, cada um tem sua função, porém o que cada um desses visam irá ficar com o monopólio, ou seja, quem deterá o poder, neste caso, é quem ficará com o maior número de almas.

Para Weber (1991, p. 318), a cura das almas é “racional-sistemática também um produto da religião profética revelada. Sua fonte é o oráculo e o aconselhamento pelo mago em casos nos quais as doenças ou outras adversidades sugerem um pecado mágico”.

Segundo Weber (1991, p. 279), “a ação ou o pensamento religioso ou 'mágico' não pode ser apartado, portanto, do círculo das ações cotidianas ligadas a um fim, uma vez que também seus próprios fins são, em sua grande maioria, de natureza econômica”.

A crença nos espíritos confere ao ser concreto sua força de ação específica, que pode penetrar neste e ainda abandoná-lo a fim de desaparecer ou entrar noutra pessoa ou objeto. Através desta abstração se constituirá a profissão do mago mágico. O mago é “uma pessoa carismaticamente qualificada de modo permanente, em oposição à pessoa comum, o 'leigo’” (WEBER, 1991, P. 280). É aquele que requisitou para si o estado que representa ou transmite o carisma, o êxtase, como objeto de empreendimento. Ao leigo cabe apenas o êxtase ocasional, conhecendo-o como enlevo necessariamente eventual em face das exigências da vida cotidiana.

O domínio da ação religiosa é constituída pela regulação das relações entre os deuses, demônios, a alma e poderes sobrenaturais e os homens. Assim sendo, o que realmente importa é o significado que cada pessoa dá a esses fenômenos.

Para que continue sendo venerado, o deus deve provar seu poder. Esse deus deve possuir uma ética que não está limitada ao monoteísmo. Essa ética cria-se uma tabuização ou tabu, que através de sua racionalização, leva a um sistema de normas, vinculadas à importância de certos espíritos que habitam certos objetos.

A partir do exposto, pode-se concluir que a instituição religiosa Videira – Igreja em Células possui seu lugar na sociedade com seu discurso acerca da

sexualidade e da família, pois encontra pessoas que abraçam o discurso e sentem necessidade de ver uma transformação no mundo em que estão vivendo, tanto para si, quanto para a geração de seus filhos.

Os fiéis da Videira – Igreja em Células, repetem o discurso de seus líderes acerca da importância da família e da necessidade de se preservar sexualmente, principalmente aqueles que hoje já encontram-se casados. Dão testemunhos de uma vida abundante na presença de Deus e isso deve-se à vida de obediência com o seu Senhor. Relatam a felicidade que estão tendo estando casados e como foi o processo de adesão à Corte, mesmo que antes de se tornarem fiéis da Igreja praticassem sexo, ou como falam, vivessem maritalmente.

Nós andávamos separados durante esse período de Corte para não pecar. Foi difícil mas nós vencemos e hoje estamos colhendo os frutos por desejarmos viver o relacionamento da corte. Vivemos quase um ano antes de nos casarmos sem pelo menos nos beijar. Nós andávamos sempre acompanhados. Quando ela vinha por uma rua, literalmente, eu atravessava para o outro lado para não correr o risco de pecar (testemunho de uma das pessoas que viveram o processo da corte em um *workshop* no dia 08.09.2006, na tenda da Videira).

Os fiéis da Videira – Igreja em Células, assim como Bourdieu afirma, estão no processo de toma lá dá cá. Vivem em abstinência durante um certo período da vida antes de se casarem e Deus abençoa sua união, união esta que é ensinada segundo os padrões bíblicos da família patriarcal.

Ao apresentar pessoas que testemunham mudanças em suas vidas devido a prática da obediência a Videira – Igreja em Células se firma e novos adeptos vão surgindo, pois com tantas pessoas sofrendo por causa do adultério de seu cônjuge vai em busca da igreja para receber oração, para que sua família volte ao padrão determinado por Deus nas Escrituras.

Não resta dúvidas de que um dos fatores que tem levado a Videira – Igreja em Células a esse tipo de comportamento seja o surgimento de novos movimentos religiosos que têm-se formado ao longo dos últimos anos, fazendo com que o conceito de religião também sofra modificações. Um exemplo é o Movimento da Nova Era que também é conhecido como conglomerado de tendências, ou seja, esse movimento não possui textos sagrados, dogmas, líderes e nem é um grupo fechado. Não há como dizer que as pessoas de hoje, pelo menos uma boa parte da população, não estão fascinadas pela nova forma de apresentação que as religiões tem tomado.

Siqueira e Lima (2003), afirma que está havendo um cruzamento e entrecruzamento com grandes tradições religiosas e isso tem levado à retirada do homem do centro e levado para um cosmocentrismo pós-moderno, ou seja, o humanismo começa a deixar seu lugar para uma busca sobrenatural místico-exotérico.

Cada Ser Humano tem feito uma busca pela religiosidade, porém esta busca não é imposta e nem foi herdada, mas é algo individual. A religião moderna está voltada para o indivíduo, visando seu equilíbrio psíquico e bem estar corporal. O propósito é de viver bem sua vida aqui na terra sem preocupações.

A religião moderna é a desinstitucionalização, a destradicionalização e um pluralismo religioso. A pessoa para ser religiosa não necessita de uma institucionalização para dizer a ela o que fazer, pois a espiritualidade está dentro dela mesma e ela pode acessá-la quando quiser, não necessitando de uma instituição, uma igreja com um líder que diga o que deve ou não fazer. As pessoas tem buscado caminhos que se auto-identificam, indicando uma tentativa de



“construção e de vivência de um novo estilo de vida que implica em uma melhor qualidade de vida” (SIQUEIRA E LIMA, 2003, p. 158).

O que difere um grupo religioso de outros grupos da sociedade são os rituais, as crença e o tipo de organização.

Alguns momentos na vida fazem com que as pessoas se aproximem mais de Deus pelo desejo de serem tiradas de determinada situação de dor, sofrimento, doença etc. Isso faz com que busquem Deus em intercessão por outros próximos, parentes e amigos ou por si mesmas.

Em meio a tantos novos movimentos religiosos, surgiram os denominados neopentecostais, igrejas nascidas a partir da década de 1970 e se caracterizam pelo corte histórico-institucional, “suas consideráveis distinções de caráter doutrinário e comportamental, suas arrojadas formas de inserção social e seu *ethos* de afirmação do mundo” (MARIANO, 1999, p. 37).

Segundo Mariano (1999, p. 42-45), no meio religioso crenças, práticas culturais e rituais são incorporadas com uma impressionante velocidade e versatilidade. Práticas como as correntes de oração, os ritos do exorcismo, o rompimento com a idéia da busca pela salvação através do asceticismo de rejeição ao mundo, a Teologia do Domínio e da Prosperidade, o rompimento com o legalismo pentecostal, são algumas características apontadas para demonstrar a acomodação das igrejas neopentecostais no mundo.

Dentre tantas outras instituições religiosas que fazem parte do movimento neopentecostal encontra-se a Videira – Igreja em Células com seus dogmas, seus ritos, suas doutrinas e sua organização.

Como estratégia de crescimento, técnica de controle da sexualidade e visando a manutenção da família patriarcal, a Videira – Igreja em Células, criou o

denominado grupo da Corte em que prega a felicidade no matrimônio e uma vida próspera e abençoada.

Um dos desafios que os agentes religiosos encontram é corresponder as necessidades de seus fiéis. Weber afirma que

a relação entre sacerdote e leigos assume importância decisiva para a atuação prática da religiosidade. Quanto mais especificamente congregacional o caráter da organização, tanto mais a posição poderosa dos sacerdotes enfrenta a necessidade de ter em contra, no interesse das conservação e propagação do grupo de adeptos, as necessidades dos leigos. Em certo grau no entanto essa situação é comum a todo tipo de sacerdócio. Para manter sua posição de poder freqüentemente tem de condescender, em alto grau, às necessidades dos leigos (WEBER, 1991, 313).

Ainda sobre o assunto, Bourdieu (1998) diz que

em função de sua posição na estrutura da distribuição do capital de autoridade, propriamente religiosa, as diferentes instâncias religiosas, indivíduos ou instituições, podem lançar mão do capital religioso na concorrência pelo monopólio de gestão do bens de salvação e do exercício legítimo de poder religioso enquanto poder de modificar em base duradoura as representações e práticas dos leigos inculcando-os um *habitus* religioso (BOURDIEU, 1998, p. 57).

Os líderes da Videira – Igreja em Células pregam destacando o modelo ideal de família – pai, mãe e filhos – afirmando que este é o modelo estabelecido por Deus. Prega também a prática do sexo dentro do casamento, que é a união conjugal de aliança que não pode ser quebrada, utilizando como espelho o próprio Deus, através de Jesus Cristo e seu relacionamento com a humanidade de entrega sem esperar nada em troca, pois o Ser Humano não possui nada que possa oferecer a Deus.

Vós, mulheres, submetei-vos a vossos maridos, como ao Senhor; porque o marido é a cabeça da mulher, como também Cristo é a cabeça da igreja, sendo ele próprio o Salvador do corpo. Mas, assim como a igreja está sujeita a Cristo, assim também as mulheres o sejam em tudo a seus maridos. Vós, maridos, amai a vossas mulheres, como também Cristo amou a igreja, e a si mesmo se entregou por ela, a fim de a santificar, tendo-a purificado com a lavagem da água, pela palavra, para apresentá-la a si mesmo igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem qualquer coisa semelhante, mas santa e irrepreensível. Assim devem os maridos amar a suas próprias mulheres, como a seus próprios corpos. Quem ama a sua

mulher, ama-se a si mesmo. Pois nunca ninguém aborreceu a sua própria carne, antes a nutre e preza, como também Cristo à igreja; porque somos membros do seu corpo. Por isso deixará o homem a seu pai e a sua mãe, e se unirá à sua mulher, e serão os dois uma só carne. Grande é este mistério, mas eu falo em referência a Cristo e à igreja. Todavia também vós, cada um de per si, assim ame a sua própria mulher como a si mesmo, e a mulher reverencie a seu marido (EFÉSIOS 5,22-33).

Aqui é retratado o simbolismo de Cristo como esposo e a igreja a sua noiva. Da mesma forma que Cristo amou a Igreja entregando-se por ela, o marido também deve amar sua esposa e sacrificar-se por ela. Este é o modelo estabelecido por Deus.

Este terceiro capítulo permitiu-nos visualizar mudanças no campo religioso e no meio social tem provocado desejo nas pessoas de encontrarem segurança. Atentos a esse sentimento a Videira – Igreja em Células vem utilizando de estratégias para manutenção e crescimento, a fim de ganhar adeptos ao movimento. Com seu discurso, vem crescendo e expandindo seus templos em toda região e com projetos para todo Brasil e para o exterior.

Essa investida se dá pela busca de pessoas da sociedade pelo cumprimento da oferta religiosa de um matrimônio feliz e abençoado, já que o número de divórcio tem aumentado fazendo surgir certa insegurança quanto ao relacionamento, já que a tendência do Ser Humano é querer sentir-se seguro.

## 5 CONCLUSÃO

Não há como negar que as mudanças na instituição familiar e no comportamento sexual tem levado algumas pessoas a procurar algo 'seguro', tanto no que se refere à união conjugal, quanto à prática do sexo.

Grande número de pessoas tem aderido à confissão religiosa Videira – Igreja em Células, mesmo que suas pregações tenham um caráter fundamentalista quanto a alguns assuntos da Bíblia. Ali, os líderes pregam sobre a obediência 'cega', ou seja, se há um líder ele é autoridade, e autoridade é instituída por Deus, logo para se fazer a vontade de Deus deve-se obedecer a autoridade. Se essa autoridade afirma que para se andar com Deus deve-se abster sexualmente e buscar um determinado padrão de santidade é o que se deve fazer. Assim, o inimigo, referido simbolicamente pela serpente ou o diabo relatado nas Escrituras, não poderá entrar nas casas e destruir as famílias.

Para a Videira – Igreja em Células, Deus tem um propósito para o seu povo, contudo Ele usa poucas pessoas para cumprir este propósito. A proposta da Corte surgiu com o intuito de resgatar valores esquecidos, como por exemplo o de obedecer a Palavra de Deus e isso inclui voltar aos primórdios, ao livro do Gênesis, no Jardim do Éden, quando o próprio Deus instituiu a família.

Quanto a prática do sexo, desde que praticado dentro do casamento é considerado sagrado, limpo, puro e não tem nada de mal, já que a sexualidade é algo dado ao Ser Humano por Deus para que goze de felicidades e bênçãos.

Também é possível perceber que há um desejo de controle, já que as mudanças na prática sexual tem levado a um alto índice de gravidez precoce, causando também um desconforto familiar, já que a mãe e o pai da criança muitas

vezes não se casam, formando assim uma família 'torta', em que o pai daquela criança casa-se com outra pessoa e a mãe também se casa com outro ou às vezes nem se casa, passando a viver como mãe solteira. Essa realidade acaba por gerar um desconforto, assim, resta legitimar a doutrina religiosa através de textos da Bíblia.

A Videira – Igreja em Células instituiu o grupo da Corte visando a felicidade no matrimônio, mas é possível afirmar que em todo o discurso proferido acerca da família há um desejo de manutenção do *status quo* de uma hierarquia familiar em que a autoridade máxima no lar é o homem e a mulher submissa à sua autoridade.

Usando da capacidade que a religião possui de legitimar normas, líderes da Videira – Igreja em Células criou suas próprias regras naquilo que se refere à família e a sexualidade, determinando o modelo tradicional da família patriarcal como o modelo das Escrituras, portanto instituído por Deus. Esse modelo de família é apresentado à sociedade como a maneira adequada de rebater mudanças de comportamento das pessoas frente a elevados números de divórcios e as transformações da estrutura patriarcal – pai, mãe e filhos, todos juntos numa mesma casa e felizes.

Sem dúvidas, mudanças no campo religioso e no meio social tem provocado desejo nas pessoas de encontrarem segurança. Atenta a esses sentimentos, a Videira – Igreja em Células vem utilizando de estratégias que promovam sua manutenção e crescimento, a fim de ganhar adeptos ao movimento. Com seu discurso, vem crescendo e expandindo seus templos em toda região e com projetos para todo Brasil e para o exterior.

Essa investida se dá pela busca de pessoas da sociedade pelo cumprimento da oferta religiosa de um matrimônio feliz e abençoado, já que o número de divórcios na sociedade tem aumentado, fazendo surgir certa insegurança quanto aos relacionamentos, já que a tendência do Ser Humano é querer sentir-se seguro.

Considerando que os movimentos feministas são uma ameaça à estabilidade da Igreja e das pessoas que querem servir a Deus seguindo curso diferente do 'mundo', a Videira – Igreja em Células também debate contra tais movimentos afirmando que o feminismo afasta a mulher da posição de submissão e do papel que recebeu de Deus de unir-se ao homem como esposa submissa, contestando a autoridade do marido em casa.

A Videira – Igreja em Células tem se posicionado frente a todas as mudanças que vem ocorrendo na sociedade quanto ao aspecto familiar e sexual, o que leva as pessoas a acreditarem que possuem uma chance de se proteger e se resguardar de tais influências. Assim, o grupo de fiéis vem aumentando, aderindo aos pensamentos pregados pela mencionada instituição religiosa.

Profeta que fala aos fiéis em nome de Deus, sacerdotes que procuram seguir à risca tudo que foi pronunciado como sendo projeto de Deus e fiéis que se submentem à autoridade da liderança, é esta enfim a prática religiosa da Videira – Igreja em Células.

Isto representa uma tentativa de resgatar um modelo tradicional da família patriarcal, cuja força vem sendo perdida gradativamente com o passar dos anos.

A busca do prazer sexual fora do casamento, a constituição de famílias uniparitais, a ocorrência de divórcios são causadores de problemas e devem evitados. A prática da Corte, a preparação e a constituição de um casamento segundo princípios bíblicos, esta é a chave para a verdadeira felicidade no que se

refere à vida amorosa e conjugal, segundo a visão da Videira – Igreja em Células. O que vai além disso são causas de problemas e infelicidades, trazendo grandes danos para os indivíduos e para a sociedade.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Andréa Moraes. Família, sexualidade e velhice feminina. In: HEILBORN, Maria Luiza *et al* (Orgs.). *Sexualidade, família e ethos religioso*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005, p. 19-38.

ALVES, Branca Moreira e BARSTED, Leila Linhares. Permanência ou mudança: a legislação sobre família no Brasil. In: RIBEIRO, Ivete. *Sociedade brasileira contemporânea: família e valores*. São Paulo: Loyola, 1987, p. 165-187.

ARIÈS, Philippe. A família. In: \_\_\_\_\_. *História social da criança e da família*. 2a. ed. Tradução de Dora Flaksman. Rio de Janeiro: LTC, 19XX, p. 131-196.

ARMSTRONG, Karen. Em nome de Deus: o fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, 490 p.

AZZI, Riolando. Família e valores no pensamento brasileiro (1870-1950). Um enfoque histórico. In: RIBEIRO, Ivete. *Sociedade brasileira contemporânea: família e valores*. São Paulo: Loyola, 1987, p. 85-120.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. Tradução de Sérgio Milliet. Volume 2. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980, p. 9-65.

BERGER, Peter. *O dossel sagrado: Elementos para uma teoria sociológica da religião*. Tradução de José Carlos Barcelos. São Paulo: 1985, p. 15-113.

BERGSON, Henri. *Matéria e memória*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BERQUÓ, Elza. Arranjos familiares no Brasil: uma visão demográfica. In: NOVAIS, Fernando e SCHWARCZ, Lília Moritz. *História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 411-438.

BILAC, Elizabete Dória. Sobre as transformações nas estruturas familiares no Brasil. Notas preliminares. In: RIBEIRO, Ivete e RIBEIRO, Ana Clara Torres. *Família em processos contemporâneos: inovações na sociedade brasileira*. São Paulo: Loyola, 1995, p. 43-. (Coleção Seminários Especiais/Centro João XXIII).

BOLEN, Jean Shinoda. *Os deuses e os homens: uma nova psicologia da vida e dos amores masculinos*. Tradução de Maria Silva Mourão Netto. 2a. Edição. São Paulo: Paulus, 2005, 458p.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. 5a. Edição. São Paulo: Perspectiva, 1998, p. 34-79.

\_\_\_\_\_. *A dominação masculina*. Tradução de Maria Helena Kühner. 5a. Edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007, 160 p.



CALÇADA, L. *Bíblia Sagrada*. CD Rom. Europa Multimídia.

CARIDADE, Amparo. *Sexualidade: corpo e metáfora*. São Paulo: Iglu, 1997, 151 p.

CARVALHO, Maria do Carmo Brant de. O lugar da família na política social. In: *A família contemporânea em debate*. 6a. Edição. São Paulo: EDUC; Cortez, 2005, p. 15-22.

DAVIDSON, F. *O novo dicionário da Bíblia*. 3a. Edição. São Paulo: Vida Nova, 1997, p. 1378.

DELUMEAU, Jean. *De religiões e de homens*. Tradução de Nadyr de Salles Penteadó. São Paulo, 2000, p. 225-240.

\_\_\_\_\_. *O pecado e o medo: a culpabilização no ocidente (séc. 13-18)*. tradução de Álvaro Lorencini. Volume 1. Bauru: EDUSC, 2003, 623 p.

DESCHENER, K. *História sexual del cristianismo*. Zaragoga: Yalde, 1989.

DURKHEIM, Émile. As formas elementares de vida religiosa. Tradução de Joaquim Pereira Neto. São Paulo: Paulinas, 1989, pp. 27-79; 139-169; 239-296; 363-392; 421-491.

EILBERG-SCHWARTZ, Howard. *O falo de Deus e outros problemas para o homem e o monoteísmo*. Rio de Janeiro: Imago, 1995, p. 121-129.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. Tradução de Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 1-61.

ERICKSON, Victória Lee. *Onde o silêncio fala*. Tradução de Cláudia Gerpe Duarte. São Paulo: Paulinas, 1991, p. 25-90.

ERTHAL, T. C. S. *Terapia vivencial: uma abordagem existencial em psicoterapia*. 3a. Edição. Petrópolis: Vozes, 1989.

ESTEBAN, Concha Gomes. PRIETO, Carlos. Mulheres e relações assalariadas, hoje. In: *Fragmentos de Cultura*, Goiânia, UCG, v. 13, n. 3, mai./jun., 2003.

FERNANDES, Francisco; LUFT, Celso Pedro; GUIMARÃES, F. Marques. *Dicionário Brasileiro Globo*. 54A edição. São Paulo: Globo, 2001.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 1: a vontade de saber*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 16a. Edição. Rio de Janeiro: Graal, 2005, 152 p.

GAARDER, Jostein; HELLERN, Victor; & NOTAKER, Henry. *O livro das religiões*. Tradução de Isa Mara Lando. 12a. Edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 195-224.

GEBARA, Ivone. Pensar a rebeldia cristã a partir das relações de gênero. In: SOUZA, Sandra Duarte de (Org.). *Gênero e religião no Brasil: ensaios feministas*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2006, p. 135-146.

GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: UNESP, 1993, 228 p.

HEILBORN, Maria Luiza et al. (Orgs.). *Sexualidade, família, e ethos religioso*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005, p. 9-16.

HELLER, Ágnes. *Sociologia de la vida cotidiana*. 5a. Edição. Barcelona: Península, 1998, p. 19-400.

JEUDY, Henri-Pierre. *Memórias do social*. São Paulo: Forense Universitária, 1990.

KEMP, Jaime. *Sua família pode ser melhor*. 11a. Edição. São Paulo: Sepal, 2001, 154 p.

KEPEL, Gilles. *La revanche de Dios*. Salamanca: Anaya; Mário Muchnick, 1995, p. 13-114.

LEERS, Bernadino. Filosofia, moral, ética, família e sociedade no Brasil (1964-1984). In: RIBEIRO, Ivete. *Sociedade brasileira contemporânea: família e valores*. São Paulo: Loyola, 1987, p. 121-164.

LEMONS, Carolina Teles. Sexualidade: a construção social de um conceito. In: *Fragmentos de Cultura*. Goiânia. v. 10. No. 05, p. 867-878, set./out. 2000.

\_\_\_\_\_. Concepção de sexualidade e reprodução humana no pensamento católico. In: *Fragmentos de Cultura*. Goiânia. v. 11. No. 04, p. 629-642, jul./ago. 2001.

\_\_\_\_\_. *Religião, gênero e sexualidade: o lugar da mulher na família camponesa*. Goiânia: Editora da Universidade Católica de Goiás, 2005, 244 p.

LIMA, Lana Lage da Gama. Confissão e sexualidade. In: PARKER, Richard; BARBOSA, Regina Maria (Orgs.). *Sexualidades brasileiras*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996, p. 38-50.

LÓPEZ AZPITARTE, Eduardo. *Culpa e pecado: responsabilidade e conversão*. Tradução de Gentil Avelino Tilton. Petrópolis: Vozes, 2005, 200p.

MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: Sociologia do Novo Pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1999.

MARCONI, Marina de Andrade e LAKATOS, Eva Maria. Fundamentos de metodologia científica. 6a. Edição. São Paulo: Atlas, 2005, p. 176-216.

MASSIMI, Marília e MAHFOUD, Miguel. Senso religioso: dinamismo da experiência, desafio para a psicologia. In: \_\_\_\_\_. *Diante do Mistério: psicologia e senso religioso*. São Paulo: Loyola, 1999. p. 11-13.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa; e VELASQUES FILHO, Prócoro. *Introdução ao protestantismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1990.

MOREIRA, D. A. *O método fenomenológico na pesquisa*. São Paulo: Pioneira, 2002, 152 p.

NOBRE, Silas Rebouças. *A racionalidade nas igrejas neopentecostais nascidas em Goiânia*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2003. 104 p.

PEDROZA, Naor. *Corte versus namoro: relacionamento radical*. Goiânia: Videira, 2005, 183 p.

PETRELLI, Rodolfo. *Fenomenologia: teoria, método e prática*. Goiânia: UCG, 2001.

PEREIRA, Nacy C. Editorial: Pautas para uma hermenêutica feminista de libertação. *Revista de Interpretação Bíblica Latino-americana*. Petrópolis, n. 25, 1996, p. 5-10.

RICHTER REIMER, Ivoni. A economia dos mistérios eclesiais: uma análise de Romanos 16,1-16. *fragmentos de cultura*. Gyn, v. 13, n. 5, 2003, p. 1079-1092.

\_\_\_\_\_. Mudança de paradigmas e gênero – busca de construção de relações mais justas e gostosas. In: SILVA, Valmor (Org.). *Ensino Religioso: Educação centrada na vida*. Subsídios para a formação de professores. São Paulo: Paulus, 2004, p. 35-48.

ROMANELLI, Geraldo. Autoridade e poder na família. In: *A família contemporânea em debate*. 6a. Ed. São Paulo: EDUC; Cortez, 2005, p. 73-88.

RUBIN, Gayle. Reflexionando sobre el sexo: notas para una teoría radical de la sexualidad. In: VANCE, Carol. *Placer e religio: explorando la sexualidad feminina*. México: Revolución, 1989, p. 113-190.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. *O poder do macho*. 7a. ed. São Paulo: Moderna, 1987.

SAMARA, Eni de Mesquita. *A família brasileira*. 3a. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986, 89 p.

SAMPAIO, Tânia Mara Vieira. Aids e religião: uma permanente construção de saberes e diálogo. In: SOUZA, Sandra Duarte de (Org.). *Gênero e religião no Brasil: ensaios feministas*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2006, p. 113-134.

SANTOS, Naira Carla de Guiseppe Pinheiro. Representações de gênero, religião e trabalho doméstico: resultados de uma pesquisa entre batistas na cidade de São Paulo. In: SOUZA, Sandra Duarte de (Org.). *Gênero e religião no Brasil: ensaios feministas*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2006, p. 69-80.

SARTI, Cyntia Andersen. A família como universo moral. In: \_\_\_\_\_. *A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres*. 3a. Edição. São Paulo: Cortez, 2005, p. 55-89.

SHIRLEY, Robert W. *O fim de uma tradição*. São Paulo: Perspectiva, 1977.

SOUZA, Sandra Duarte de. Religião e secularização: gênero dos discursos e das práticas das mulheres protestantes. In: \_\_\_\_\_. *Gênero e religião no Brasil: ensaios feministas*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2006, p. 29-44.

SILVA, Eliane Moura da. Fundamentalismo evangélico e questões de gênero: em busca de perguntas. In: SOUZA, Sandra Duarte de (Org.). *Gênero e religião no Brasil: ensaios feministas*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2006, p. 11-27.

SIQUEIRA, Deis; LIMA, Ricardo Barbosa de (Orgs.). *Sociologia das adesões: novas religiosidades e a busca místico-esotérica na capital do Brasil*. Rio de Janeiro: Garamond; Vieira, 2003, p. 25-64; 107-169.

STEGEMANN, Ekkehard W e STEGEMANN, Wolfgang. Papéis sociais e situação social de mulheres no mundo mediterrâneo e no protocristianismo. In: \_\_\_\_\_. *História do protocristianismo*. Os primórdios no judaísmo e as comunidades de Cristo no mundo mediterrâneo. Tradução de Nélio Schneider. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulus, 2004, p. 401-453.

STRÖHER, Marga J. Corpos, poderes e saberes nas primeiras comunidades cristãs. Uma aproximação a partir das “cartas Pastorais”. In: \_\_\_\_\_; DEIFELT, Wanda e MUSSKOFF, André S. (Orgs.). *A flor da pele: Ensaio sobre gênero e corporeidade*. São Leopoldo: EST; CEB; Sinodal, 2004, p. 105-136.

SZYMANSKI, Heloisa. Teorias e “teorias” de famílias. In: *A família contemporânea em debate*. 6ª ed. São Paulo: EDUC; Cortez, 2005, p. 22-27.

TOMITA, Luiza E. *O desejo seqüestrado das mulheres: desafio para a teologia feminista no século 21*. In: SOUZA, Sandra Duarte de. *Gênero e religião no Brasil: ensaios feministas*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2006, p. 147-167.

VAINFAS, Ronaldo. *Trópico dos pecados: moral, sexualidade e inquisição no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997, 363 p.

VASCONCELOS, Naumi de. *Sexo: questão de método*. São Paulo: Moderna, 1994, 87 p.

WEBER, Max. *Economia e sociedade*. Tradução de Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. Volume 1. Brasília: UNB; São Paulo: UnB, 1991, pp. 279-320; 350-404.

\_\_\_\_\_. *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. Tradução de Regis Barbos e Karen Elsabe Barbosa; Revisão Técnica de Gabriel Cohn. Volume 2. Brasília: UNB; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999, p. 175-186.

\_\_\_\_\_. *Ensaio de sociologia*. 5a. Edição. Tradução de Waltensir Dutra. LTC, 1982, pp. 154-183; 309-346.

\_\_\_\_\_. *Metodologia das ciências sociais*. Parte 2. Tradução de Augustin Wernet. 2a. Edição. São Paulo: Cortez; Campinas/SP: UNICAMP, 1995, p. 351-354.

## DOCUMENTOS DA IGREJA

3a. CONFERÊNCIA Radicais livres da Videira – Igreja em Células – Aconselho-te que de mim compres ouro refinado pelo fogo, Apocalipse 3,18 (filme-video). Goiânia: Editora Videira. Palestrante Pastor Naor Pedroza. 2003, 90 min., color, son., VHS, v. 1. português.

SEMINÁRIO Côrte x namoro: relacionamento radical (filme-video). Goiânia: Editora Videira. Palestrante Pastor Naor Pedroza. 80 min., color, son., VHS, v. 5. português.

WORKSHOP Côrte x namoro: relacionamento radical. Realizado na tenda da Videira no dia 08.09.2006.

CONTRATO ou aliança (CD). Pr. Graig Hill. In: *Palavras que incendeiam: ministério da palavra*. 25.11.2006 – Sábado de manhã. Disponível na Livraria da Videira – Igreja em Células.

O PLANO de Deus para a família (CD). Pr. Graig Hill. In: *Palavras que incendeiam: ministério da palavra*. 25.11.2006 – Sábado à noite. Disponível na Livraria da Videira – Igreja em Células.

O PODER da aliança (CD). Pr. Graig Hill. In: *Palavras que incendeiam: ministério da palavra*. 26.11.2006 – Domingo a tarde. Disponível na Livraria da Videira – Igreja em Células.

SANTIDADE no relacionamento (CD). Pr. Graig Hill. In: *Palavras que incendeiam: ministério da palavra*. 26.11.2006 – Domingo a noite. Disponível na Livraria da Videira – Igreja em Células.

O SONHO do Éden (CD). Pr. Sizninando. In: Palavras que incendeiam: ministério da palavra. 24.11.2006 – Sexta-feira à noite. Disponível na Livraria da Videira – Igreja em Células.